Ana Beatriz Barbosa Silva

Autora de Mentes Inquietas
Mais de 200.000 livros vendidos

mentes perigosas

O psicopata mora ao lado

Como reconhecer e se proteger de pessoas frias e perversas, sem sentimento de culpa, que estão perto de nós

Livro: Mentes Perigosas - O Psicopata Mora ao Lado

Autora: Ana Beatriz Barbosa Silva

Editora: FONTANAR

Gênero: Psiquiatria/Psicologia

Páginas: 213

Numeração de páginas: rodapé

Edição: 1

Acabamento: Brochura

Mentes Perigosas - O psicopata mora ao lado

Ana Beatriz Barbosa Silva

Como reconhecer e se proteger de pessoas frias e perversas, sem sentimento de culpa, que estão perto de nós.

FONTANAR

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

A Celinha, pela cumplicidade, pelo carinho, pela torcida e por ser a pessoa mais "do bem" que eu já conheci.

A Mónica Cristina dos Santos, pelo material pesquisado e pela ajuda preciosa.

A Roberta Nunes de Oliveira, Rogério Nunes de Oliveira, Alexandre Oliveira Tavares, Anik Rebello A. Machado, Lúcio Campinho, Ana Cristina H. M. Viana e Cecília Gross, pela troca generosa de ideias e incentivos.

A Sandrinha, Susi e Miti, pelo carinho e pela parceria profissional.

Aos meus pais e minha irmã, pelo amor incondicional.

A Vânia e a Gigi, por alegrarem meus dias de trabalho caseiro.

A Mirian Pirolo, por compartilhar as dúvidas, as angústias e as alegrias que envolveram a realização deste livro.

A todos aqueles que de alguma forma me ajudaram a colocar as idéias no papel.

INTRODUÇÃO

O escorpião aproximou-se do sapo que estava à beira do rio. Como não sabia nadar, pediu uma carona para chegar à outra margem. Desconfiado, o sapo respondeu: "Ora, escorpião, só se eu fosse tolo demais! Você é traiçoeiro, vai me picar, soltar o seu veneno e eu vou morrer."

Mesmo assim o escorpião insistiu, com o argumento lógico de que se picasse o sapo ambos morreriam. Com promessas de que poderia ficar tranquilo, o sapo cedeu, acomodou o escorpião em suas costas e começou a nadar.

Ao fim da travessia, o escorpião cravou o seu ferrão mortal no sapo e saltou ileso em terra firme.

Atingido pelo veneno e já começando a afundar, o sapo desesperado quis saber o porquê de tamanha crueldade. E o escorpião respondeu friamente:

- Porque essa é a minha natureza!

Vez por outra, essa fábula surge em minha mente, seja no cotidiano profissional ou através do acompanhamento das notícias diárias, pelos jornais e TV. Trata-se de uma história arquetípica, que ilustra exemplarmente a natureza das pessoas que serão analisadas e descritas, ao longo deste livro.

A idéia de escrever sobre psicopatas surgiu em razão do momento violento, desumano e marcado por escândalos que nos abatem, mas também serve como um alerta aos desprevenidos quanto à ação destruidora desses indivíduos. Devo admitir minha ousadia, mas não pude resistir às inúmeras solicitações dos meus leitores, pacientes, conhecidos e amigos.

Quando pensamos em psicopatia, logo nos vem à mente um sujeito com cara de mau, truculento, de aparência descuidada, pinta de assassino e desvios comportamentais tão óbvios que poderíamos reconhecê-lo sem pestanejar. Isso é um grande equívoco!

Para os desavisados, reconhecê-los não é uma tarefa tão fácil quanto se imagina. Os psicopatas enganam e representam muitíssimo bem! Seus talentos teatrais e seu poder de convencimento são tão impressionantes que chegam a usar as pessoas com a única intenção de atingir seus sórdidos objetivos. Tudo isso sem qualquer aviso prévio, em grande estilo, doa a quem doer.

Mas quem são essas criaturas tão nocivas? São pessoas loucas ou perturbadas? O que fazem, o que sentem? Como e onde vivem? Todos são assassinos?

Este livro discorre sobre pessoas frias, insensíveis, manipuladoras, perversas, transgressoras de regras sociais, impiedosas, imorais, sem consciência e desprovidas de sentimento de compaixão, culpa ou remorso. Esses "predadores sociais" com aparência humana estão por aí, misturados conosco, incógnitos, infiltrados em todos os setores sociais. São homens, mulheres, de qualquer raça, credo ou nível social. Trabalham, estudam, fazem carreiras, se casam, têm filhos, mas definitivamente não são como a maioria das pessoas: aquelas a quem chamaríamos de "pessoas do bem".

Em casos extremos, os psicopatas matam a sangue-frio, com requintes de crueldade, sem medo e sem arrependimento. Porém, o que a sociedade desconhece é que os psicopatas, em sua grande maioria, não são assassinos e vivem como se fossem pessoas comuns.

Eles podem arruinar empresas e famílias, provocar intrigas, destruir sonhos, mas não matam. E, exatamente por isso, permanecem por muito tempo ou até uma vida inteira sem serem descobertos ou diagnosticados. Por serem charmosos, eloquentes, Página 12

"inteligentes", envolventes e sedutores, não costumam levantar a menor suspeita de quem realmente são. Podemos encontrá-los disfarçados de religiosos, bons políticos, bons amantes, bons amigos. Visam apenas o benefício próprio, almejam o poder e o status, engordam ilicitamente suas contas bancárias, são mentirosos contumazes, parasitas, chefes tiranos, pedófilos, líderes natos da maldade.

A realidade é contundente e cruel, entretanto, o mais impac-tante é que a maioria esmagadora está do lado de fora das grades, convivendo diariamente com todos nós.

Transitam tranquilamente pelas ruas, cruzam nossos caminhos, frequentam as mesmas festas, dividem o mesmo teto, dormem na mesma cama...

Apesar de mais de vinte anos de profissão, ainda fico muito surpresa e sensibilizada com a quantidade de pacientes que me procuram com suas vidas arruinadas, totalmente em frangalhos, alvejadas por esses "seres bípedes" que sugam o nosso sangue e vampirizam a nossa alma.

É importante ressaltar que os psicopatas possuem níveis variados de gravidade: leve, moderado e severo. Os primeiros se dedicam a trapacear, aplicar golpes e pequenos roubos, mas provavelmente não "sujarão as mãos de sangue" ou matarão suas vítimas.

Já os últimos, botam verdadeiramente a "mão na massa", com métodos cruéis sofisticados, e sentem um enorme prazer com seus atos brutais. Mas não se iluda!

Qualquer que seja o grau de gravidade, todos, invariavelmente, deixam marcas de destruição por onde passam, sem piedade.

Além de psicopatas, eles também recebem as denominações de sociopatas, personalidades anti-sociais, personalidades psicopáticas, personalidades dissociais, personalidades amorais, entre outras. Embora alguns estudiosos prefiram diferenciá-los, no meu entendimento esses termos se equivalem e descrevem o mesmo perfil. No entanto, por uma questão de foro íntimo e visando facilitar a compreensão, o termo psicopata será o utilizado neste livro.

Página 13

A parte racional ou cognitiva dos psicopatas é perfeita e íntegra, por isso sabem perfeitamente o que estão fazendo. Quanto aos sentimentos, porém, são absolutamente deficitários, pobres, ausentes de afeto e de profundidade emocional. Assim, concordo plenamente quando alguns

autores dizem, de forma metafórica, que os psicopatas entendem a letra de uma canção, mas são incapazes de compreender a melodia.

Com base nessa premissa, optei por não inserir trechos de letras de canções brasileiras na abertura dos capítulos, recurso narrativo que costumo adotar em minhas obras.

Música é emoção, sentida com a alma. Entendo que repetir a mesma fórmula ao descrever o comportamento de criaturas desprovidas de afetividade seria, no mínimo, um contra-senso.

Aqui não me proponho, sob qualquer hipótese, a oferecer ajuda terapêutica aos indivíduos com esse perfil. Ao contrário, o meu objetivo é informar o público em geral, para que fique de olhos e ouvidos bem abertos, despertos e prevenidos. Suas vítimas prediletas são as pessoas mais sensíveis, mais puras de alma e de coração...

Também tenho como propósito expor parâmetros para que possamos avaliar, em que escala, cada um de nós está contribuindo para promover uma cultura social na qual a psicopatia encontra um terreno fértil para prosperar.

Esta obra contém histórias reais que me foram relatadas por vítimas de psicopatas, direta ou indiretamente, e casos tratados com destaque na imprensa. Não estou afirmando que os exemplos aqui citados representam autênticos psicopatas, e sim que ilustram de forma bastante didática comportamentos que um psicopata típico teria.

Além disso, todos os casos apresentados se prestam muito bem à exemplificação dos mais diversos níveis de psicopatia, desde os mais leves até os moderados e severos.

Dessa forma, tentei esquadrinhar e tornar o tema o mais abrangente possível, a fim de responder a uma série de perguntas que, na maioria das vezes, nos deixa absolutamente confusos. Assim

espero contribuir para que as pessoas se previnam das ameaças que nos rondam de forma silenciosa. Estou convencida de que falhas em nossas organizações familiares, educacionais e sociais são dados importantes e merecem estudos aprofundados e toda a nossa atenção, mas por si só não são suficientes para explicar o fenômeno da psicopatia.

A natureza dos psicopatas é devastadora, assustadora, e, aos poucos, a ciência começa a se aprofundar e a compreender aquilo que contradiz a própria natureza humana.

O conteúdo aqui exposto é denso e intrigante. As páginas percorrem as mentes sombrias de criaturas cujas vidas parecem não ter se desenvolvido totalmente. Saber identificá-las pode ser um antídoto (talvez o único) contra seu veneno paralisante e mortal.

Infelizmente a desinformação nos torna vulneráveis, indefesos como "sapos tolos", fisgados pelas habilidades camaleonicas dos "escorpiões". Prepare-se, porque certamente você

conhece, já ouviu falar ou convive com um deles. Ana Beatriz Barbosa Silva.

Página 15

Qualquer história sobre consciência é relativa à conectividade que existe entre todas as coisas do universo. Por isso, mesmo de forma inconsciente, alegramo-nos frente à natureza gentil dos a tos de amor.

Capítulo 1

Razão e sensibilidade: um sentido chamado consciência

Lembro como se fosse hoje. Fecho os olhos e lá estou eu e meus colegas no anfiteatro principal do Hospital Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro. Aquilo que a princípio deveria ser mais uma das palestras do nosso vasto currículo do curso de medicina foi fundamental na minha vida profissional.

Era sexta-feira, nove horas da manhã, e eu me encontrava sonolenta e exausta, em função do plantão que havia feito na noite anterior. Confesso que por uns dez a 15

minutos quase rezei para que o palestrante faltasse ao seu compromisso. Dessa forma, poderia ir para casa, tomar um belo banho e dormir o sono dos justos sem nenhuma pontinha de culpa.

Por volta de 9h15, um homem franzino e muito branco, que trajava uma calça jeans e um discreto blusão azul, adentrou o auditório repleto de alunos, subiu no tablado e desenhou na lousa o seguinte gráfico: [no texto original em tinta aparece um esquema de duas linhas que se cruzam e na ponta de casa uma está uma seta. Ao norte está escrito “estar” e a leste a palavra “ser”].

Em tom provocador e entusiasmado, ele entonou em voz firme e forte a seguinte questão: "O que é consciência?".

Ainda sob o impacto daquela estranha presença, que sequer se apresentou, a turma entreolhava-se de forma discreta na

Página 19

expectativa de que alguém quebrasse o silêncio constrangedor que inundava o anfiteatro.

Por mais estranho que possa parecer, aquele silêncio me despertou, ou melhor, toda aquela situação me intrigou de alguma forma. Senti-me desafiada pelo questionamento que aquele homem havia jogado no ar!

Rapidamente ajeitei-me na cadeira, esfreguei os olhos e impulsivamente disparei: "Bom dia, mestre, sou estudante do terceiro ano desta faculdade (UERJ) e gostaria de saber o seu nome, a sua especialidade e uma pequena explicação sobre o gráfico na lousa."

Por uma fração de segundos percebi que tinha sido ligeiramente indelicada e também desafiadora. Quando deparei com o professor à minha frente, pude observar certo bom humor em sua fisionomia, o que foi confirmado por suas palavras: "Bom dia a todos os académicos aqui presentes! Meu nome é Osvaldo e sou médico psiquiatra, professor assistente da cadeira de psiquiatria desta faculdade."

Sem pestanejar, o professor Osvaldo, dirigindo-se a mim, fez valer a lei da ação e reação: "Vejo que você está muito interessada no tema de hoje. Então vamos iniciar nossa aula com a sua descrição sobre a consciência."

Naquele momento percebi que o ditado "quem está na chuva é pra se molhar" era inteiramente verdadeiro e, sem possibilidades de fuga, falei: "Professor, quando ouço a palavra consciência dois sentimentos me vêm à cabeça: um de ordem prática, ou seja, se estou acordada ou não; e outro de ordem subjetiva, que me remete ao fato de eu ter consciência de quem eu sou e qual o meu papel no mundo."

Com um sorriso de aprovação nos lábios, o professor continuou: "Em parte você já explicou o gráfico aqui colocado. De certa forma, seu ponto de vista está correto. Mas vamos nos aprofundar um pouco mais nessas questões". Apontando para o desenho na lousa, ele prosseguiu:

"ESTAR consciente é fazer uso da razão ou da capacidade de raciocinar e de processar os fatos que vivenciamos. ESTAR consciente é ser capaz de pensar e ter ciência das nossas ações físicas e mentais. Na clínica médica, podemos averiguar o estado de alerta ou lucidez que uma pessoa apresenta num determinado momento.

Assim, podemos perceber num exame clínico o estado ou nível de consciência, no qual podemos encontrar as seguintes palavras: lúcido, vigil, hipovigil, hipervigil, confuso, coma profundo etc. Todas elas atestam o nível de percepção que temos em relação ao mundo.

"Alguém que utilize certas doses de álcool, por exemplo, pode apresentar o seu nível de consciência reduzido (hipovigil) ou até mesmo atingir o estado de coma. De forma inversa, as anfe-taminas (estimulantes) - muito utilizadas em dietas de emagrecimento -

costumam fazer o cérebro trabalhar mais depressa, deixando as pessoas mais 'acesas', mais 'elétricas', com a fala rápida, e podem provocar insónia e muita irritabilidade. Esse estado é conhecido como hipervigilância".

Finalmente alguém falava de forma clara como deveríamos iniciar um exame clínico dos nossos futuros pacientes. Entusiasmados e atentos às explicações do professor, fizemos inúmeras perguntas sobre acidentes automobilísticos, traumatismos cranianos, substâncias tóxicas e tantas outras situações que podem alterar nossos níveis de consciência.

A segunda parte da aula não se tratava mais de identificar o estado ou nível de consciência de

alguém, mas sim de algo muito mais complexo. Agora a questão era

"SER OU não SER".

"SER consciente não é um estado momentâneo em nossa existência, como falamos anteriormente, SER consciente refere-se à nossa maneira de existir no mundo. Está relacionado à forma como conduzimos nossas vidas e, especialmente, às ligações emocionais que estabelecemos com as pessoas e as coisas no nosso dia-a-dia. Ser dotado de consciência é ser capaz de amar", concluiu o professor.

Ao soar o sinal, a maioria da turma se levantou, esvaziando o anfiteatro. Por alguns minutos, fiquei ali pensativa como se algo tivesse me atingido de forma estranha e paralisante. Vi o professor Osvaldo saindo; de longe fez um gesto discreto de despedida que, sem querer, não consegui responder. Na minha mente duas palavras ecoavam estridentes: consciência e amor! Não sabia explicar o porquê, mas naquele momento fui tomada por duas inquestionáveis certezas: eu estava lúcida (vigil) e experimentava uma emoção maravilhosa e transcendente de ser uma pessoa consciente.

De lá para cá, muitos anos se passaram, mas aquela aula - em especial a sua parte final -

foi decisiva na minha vida. A partir daquele dia, exercer a psiquiatria passou a ser parte inseparável da minha existência. Eu tinha a consciência de que a minha profissão seria um canal por onde emoções muito boas transitariam por toda a vida. Ser consciente é ser capaz de amar.

Como visto na aula do professor Osvaldo, o termo consciência é ambíguo, sugerindo dois significados totalmente distintos. E por isso mesmo, é compreensível que a esta altura o leitor esteja confuso. Na realidade, a consciência é um atributo que transita entre a razão e a sensibilidade. Popularmente falando, entre a "cabeça" e o "coração".

Falar sobre consciência pode ser uma tarefa "fácil" e "difícil" ao mesmo tempo. O

"fácil" são as explicações científicas sobre o desenvolvimento da consciência no cérebro, que envolvem engrenagens como atenção, memória, circuitos neuronais e estruturas cerebrais, que só serviriam para confundir um pouco mais. Nada disso vem ao caso agora, pelo menos não é esse o meu propósito. Portanto, esqueça! Aqui, vou considerar o lado "difícil", subjetivo e relativo ao sentido ético da existência humana: o SER consciente.

Mostrar apreço às condutas louváveis, ser bondoso ou educado, ter um comportamento exemplar e cauteloso, preocupar-se

com o que os outros pensam a nosso respeito nem de longe pode ser definido como

consciência de fato. Afinal, a consciência não é um comportamento em si, nem mesmo é algo que possamos fazer ou pensar. A consciência é algo que sentimos. Ela existe, antes de tudo, no campo da afeição ou dos afetos. Mais do que uma função comportamental ou intelectual a consciência pode ser definida como uma emoção.

Peço licença e vou um pouco além. No meu entender, a consciência é um senso de responsabilidade e generosidade baseado em vínculos emocionais, de extrema nobreza, com outras criaturas (animais, seres humanos) ou até mesmo com a humanidade e o universo como um todo. É uma espécie de entidade invisível, que possui vida própria e que independe da nossa razão. É a voz secreta da alma, que habita em nosso interior e que nos orienta para o caminho do bem.

A consciência nos impulsiona a tomar decisões totalmente irracionais e até mesmo com implicações de risco à vida. Ela permeia as nossas atitudes cotidianas (como perder uma reunião de negócios porque seu filho está ardendo em febre) e até as nossas ações de extrema bravura e de auto-sacrifício (como suportar a dor de uma tortura física e psicológica em função de um ideal). E, assim, a consciência nos abraça e conduz pela vida afora, porque está em plena comunhão com o mais poderoso combustível afeti-vo: o amor.

De forma bem prosaica, imagine a seguinte situação:

Você está no aconchego do seu apartamento, depois de um dia exaustivo de trabalho e reuniões. Momentos depois, o interfone toca anunciando a visita inesperada de uma grande amiga. Ela está grávida de sete meses e chegou abarrotada de sacolas com as últimas compras do enxoval. Apesar do cansaço, você fica verdadeiramente feliz com sua presença.

Por alguns momentos, vocês conversam alegremente sobre o bebé, os planos para o futuro e colocam as "fofocas" em dia. Lá pelas tantas da noite, sua amiga diz que precisa ir embora.

Em frações de segundos, você pensa: "Preciso tomar um banho e dormir, será que ela vai entender se eu não acompanhá-la até a portaria do prédio?", "Mas ela está grávida e tem tanta coisa pra carregar!", "É melhor eu ir junto, não foi isso que me ensinaram".

Bom, essa tagarelice mental, que azucrina tal qual um crime cometido, sem dúvidas não é imoral. É absolutamente humana, natural e foge ao nosso controle. Mas também não é a sua consciência soprando no seu ouvido.

Ao contrário do "vou ou não vou", você é imediatamente tomado por um impulso generoso e se flagra no elevador com sua amiga, suas bolsas e sacolas. Chama um táxi, abre a porta do carro, diz ao motorista para ir com cuidado e se despedem felizes.

Hum! A consciência é assim mesmo: chega sem avisar e não complica, apenas faz!

Uma história mais comovente:

São Paulo, domingo, novembro de 2007. Cerca de três minutos após ter decolado do aeroporto Campo de Marte, um Learjet 35 caiu de bico sobre uma residência, onde moravam 14 pessoas de uma mesma família. No acidente morreram o piloto, o co-piloto e seis pessoas que estavam na casa. Os vizinhos Airton, de 47 anos, e seu pai, o sr.

Ângelo, de 75, correram para o sobrado da família Fernandes assim que ouviram o barulho da queda do avião. Pai e filho conseguiram salvar Cláudia Fernandes, de 16

anos. Eles ouviram o choro da garota, que é autista e brincava com sua amiga Laís na hora do acidente. Airton, emocionado, descalço e com a blusa suja de sangue e cinzas, lamentava ter conseguido salvar apenas uma única vida. O sr. Ângelo queimou a mão ao salvar Cláudia e, após ser atendido por médicos no local, permaneceu na rua tentando furar o bloqueio policial para voltar aos escombros.

Sem qualquer sombra de dúvidas, podemos afirmar que Airton e Ângelo possuem consciência. E naquela tarde de domingo, eles não pensaram, simplesmente agiram: isso é pura consciência em exercício.

Página 24

Todas as pessoas portadoras de consciência se emocionam ao testemunhar ou tomar conhecimento de um ato altruísta, seja ele simples ou grandioso. Qualquer história sobre consciência é relativa à conectividade que existe entre todas as coisas do universo. Por isso, mesmo de forma inconsciente (sem nos darmos conta), alegramo-nos frente à natureza gentil dos atos de amor.

A consciência genuína

No decorrer da nossa história, muitos estudos e teorias se formaram em torno da consciência e das inevitáveis polémicas sobre o "bem" e o "mal". Com o passar dos séculos, a consciência foi e ainda é alvo de discussões entre teólogos, filósofos, sociólogos e, mais recentemente, desafia e intriga cientistas e juristas.

De fato, conceituar ou definir consciência é algo extremamente complexo que pode gerar controvérsias por anos a fio. Isso porque ela está acima de teorias religiosas ou mesmo psicológicas e científicas.

A meu ver, ter consciência ou ser consciente trata-se de possuir o mais sofisticado e evoluído de todos os sentidos da vida humana: o "sexto sentido". Atrevo-me a afirmar que tal sentido foi o último a se desenvolver na história evolutiva da espécie humana.

Nossa humanidade, benevolência e condescendência devem ser atribuídas a esse nobre sentido. A consciência é criadora do significado de nossa existência e, de forma subjetiva, também é criadora do significado da vida de cada um de nós.

Ela influencia e determina o papel que cada um terá na sociedade e no universo.

Como disse anteriormente, a consciência é tão espetacular que só podemos senti-la, e talvez esteja aí toda a sua grandeza. Se existe alguma coisa de divino em nós, entendo que a nossa consciência seja essa expressão e, quem sabe, uma fração incalculável do tão falado e pouco praticado amor universal ou incondicional.

Na verdade, esse "sexto sentido" é essencialmente baseado na compaixão e na verdadeira prática do amor.

Uma vez que a consciência está profundamente alicerçada em nossa habilidade de amar, em criar vínculos afetivos e nos abastecer dos mais nobres sentimentos, ela nos faz subjetivamente únicos, porém integrados e sincrônicos com o TODO maior e transcendente (tenha ele o nome que tiver, nos diversos povos ao redor do mundo).

A consciência genuína nos impulsiona a ir ao encontro do outro, colocando-nos em seu lugar e entendendo a sua dor. Somos tomados por gestos simples como desejar "bom dia" àqueles que não conhecemos ou ligar para um amigo só para dizer: "Olá, como vai?

Estou aqui para o que der e vier!"

Inundados de consciência, pedimos desculpas sinceras àqueles que magoamos ou ferimos num momento de equívoco. Agradecemos aos nossos pais pela oportunidade da vida e pelos ensinamentos de retidão. Vibramos e nos emocionamos frente à superação de um atleta, que derrama lágrimas ao subir no degrau mais alto do pódio.

Esse "sexto sentido" é que nos comove com as situações trágicas e também com a felicidade do encontro de irmãos separados desde a infância. Ele nos traz indignação frente ao preconceito, ao desrespeito às regras sociais, à intolerância ao próximo, à falta de educação, à corrupção e à impunidade.

A consciência nos inspira a zelar pelo nosso animal de estimação e a nos desesperar pelo seu desaparecimento. Inspira-nos a chorar copiosamente com o nascimento de um filho e acompanhá-lo rumo à descoberta do mundo ao seu redor. Permite-nos sentir a profundidade de uma bela melodia, apreciar a exuberância de uma flor e exclamar:

"Nossa, que linda!"

A consciência gera movimentos de extrema grandeza pela paz e leva milhares de pessoas às ruas para protestar contra a violência; impulsiona o sacrifício voluntário e incondicional de pessoas que lutam em prol da humanidade. Ela alegra nossos corações com os primeiros raios de sol, anunciando que o dia será

mais colorido, e também com a chuva que faz brotar a plantação, garantindo o nosso

"pão de cada dia".

É a consciência que nos impele a doar órgãos em momentos de extrema dor e a torcer por um final feliz. Impulsiona indivíduos a salvar muitas vidas, mesmo sabendo que pode ser o seu próprio fim. Leva-nos às preces, às orações e às correntes do bem na esperança de dias melhores.

Movimenta-nos contra a seca, a fome, o desmatamento das florestas e a destruição da camada de ozônio, que colocam em risco o rumo do planeta e o futuro das novas gerações. Enfim, nos pequenos ou nos grandes gestos, a consciência genuína - e somente ela - é capaz de mudar o mundo para melhor.

Capítulo 2

Os psicopatas: frios e sem consciência

Eles vivem entre nós, parecem fisicamente conosco, mas são desprovidos deste sentido tão especial: a consciência.

Muitos seres humanos são destituídos desse senso de responsabilidade ética, que deveria ser a base essencial de nossas relações emocionais com os outros. Sei que é difícil de acreditar, mas algumas pessoas nunca experimentaram ou jamais experimentarão a inquietude mental, ou o menor sentimento de culpa ou remorso por desapontar, magoar, enganar ou até mesmo tirar a vida de alguém.

Admitir que existem criaturas com essa natureza é quase uma rendição ao fato de que o

"mal" habita entre nós, lado a lado, cara a cara. Para as pessoas que acreditam no amor e na compaixão como regras essenciais entre as relações humanas, aceitar essa possibilidade é, sem dúvida, bastante perturbador. No entanto, esses indivíduos verdadeiramente maléficos e ardilosos utilizam "disfarces" tão perfeitos que acreditamos piamente que são seres humanos como nós. Eles são verdadeiros atores da vida real, que mentem com a maior tranquilidade, como se estivessem contando a verdade mais cristalina. E, assim, conseguem deixar seus instintos maquiavélicos absolutamente imperceptíveis aos nossos olhos e sentidos, a ponto de não percebermos a diferença entre aqueles que têm consciência e aqueles que são desprovidos desse nobre atributo.

Por esse motivo, é natural que você esteja agora se perguntando, de forma íntima e angustiada, se as pessoas com as quais convive ou que fazem parte do seu mundo são dotadas de consciência ou não. Por isso, neste exato momento proponho um passeio virtual (mental). Pare e pense nos seus vizinhos; nos jovens nas escolas; nos trabalhadores da sua rua; nos profissionais de várias áreas; nos amigos dos seus amigos; nas mães que zelam pelos

seus filhos; nos líderes religiosos e nos políticos de sua nação. Pare e pense agora nos seus familiares, no seu chefe, no seu subordinado. Será que todos, sem exceção, são dotados de consciência?

Torcemos para que SIM! Contudo, lamentavelmente, não é bem assim que a realidade se mostra. Poderíamos responder a essa mesma pergunta com um vigoroso NÃO!

Qualquer uma das pessoas mencionadas como exemplo poderia, de fato, ser desprovida de quaisquer vestígios de consciência. Em outras palavras, elas estão absolutamente livres de constrangimentos ou julgamentos morais internos e podem fazer o quiser, de acordo com seus impulsos destrutivos.

Estamos pisando agora num terreno assustador, intrigante e desafiador: a mente perigosa dos psicopatas. Como já foi exposto na introdução deste livro, eles recebem outros nomes, tais como: sociopatas, personalidades anti-sociais, personalidades psicopáticas, personalidades dissociais, entre outros. Muitos estudiosos preferem diferenciá-los, com explicações ainda subjetivas que, no meu entender, poderiam apenas confundir o leitor. Devido à falta de um consenso definitivo, a denominação dessa disfunção comportamental tem despertado acalorados debates entre muitos autores, clínicos e pesquisadores ao longo do tempo. Alguns utilizam a palavra sociopata por pensarem que fatores sociais desfavoráveis sejam capazes de causar o problema. Outras correntes que acreditam que os fatores genéticos, biológicos e psicológicos estejam envolvidos na origem do transtorno adotam o termo psicopata. Por outro lado, também não encontramos consenso entre instituições como a Associação de Psiquiatria Americana (DSM-IV-TR)1 e a Organização Mundial de Saúde (CID-10).2 A primeira utiliza o termo Transtorno da Personalidade Anti-social, já a segunda prefere Transtorno de Personalidade Dissocial.

____

1 Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 4a edição - Texto Revisado. Vide Anexo A.

2 Classificação Internacional das Doenças. Vide Anexo B.

Em face de tantas divergências e com o intuito de facilitar o entendimento, resolvi unificar as diversas nomenclaturas e empregar apenas a palavra psicopata. Seja lá como for, uma coisa é certa: todas essas terminologias definem um perfil transgressor. O que pode suscitar uma pequena diferenciação entre elas é a intensidade com a qual os sintomas se manifestam.

É importante ressaltar que o termo psicopata pode dar a falsa impressão de que se trata de indivíduos loucos ou doentes mentais. A palavra psicopata literalmente significa doença da mente (do grego, psyche = mente; e pathos = doença). No entanto, em termos médico-psiquiátricos, a psicopatia não se encaixa na visão tradicional das doenças mentais. Esses indivíduos não são considerados loucos, nem apresentam qualquer tipo de desorientação.

Também não sofrem de delírios ou alucinações (como a esquizofrenia) e tampouco apresentam intenso sofrimento mental (como a depressão ou o pânico, por exemplo).

Ao contrário disso, seus atos criminosos não provêm de mentes adoecidas, mas sim de um raciocínio frio e calculista combinado com uma total incapacidade de tratar as outras pessoas como seres humanos pensantes e com sentimentos.

Os psicopatas em geral são indivíduos frios, calculistas, inescrupulosos, dissimulados, mentirosos, sedutores e que visam apenas o próprio benefício. Eles são incapazes de estabelecer vínculos afetivos ou de se colocar no lugar do outro. São desprovidos de culpa ou remorso e, muitas vezes, revelam-se agressivos e violentos. Em maior ou menor nível de gravidade e com formas diferentes de manifestarem os seus atos transgressores, os psicopatas são verdadeiros "predadores sociais", em cujas veias e artérias corre um sangue gélido.

Os psicopatas são indivíduos que podem ser encontrados em qualquer raça, cultura, sociedade, credo, sexualidade, ou nível financeiro. Estão infiltrados em todos os meios sociais e profissionais, camuflados de executivos bem-sucedidos, líderes religiosos, trabalhadores, "pais e mães de família", políticos etc. Certamente,

cada um de nós conhece ou conhecera algumas dessas pessoas durante a sua existência.

Muitos já foram manipulados por elas, alguns vivem forçosamente com elas e outros tentam reparar os danos materiais e psicológicos por elas causados.

Por isso, não se iluda! Esses indivíduos charmosos e atraentes frequentemente deixam um rastro de perdas e destruição por onde passam. Sua marca principal é a impressionante falta de consciência nas relações interpessoais estabelecidas nos diversos ambientes do convívio humano (afetivo, profissional, familiar e social).

O jogo deles se baseia no poder e na autopromoção às custas dos outros, e eles são capazes de atropelar tudo e todos com total egocentrismo e indiferença. Muitos passam algum tempo na prisão, no entanto para a infelicidade coletiva, a grande maioria deles jamais esteve numa delegacia ou qualquer presídio. Como animais predadores, vampiros ou parasitas humanos, esses indivíduos sempre sugam suas presas até o limite improvável de uso e abuso. Na matemática desprezível dos psicopatas, só existe o acréscimo unilateral e predatório, e somente eles são os beneficiados.

Cabe aqui uma breve ressalva. Todos nós dotados de consciência podemos, em um momento qualquer da vida, magoar ou insultar o próximo; cometer injustiças ou equívocos e, em casos extremos, matar alguém sob forte impacto emocional. Afinal, somos humanos e nem sempre estamos com nossa consciência funcionando a 100%: somos influenciados pelas circunstâncias ou pelas necessidades.

Além disso, vivemos numa sociedade com valores distorcidos, competitiva, de poucas referências, que nos levam a querer tirar vantagens aqui e acolá. Essas derrapagens e esses

deslizes a que estamos sujeitos em nossa jornada, definitivamente, não nos tornam psicopatas. Um belo dia o senso ético nos faz refletir sobre nossas condutas, voltar atrás e rever nossos conceitos do que é certo e errado. Caso contrário, o remorso vai nos perseguir, torturar e, dependendo da extensão, jamais nos deixará em paz. Por Página 34

isso, é sempre bom que o leitor tenha em mente que aqui me refiro às pessoas de má índole, que cometem suas maldades por puro prazer e diversão e sem vestígios de arrependimento. Esta última palavra simplesmente não existe no parco repertório emocional dos psicopatas.

Como exemplo de uma pessoa capaz de assassinar alguém, tomada por violenta emoção

- e nem por isso pode ser considerada uma psicopata -, cito o caso da dona de casa Maria do Carmo Ghislotti, de 31 anos. Em fevereiro de 2006, ela matou o adolescente Robson Xavier de Andrade, de 15 anos, com uma facada no pescoço, por este ter estuprado seu filho de apenas 3 anos. Maria do Carmo e seu marido flagraram Robson cometendo o delito sexual quando ouviram o choro e os gritos no quintal da casa deles.

Na Delegacia de Defesa da Mulher em São Carlos, interior de São Paulo, horas depois do estupro, Maria do Carmo se reencontrou com Robson e o atacou.

Ao ser questionada sobre seu ato, ela declarou: "Na delegacia achei uma faquinha velha num cantinho. Coloquei na cintura. O rapazinho me falou: 'Não vai dar nada, sou de menor.' Ele me olhava e dava risada. Perdi o juízo. Quando vi, já tinha feito. Ele estragou a vida do meu filho. Qual mãe ia aguentar?".

Maria do Carmo foi inocentada pelo júri popular, que acatou os argumentos dos advogados de defesa Hélder Clay e Arlindo Basílio. Eles alegaram que no momento do crime Maria do Carmo ainda estava sob forte abalo psicológico, em função da violência praticada contra seu filho.

Fonte: Jornal O Globo, 15 de novembro de 2006.

É claro que não estou, em absoluto, defendendo que façamos justiça com as próprias mãos. Mas, no meu entender, essa trágica história é perfeitamente compreensível.

Considero Maria do Carmo uma vítima que, no calor da emoção, agiu por amor ao seu filho.

Página 35

O fenômeno da psicopatia precisa ser exposto e explicitado a toda sociedade da forma como o tema é de fato: um enigma sombrio com drásticas implicações para todas as pessoas "de bem", que lutam diariamente para a construção de uma sociedade mais justa e humana. Após séculos de especulações e décadas de estudos - a maioria deles baseados na experiência dos seus autores -, esse mistério começa a ser revelado.

Segundo o psiquiatra canadense Robert Hare, uma das maiores autoridades sobre o assunto, os

psicopatas têm total ciência dos seus atos (a parte cognitiva ou racional é perfeita), ou seja, sabem perfeitamente que estão infringindo regras sociais e por que estão agindo dessa maneira. A deficiência deles (e é aí que mora o perigo) está no campo dos afetos e das emoções. Assim, para eles, tanto faz ferir, maltratar ou até matar alguém que atravesse o seu caminho ou os seus interesses, mesmo que esse alguém faça parte de seu convívio íntimo. Esses comportamentos desprezíveis são resultados de uma escolha, diga-se de passagem, exercida de forma livre e sem qualquer culpa.

A mais evidente expressão da psicopatia envolve a flagrante violação criminosa das regras sociais. Sem qualquer surpresa adicional, muitos psicopatas são assassinos violentos e cruéis. No entanto, como já dito, a maioria deles está do lado de fora das grades, utilizando, sem qualquer consciência, habilidades maquia-vélicas contra suas vítimas, que para eles funcionam apenas como troféus de competência e inteligência.

Reafirmo que é comum depararmos com pessoas de boa índole (até mesmo de alto nível intelectual e cultural) que duvidam que os psicopatas possam existir de fato. Para sanar essa dúvida, basta observar a grande quantidade de pessoas mostradas na mídia diariamente: assassinos em série, pais que matam seus filhos, filhos que matam seus pais, estupradores, ladrões, golpistas, estelionatários (os famosos "171"), gangues que ateiam fogo em pessoas, homens que espancam as esposas, criminosos de colarinho branco, executivos tiranos, empresários e políticos corruptos, seqüestradores...

Todos os crimes cometidos por esses indivíduos, de pequena ou grande monta, deixam-nos tão perplexos que a nossa tendência inicial é buscar explicações que sejam no mínimo razoáveis. E aí especulamos: "Ele parecia tão bom, o que será que aconteceu?",

"Será que ele não regula muito bem, estava drogado ou perturbado?", "Será que foi maltratado na infância?". E, mergulhados em tantas perguntas, incorremos no erro de justificar e até entender as ações criminosas dos psicopatas.

Passe a ler os jornais sob esse novo prisma (a falta de consciência) e você perceberá rapidamente que a extensão desse problema é amedrontadora. Convenhamos, não é chocante saber que tais comportamentos moralmente incompreensíveis são exibidos por pessoas aparentemente "normais" ou comuns?

É preciso estar atento para o fato de que, ao contrário do que se possa imaginar, existem muito mais psicopatas que não matam do que aqueles que chegam à desumanidade máxima de cometer um homicídio. Cuidado, os psicopatas que não matam não são, em absoluto, inofensivos! Eles são capazes de provocar grande impacto no cotidiano das pessoas e são igualmente insensíveis. Estamos muito mais propensos e vulneráveis a perder nossas economias ao cair na lábia manipuladora de um golpista do que perder a vida pelas mãos dos assassinos.

Dizem que a vida imita a arte e vice-versa. Desse ponto de vista, costumo acreditar na segunda opção: a arte imita a vida. Se observarmos bem, existem diversos filmes em que os personagens principais ou secundários dão vida, voz e ação aos diversos tipos de psicopatas, sejam eles golpistas ou estelionatários, grandes empresários ou políticos inescrupulosos, ou ainda os assassinos cruéis e impiedosos que agem de forma repetitiva e sistemática (os ditos serial killers).

Desde que o cinema existe, os psicopatas sempre estiveram presentes entre seus grandes personagens. Sob esse aspecto, os filmes sobre vampiros são, a meu ver, os que sempre tiveram os psicopatas como os grandes astros em cena. Assim como os

vampiros da ficção, os psicopatas estão sempre de tocaia. Nesse exato instante em que você lê este livro, eles estão agindo por aí: nas ruas, em plena luz do sol, procurando suas "presas", às mesas de seus escritórios envolvidos em negociações escusas ou mesmo sob o teto acolhedor de um lar que em instantes será devastado.

Eles estão por toda parte, perfeitamente disfarçados de gente comum, e assim que suas necessidades internas de prazer, luxúria, poder e controle se manifestarem, eles se revelarão como realmente são: feras predadoras.

Os psicopatas são os vampiros da vida real. Não é exata-mente o nosso sangue que eles sugam, mas sim nossa energia emocional. Podemos considerá-los autênticas criaturas das trevas. Possuem um extraordinário poder de nos importunar e de nos hipnotizar com o objetivo maquiavélico de anestesiar nosso poder de julgamento e nossa racionalidade.

Com histórias imaginárias e falsas promessas nos fazem sucumbir ao seu jogo e, totalmente entregues à sorte, perdemos nossos bens materiais ou somos dominados mental e psicologicamente.

O mais surpreendente é que, a princípio, os psicopatas aparentam ser melhores que as pessoas comuns. Mostram-se tão inteligentes, talentosos e até encantadores como o próprio conde romeno que o cinema imortalizou como o Conde Drácula. Inicialmente nos despertam confiança, simpatia e acabamos por esperar mais deles do que das outras pessoas. Ilusórias expectativas! Esperamos, mas não recebemos nada positivo e, no fim das contas, amargamos sérios prejuízos em diversos setores das nossas vidas.

Sem nos darmos conta, acabamos por convidá-los a entrar em nossas vidas e quase sempre só percebemos o erro e o tamanho do engodo quando eles desaparecem inesperadamente, dei-xando-nos exaustos, adoecidos, com uma enorme dor de cabeça, a carteira vazia, o coração destroçado e, nos piores casos, vidas perdidas. Para os psicopatas, essa sucessão de fatos irresponsáveis é absolutamente "normal". Afinal de contas, seduzir e atacar

uma "presa" é seu objetivo maior, e tal qual o escorpião da fábula ilustrada na introdução do livro, essa é a sua natureza!

Apesar de todo o estrago, muitas pessoas vitimadas por eles ainda se perguntam e exclamam: "Será que o erro foi meu ou foi dele?", "Onde foi que eu errei para que aquela pessoa que era tão boa e fascinante se transformasse num monstro sem escrúpulos?". "Meu Deus, a culpa disso tudo é minha?!"

Tenha absoluta certeza: o problema são eles. São vampiros humanos ou, se preferir, predadores sociais. Eu adoraria dizer que encontrá-los por aí é algo raro e improvável, mas se assim eu fizesse, estaria agindo como um deles: mentindo, omitindo a verdade e impossibilitando-o de se precaver contra suas maldades e perversidades.

Essa diferença entre o funcionamento emocional normal e a psicopatia é tão chocante que, quase instintivamente, recusamo-nos a acreditar que de fato possam existir pessoas com tal vazio de emoções. Infelizmente, essa nossa dificuldade em acreditar na magnitude dessa diferença (ter ou não ter consciência) nos coloca permanentemente em perigo.

Moreno alto, bonito e sensual

Andréa estava separada havia um ano quando conheceu Rafael numa festa. Tratava-se de um advogado comum, com roupas despojadas, jeito sedutor e com um sorriso que contagiava todo o ambiente. Seus cabelos escuros, lisos e bem tratados emolduravam o belo rosto com olhos castanhos e encantadores.

Ele se aproximou de Andréa e iniciaram um papo animado como se já se conhecessem há muito tempo. Ela narrava sua última viagem aos Estados Unidos, onde se "refugiou"

para esquecer os últimos acontecimentos. Rafael, por sua vez, contava com riqueza de detalhes sobre a Europa e por que o Velho Mundo o fascinava tanto. Rafael delicadamente lhe servia drinques, canapés e, vez por outra, contava piadas absolutamente engraçadas que a faziam

rir como nunca. Ele era habilidoso e performático em narrar histórias divertidas e ela se via cada vez mais encantada com aquele homem tão especial, que estava a um palmo de distância.

Outros encontros vieram, e sempre tão agradáveis quanto o primeiro. Andréa pensou:

"Meu Deus, isso é tudo de bom! Encontrei o homem que toda mulher sonha em ter ao seu lado!" Ela estava se apaixonando novamente e deixando para trás a amargura do casamento fracassado.

Com alguns meses de namoro, Andréa ainda não conhecia a casa e a família de Rafael.

Sabia que ele morava com a mãe viúva, que ele alegava ser uma pessoa muito difícil, possessiva e indelicada com suas namoradas. Por isso, não queria novamente que sua

felicidade fosse "ladeira abaixo" com o ciúme doentio de sua mãe. Andréa compreendeu.

O tempo passou e algumas atitudes de Rafael começaram a intrigá-la: ao mesmo tempo em que era amável e sociável, ele se mostrava intolerante, impulsivo e, às vezes, preconceituoso. Um dia, ao fazerem compras juntos, agarrou um garoto pelo colarinho, simplesmente porque o menino esbarrou no seu carrinho de compras.

"Por que você foi tão agressivo com ele?", ela perguntou. "Porque não fui com a cara dele", foi a resposta. Ao saírem do supermercado, um funcionário se ofereceu para colocar as compras no carro. Rafael o empurrou com tanta força que por pouco o rapaz não tombou indefeso no meio da calçada. Partindo com o carro, constrangida, Andréa ainda ouviu o rapaz gritar: "Você está louco? Eu só quis ajudar!"

Não tocaram mais no assunto. Apesar do que aconteceu, Rafael estava calmo e dirigia com cuidado como se nada tivesse acontecido. Ligou o rádio, comprou flores pelo caminho e contou mais algumas piadas. Dessa vez ela não achou a menor graça.

Andréa comentou com seus amigos sobre esses e outros episódios contraditórios, mas ninguém deu muita importância: "Ele parece ser um cara legal, deve ser apenas uma fase de estresse",

"Não fique tão preocupada, todos nós temos defeitos e vocês formam um belo casal".

Dois meses depois, Rafael quis trocar de carro e convenceu Andréa a emprestar suas economias. Estava prestes a receber seus honorários e em poucos dias devolveria o dinheiro. Ela não questionou, apenas confiou e raspou sua poupança. Ele nunca mais deu sinal de vida.

Em pouco tempo, toda a verdade foi descoberta: Rafael é um impostor, um tremendo picareta! Não é advogado, nunca trabalhou e jamais colocou os pés na Europa. Apesar de sua inteligência, na fase escolar só estudava para passar aos trancos e barrancos. Seus pais adoravam cachorros, mas abriram mão desse prazer porque Rafael os maltratava e ria enquanto sua irmã mais nova chorava em defesa dos cães. Havia poucos anos seu pai morrera de um enfarte fulminante e lhes deixou uma gorda pensão.

Rafael já era um homem feito e ainda apelava para o bom coração de sua mãe, que lhe assegurava uma boa mesada.

Andréa não foi a primeira e certamente não será a última pessoa do mundo a ser enganada por ele. Provavelmente Rafael jamais matará alguém (isso só o tempo dirá), mas continuará vivendo de golpes "baratos", aproveitando-se de mulheres fragilizadas e se divertindo com seus feitos. Com sua habilidade de ludibriar, seduzir e até assustar, sente-se superior a todos e os vê como tolos. Alvos fáceis. Rafael não se importa com ninguém. Rafael é um psicopata.

A piedade e a generosidade das pessoas boas podem se transformar em uma folha de papel em branco assinada nas mãos de um psicopata. Quando sentimos pena estamos vulneráveis emocionalmente, e é essa a maior arma que os psicopatas podem usar contra nós.

Capítulo 3

Pessoas no mínimo suspeitas

Acredito que todo mundo conheça uma pessoa meio imprestável, movida à manivela, encostada no outro e vivendo folgadamente às custas desse. Vamos lá, faça um esforço e vasculhe os "arquivos" salvos em suas pastinhas mentais. Certamente você encontrará um amigo ou amiga, um cunhado, um parente distante, um conhecido ou, em última instância, se lembrará de uma história que lhe contaram. Essas pessoas estão sempre com desculpas esfarrapadas na ponta da língua, justificando que os tempos estão

"bicudos" e que arrumar emprego não está nada fácil. Também existe aquela velha história de que a saúde não anda lá essas coisas, dói aqui, dói acolá, e enfrentar o batente não vai dar. Pois é, então analise comigo esse comportamento aparentemente inofensivo e que pode ser encontrado ao nosso redor:

Maria se formou em odontologia antes de completar 22 anos e deu seu grito de independência. Arrumou seu primeiro emprego dentro da área que escolheu e alugou um pequeno apartamento no Rio de Janeiro. Pouco tempo depois, Carla, uma conhecida do interior de Santa Catarina e dois anos mais jovem, entrou em con-tato. Papo vem, papo vai, Carla perguntou se poderia passar uns tempos em sua casa, já que as chances de emprego e estudos eram bem maiores.

Maria não viu nada de mais naquele pedido. Ao contrário, deu "a maior força", na intenção de ajudá-la. Para Maria, dar apoio a uma "amiga" era absolutamente natural e, de mais a mais, ela estava morando sozinha. O que custava acolher alguém por alguns meses em sua casa? Carla chegou de mala e cuia e se acomodou no apartamento pequeno mas bem equipado.

Maria trabalhava o dia todo e estudava com afinco para dar conta do seu curso de pós-graduação que iniciara havia alguns meses. Carla ficava em casa, assistindo à TV, recebendo amigos

e assaltando a geladeira. Se havia alguma coisa que Carla sabia fazer muito bem era conquistar pessoas e conduzir com habilidade uma conversa agradável. Isso era um verdadeiro dom. Levava quem quisesse no "bico" e desfrutava do bom e do melhor, sem pagar absolutamente nada por isso.

Meses a fio se passaram e nada de estudos ou emprego à vista. De todas as oportunidades que surgiam, Carla dizia que não era exatamente aquilo que estava procurando. Comia, bebia, pendurava-se no telefone, ia à praia quando Deus mandava bom tempo e passeava com os amigos. Vez por outra ligava para seus pais, mentia que estava trabalhando e pedia algum

dinheiro para ajudar nas despesas. Maria trabalhava, estudava, fazia as compras, chegava exausta e olhava ao seu redor: os copos sujos no mesmo lugar, as roupas espalhadas, os tocos de cigarros infestando o ambiente, as tarefas por fazer e a panela vazia.

Convenhamos: por quanto tempo você, leitor, agüentaria tamanho abuso?

O tempo passou e esse "chove não molha" se arrastou por quase um ano. À beira de um ataque de nervos, Maria conversou uma, duas e sei lá quantas vezes mais para que Carla procurasse um emprego e seguisse o seu caminho. Carla ouvia tudo, abaixava a cabeça e dava uma desculpa básica: "Pensei que você fosse minha amiga, eu não tenho pra onde ir. Voltar para casa dos meus pais é o mesmo que amargar uma derrota. Não sou capaz de suportar".

A gota d'água foi quando Carla embolsou o dinheiro do aluguel que Maria entregou em suas mãos para que fizesse o favor de pagá-lo na imobiliária. E lá se foi sua "amiga", de mala e cuia, para a casa de uma outra conhecida, com as mesmas desculpas e o mesmo discurso. Maria sentiu descer garganta abaixo um gosto misto de alívio, tristeza e culpa.

Poderíamos dizer que Carla é uma psicopata leve? Não, por enquanto. Isso seria precipitado e imprudente. Afinal, temos

que ter em mente a imaturidade de Carla e que esse comportamento "irresponsável"

pode ser fruto de sua própria cultura. Em suma: uma malandragem "inocente" de uma pré-adulta perdida, que ainda coloca a mochila nas costas e acampa na casa de quem lhe oferece abrigo.

Chorando suas pitangas

Mais de 15 anos se passaram e, mesmo com esses tropeços iniciais, Maria e Carla eventualmente se encontravam. Nesse longo período, Maria se casou, sua profissão deslanchou e manteve uma vida estável. Carla, por sua vez, viveu por muito tempo pulando de galho em galho (em casa de amigos, namorados), esfolando um e outro.

Reclamava de tudo e de todos, jogava uma pessoa contra a outra e não parava nos empregos. Ela sempre tinha razão, a culpa era do outro e o mundo é que estava errado!

Mas, paradoxalmente, ela era envolvente e com isso sabia explorar muito bem os bons sentimentos que despertava nas pessoas.

Há alguns anos Carla mora sozinha no seu próprio apartamento, que, diga-se de passagem, foi comprado com o sacrifício de seus pais. Maria às vezes questionava o comportamento de sua amiga, mas no meio de tantos afazeres isso tudo se diluía; apenas seu coração amolecia, cada vez que Carla chorava suas pitangas. Carla, como quem não quisesse nada, chegava de mansinho, pedia um dinheiro emprestado, usava o computador por longas horas, usufruía do

seu telefone, pegava emprestado livros e CDs, aproveitava a boquinha livre, alugava o ouvido de Maria...

Certa noite, elas comemoravam o aniversário de um amigo em comum num agradável restaurante. Estavam todos por lá: familiares e conhecidos que a vida lhes trouxe na bagagem. Carla acendeu um cigarro e baforou lentamente uma bola de nuvem branco-azulada sobre a mesa. Maria discretamente falou ao pé do ouvido: "Vamos até a varanda; ao seu lado tem uma amiga grávida de cinco meses." Carla deu de ombros, olhou bem nos olhos

de Maria e sussurrou: "Dane-se, aqui é uma área reservada para fumantes. Esse filho não está na minha barriga e se ela o perder será um pirralho a menos no mundo".

Maria estremeceu. A força fria e penetrante do olhar de Carla fez com que todas as lembranças invadissem a sua mente: lem-brou-se do dinheiro do aluguel, das vezes que precisou da ajuda de sua amiga e ela nunca esteve presente, da falta de carinho com as datas importantes de sua vida, da ausência quando permaneceu vários dias hospitalizada, de tudo o que emprestou e nunca mais viu a cor, das mentiras e da falta de respeito por seus pais. Lembrou-se também do dia em que um menino caiu na sua frente e enquanto ele chorava, Carla ria e dizia "bem feito, tomara que tenha quebrado o braço". A partir de então, Maria refletiu: "Caramba, estou alimentando um monstrengo!" Ela se levantou e não olhou mais para trás. Foi a última vez que Maria viu Carla...

Se analisarmos bem, Carla jamais teve consideração e afeto verdadeiros por Maria e nem por qualquer outra pessoa que lhe estendeu as mãos. Ela mentiu, enganou, roubou e viveu na "aba do chapéu" de todos. Recebeu muito, mas nunca deu nada em troca.

Quanto aos seus pais, ela está fazendo as contas e esperando que morram para herdar o pouco que lhes resta. Agora tudo está mais claro: aquela pessoa que, por muito tempo, parecia ser frágil, injustiçada e levemente desonesta, na realidade não tem consciência.

Como saber em quem confiar?

No exercício da minha profissão, a pergunta acima é uma das que mais ouço em meu consultório. É natural que isso ocorra, uma vez que muitas pessoas que buscam ajuda psiquiátrica ou mesmo psicológica já foram vítimas de traumas provocados pelas ações inescrupulosas de psicopatas nos diversos setores de suas vidas. E, surpreendentemente, essa questão não é a mais importante para essas pessoas, que, de alguma forma, tiveram suas vidas arrasadas

por outros seres humanos. Em geral elas tentam entender desesperadamente o que fizeram de errado, na tentativa de justificar os atos pouco éticos de seus parceiros, sejam eles cônjuges, sócios, amigos, chefes, colegas de trabalho, funcionários etc.

Meu sentimento é que a questão "em quem confiar" deveria ser de suma importância para a maioria de nós, incluindo aqueles que não tiveram perdas ou traumas muito sérios. Temos que ter em mente que as pessoas que não são merecedoras de nossa confiança não usam roupas especiais, não possuem um sinal na testa que as identifiquem, tampouco apresentam algum perfil físico específico. Elas são muito parecidas conosco e podem nos enganar por uma longa existência.

Outro detalhe que dificulta muito essa análise interna é que nos baseamos, muitas vezes, em estratégias irracionais originadas da nossa própria cultura e que acabam por criar crendices ou ditos populares com grau elevado de senso comum: "Os homens são todos iguais, não dá pra confiar", "As mulheres são sempre interesseiras", "Todo mundo é bom, até que se prove o contrário", "Todo mundo merece uma segunda chance" etc.

No íntimo, todos nós buscamos acreditar em fórmulas mágicas ou regras claras que não deixem dúvidas sobre pessoas em quem podemos confiar. No entanto, a confiabilidade é algo subjeti-vo, não existindo um padrão de atitudes que nos impeça de cometer enganos ou até mesmo um teste que dê legitimidade às pessoas dignas de confiança.

Saber e aceitar esse fato é extremamente importante para que sejamos mais observadores, cautelosos e, principalmente, mais respeitosos conosco. A incerteza dessa condição (ser ou não ser confiavel) faz parte da natureza humana. Para ser sincera, jamais conheci alguém que tenha realizado o feito extraordinário de nunca ter sido ludibriado por alguém mal-intencionado. Quando se trata de confiarmos em outra pessoa, todos nós tropeçamos e cometemos falhas. Algumas, infelizmente, podem causar graves consequências; outras nem tanto, como vimos na história de Maria e Carla, descrita no início do capítulo.

Página 49

Voltando à pergunta inicial sobre em quem podemos confiar, tenho uma má e uma boa notícia. A má é que verdadeiramente existem pessoas que não possuem consciência ou sentimentos nobres e, por isso mesmo, não podemos confiar nelas de maneira nenhuma.

Por favor, acredite nisso!

Segundo a classificação americana de transtornos mentais (DSM-IV-TR), a prevalência geral do transtorno da personalidade anti-social ou psicopatia é de cerca de 3% em homens e 1% em mulheres, em amostras comunitárias (aqueles que estão entre nós).

Taxas de prevalência ainda maiores estão associadas aos contextos forenses ou penitenciários. Desse percentual, uma minoria corresponderia aos psicopatas mais graves, ou seja, aqueles criminosos cruéis e violentos cujos índices de reincidência criminal são elevados. A princípio esse percentual pode não parecer tão significativo, mas imagine uma grande cidade como Rio de Janeiro ou São Paulo, por exemplo, onde milhares de pessoas se esbarram o tempo todo. A cada cem pessoas que transitam para lá e para cá, três ou quatro delas estão praticando atos condenáveis, em graus variáveis de gravidade, ou estão indo em

direção à próxima vítima. Imagine também o estádio do Maracanã lotado numa decisão de um campeonato de futebol, onde 80 mil pessoas podem ser acomodadas: ali podem estar concentrados cerca de 3 mil psicopatas.

Quando pensamos sob essa ótica, as estimativas tomam proporções gigantescas!

A boa notícia é que quase 96% das pessoas são consideradas possuidoras de uma base razoável de decência e responsabilidade. Isso significa que, surpreendentemente, para um padrão comportamental considerado pró-social (a favor das boas relações), nosso mundo deveria estar aproximadamente 96% a salvo ou, pelo menos, mais humano ou consciente.

Essa boa notícia sem dúvida nos alegra o coração. No entanto, deixa-nos uma sensação no mínimo estranha. Afinal, se a grande maioria da população mundial é razoavelmente

"boa", por que o mundo nos parece tão assustador? Como explicar os trágicos

noticiários que nos colocam diariamente em contato com a violência no trânsito, a contaminação ambiental, os genocídios, os homicídios cruéis, a corrupção, os atentados terroristas...?

A menos que pensemos que tais fatos sejam fruto da evolução natural da humanidade, teremos que considerar que a mão do homem encontra-se por trás desses acontecimentos.

Defendo a ideia de que tais problemas se agravam de modo extraordinário devido à ação dos psicopatas e de diversas outras pessoas que, sem desenvolver plenamente essa condição, adotaram uma "forma psicopática" de se relacionar com os demais. Os psicopatas representam a minoria da população mundial, porém são responsáveis por um grande rastro de destruição. Enquanto as pessoas "do mal" se unem na busca de interesses comuns, as pessoas do bem tendem a se dissipar. Ficam acuadas, trancafiadas, perdem a sua função social e de organização e acabam por adoecer.

A "cultura da esperteza" também contribui para esse cenário. Deixa-nos confusos e muitas vezes nos faz fraquejar na luta pelo bem. A nossa sociedade vem banalizando o mal e contribuindo para a inversão dos valores morais. Isso cria um terreno fértil para que os psicopatas se sintam à vontade no exercício de suas habilidades destrutivas.

Todas essas questões são intrigantes e acabam por nos impor uma profunda revisão dos nossos conceitos sobre a vida em sociedade. E, nessa revisão, destaco a importância de se cultivar um valoroso senso de consciência, pois somente ele é capaz de assegurar a nossa qualidade de vida e a do nosso planeta.

Excetuando-se raras circunstâncias como surtos psicóticos (presença de delírios e alucinações), privações severas, efeito tóxico de drogas, instinto de sobrevivência ou a influência poderosa de autoridades tiranas, todas as pessoas que possuem consciência genuína são incapazes de matar, estuprar ou torturar outra pessoa de forma fria e calculada. Do mesmo modo, não conseguem roubar as economias de alguém ou enganar de forma arbitrária seu

parceiro afetivo por simples "esporte" e prazer ou, ainda, por vontade

própria abandonar um filho recém-nascido em plena rua. Pense bem, quem de nós conseguiria cometer tamanha barbaridade? Ao contrário, sempre que ouvimos nos noticiários situações parecidas, imediatamente nos questionamos sobre o porquê dessas maldades. Os comentários do tipo "Como pode uma mãe abandonar seu filho na lixeira, como se fosse um objeto qualquer?", "Você viu que crime bárbaro aquele homem cometeu e, mesmo assim, não mostra arrependimento?", "Meu sócio acabou com minha empresa, destruiu meu casamento e, com a maior 'cara-de-pau', diz que não teve culpa!", são muito comuns no nosso cotidiano.

Embora tais fatos nos choquem como seres humanos normais, sem qualquer sombra de dúvida, as mais perversas ações que lemos nos jornais e, implicitamente, atribuímos à

"natureza humana" não são provenientes de uma natureza humana normal. Estaríamos nos insultando ou mesmo nos desmoralizando se presumíssemos que sim.

Embora se mostre muito distante da perfeição, a natureza humana apresenta-se muito mais governada por um senso de responsabilidade e de interconectivídade. Dessa forma, os horrores a que assistimos na televisão ou, às vezes, em nossas próprias vidas, em hipótese nenhuma refletem a humanidade típica. Tais ações só são possíveis de serem realizadas por uma característica que foge totalmente à nossa natureza humana genuína, e essa particularidade é a frieza e a ausência completa de consciência.

Paradoxalmente, as pessoas do bem (que possuem uma consciência genuína) tendem a acreditar que todos os seres humanos são capazes de "falhas sombrias". Elas tendem a acreditar que todos nós, em situações "bizarras", poderíamos nos transformar em assassinos cruéis de uma hora para outra. Essas pessoas de bom coração julgam que a teoria do lado "sombrio humano" parece algo mais democrático, menos condenável e, de certa forma, também menos alarmante. Acreditar que todos somos um pouco sombrios é mais fácil do que admitir a ideia real e perturbadora de que alguns seres humanos vivem permanentemente em uma insensibilidade moral absoluta.

Entre tapas e beijos

Laura, uma paciente, tem 31 anos e está se recuperando de um quadro depressivo. Tanto eu quanto ela estamos nos empenhando para que sua vida seja menos cinza e volte a fazer sentido. Acompanhe um pouco de sua história, que pode passar totalmente despercebida e certamente nunca sairá nos noticiários da TV.

Aos 23 anos, no frescor de sua exuberância e beleza, ela era inteligente e estava prestes a se formar no curso de veterinária. Nessa época conheceu Ricardo, um jovem e atraente administrador de empresas.

Ele se mostrou um grande amigo e demonstrava os mesmos interesses de Laura: gostava de cinema, praia, esportes, aventuras, MPB e muito mais. Ricardo conversava de tudo um pouco e detalhava suas aventuras em conversas envolventes. Entre as suas histórias também estavam os problemas: a tirania de seu pai, a sua mãe histérica que na infância o ameaçou com uma faca e a sua saúde frágil. "Na época os médicos lhe disseram que ele não teria uma vida muito longa e Ricardo me contou tudo isso com lágrimas nos olhos", acrescentou Laura.

Aos poucos, Laura foi se envolvendo com suas histórias tristes e experimentou um sentimento dúbio de compaixão e atra-ção. Ela sucumbiu aos seus encantos, floresceu uma grande paixão e foram morar juntos.

Ricardo tinha uma carreira promissora numa empresa multinacional, mas não quis que Laura exercesse sua profissão. Ele gostava de vê-la bem vestida e bela, esperando-o para o jantar e com sua casa impecável. "No início eu até tentei argumentar que a veterinária era o meu grande sonho, mas acabei aceitando porque o amava verdadeiramente".

Certo dia Laura encontrou um cãozinho abandonado e muito doente no meio da rua. Ela se sensibilizou e levou o cachorro para casa, a fim de tratar do animal. Ricardo teve um ataque de

fúria e quis devolvê-lo para o mesmo lugar. Ela conseguiu persuadi-lo e cuidou do cão como se fosse um filho. Resolveu chamá-lo de Pituca. Com dois meses de tratamento e muito carinho, Pituca já esbanjava saúde, vitalidade e se tornara um vira-lata branco e peludo de dar inveja a qualquer cachorro de raça.

"Que bom que ele está curado, agora podemos colocá-lo na rua", disse Ricardo. "Mas como? Eu tenho o maior amor por ele! Não posso abandoná-lo, isso é desumano!"

Ricardo não pensou duas vezes: deu vários pontapés no animal, colocou-o no carro e desapareceu com Pituca.

Perguntei se ela sabia para onde ele havia levado o cãozinho. Aos prantos, respondeu:

"Ele matou o Pituca! Disse que me amava demais e não queria me ver doente cuidando de um simples cachorro. Você consegue imaginar o que isso significou pra mim? Como é que ele pôde esperar que eu cuidasse do Pituca, nutrisse afeto por ele e depois fazer uma coisa dessas?".

Continuei indagando sobre o comportamento de Ricardo, desde a época em que eles se conheceram. "Lembro-me de que quando namorávamos seu pai deixava alguns cheques em branco assinados para pagamentos das contas. Ricardo sempre preenchia valores muito mais altos que o necessário e ficava com o troco. Ele nunca escondeu isso de mim. Ao contrário, ria e comentava satisfeito que, apesar da valentia de seu pai, ele não tinha o menor controle sobre sua conta bancária", disse-me encabulada.

O relacionamento também sempre foi muito instável. Ora ele era extremamente delicado, romântico e mostrava-se orgulhoso em apresentar sua bela companheira aos amigos; ora muito agressivo e temperamental, tratando-a aos berros e com ameaças de

"meter-lhe a mão". Mas, segundo Laura, invariavelmente ele pedia mil desculpas e a enchia de carinhos: "Puxa vida, não sei onde estava com a cabeça!", "Acho que estou muito estressado com as responsabilidades do trabalho", "Querida, você é tudo pra mim, a mulher mais linda do mundo!", "Isso nunca mais vai acontecer, 54

eu prometo", "Procure me compreender, você sabe que eu tive uma infância muito difícil".

E Laura prosseguiu: "Ricardo também era extremamente ciumento e dizia que era por amor. Ficava furioso quando qualquer homem me olhava mais diretamente. Uma vez discutiu seriamente com um rapaz porque cismou que ele estava me paquerando. É

lógico que sobrou pra mim também. Depois disso fiquei me perguntando se a culpa realmente não foi minha. Eu não sei... Ele me deixava completamente confusa...".

Quanto ao casamento e filhos, ele alegava que ainda não estava preparado e que ambos tinham uma vida pela frente. Cada vez que Laura tocava nesse assunto, ele dava a mesma desculpa ou ficava enfurecido.

"Mesmo amando Ricardo, há alguns anos eu pensei em fazer minhas malas e ir embora.

Tivemos uma conversa séria e ele me respondeu que a vida dele estava em minhas mãos. Ele não iria viver muito tempo e por isso se mataria. Tremi da cabeça aos pés e voltei atrás na mesma hora".

Sobre isso, questionei qual era a doença de que Ricardo sofria. "Nunca soube exatamente o que era. Ele não gostava de falar sobre isso e eu respeitava. No início do nosso namoro, tentei conversar com sua mãe sobre o seu passado, mas parece que ela não entendeu muito bem o que eu queria dizer. Achei melhor não mexer num assunto tão delicado e, além disso, Ricardo parecia muito bem fisicamente. Ah... mas me lembro de que ela me disse que Ricardo não era exatamente o homem que eu merecia. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ela mudou de assunto".

O tempo passou e Ricardo não precisou mais de Laura: tro-cou-a por uma mulher mais jovem e mais bonita. Ele simplesmente disse à Laura: "Precisamos nos separar. Você é muito ciumenta e estou me sentindo enjaulado." O mundo desmoronou sobre sua cabeça! "Chorei muito sem compreender o que estava acontecendo. Será que eu fui ciumenta e possessiva esse tempo todo e não percebi? Esse era um comportamento dele e não meu!"

De lá para cá, Laura descobriu que ele teve várias amantes e que o discurso sobre sua doença grave, das ameaças de sua mãe e do seu pai tirano era um grande engodo. Ao comentar sobre

seu passado, Ricardo derramava lágrimas de crocodilo, tal qual o animal que lacrimeja quando engole suas presas.

Eu não tinha a menor dúvida: Ricardo é um homem mau, um predador afetivo. Laura foi apenas uma peça do seu jogo cruel. Anulou seus prazeres apenas para servi-lo e exibi-la impecavelmente tal qual um objeto de vitória para alimentar seus instintos egocêntricos e narcisistas.

Agora eu precisava fazer Laura entender que espécie de homem era aquele com quem ela conviveu por sete anos. Era importante que Laura compreendesse que a separação, embora dolorosa, foi a melhor coisa que poderia ter lhe acontecido: ela se livrou de um mal enorme e dali para a frente poderia reconstruir sua vida.

Identificando os suspeitos

Ao falar sobre as mazelas de nosso mundo, certa vez Einstein proferiu a seguinte frase:

"O mundo é um lugar perigoso para se viver, não exatamente por causa das pessoas que são más, mas por causa das pessoas que não fazem nada quanto a isso".

Se realmente quisermos fazer algo para reduzir o poder de destruição das pessoas impiedosas, antes de tudo temos que aprender a identificá-las. Decidir se alguém é digno de confiança requer conhecê-lo muito bem por um determinado período de tempo, além de tentar obter o maior número possível de informações sobre sua vida pregressa. É claro que essas informações não devem e não podem se restringir às histórias contadas pela pessoa que você deseja conhecer ou se relacionar. Se ela for um psicopata, provavelmente todas as suas histórias estarão "maquiadas" com o intuito de manipulá-lo no preparo cuidadoso para um posterior ataque predatório.

A história da vida de alguém é importantíssima, pois ninguém perde a capacidade de ser consciente de uma hora para a outra. Por outro lado, nem sempre é fácil obtermos informações precisas ou confiáveis sobre pessoas que entram em nossas vidas. Além disso, estamos permanentemente correndo riscos de conviver com alguém por muito tempo até chegarmos à conclusão de que se trata de uma pessoa sem nenhum tipo de sentimentos nobres. Na maioria das vezes, se dependermos somente da convivência ou de informações pouco confiáveis, só nos daremos conta de que estamos diante de um psicopata quando nos depararmos com as inevitáveis perdas e os incríveis danos que essas criaturas podem provocar em nossas vidas.

Nos próximos capítulos tentarei esmiuçar o máximo possível todas as facetas dos psicopatas. Mas antes de chegarmos a essa etapa mais clínica sobre o comportamento dessas criaturas maléficas, gostaria de compartilhar com você, leitor, uma dica que julgo ser bastante preciosa: fique muito atento ao "jogo da pena" (do coitadinho).

Durante todos esses anos de exercício profissional, ouvi muitas histórias sobre psicopatia.

Meus pacientes relataram (e até hoje o fazem) como essas criaturas invadiram, feriram e arruinaram as suas vidas. Em cada caso foi possível identificar comportamentos suspeitos; uns mais característicos, outros menos. Tudo varia muito de caso para caso, no entanto, em todos, precisamente em todos, pude identificar "o jogo da pena". A meu ver, esse é um dos recursos mais comuns e constantes das pessoas inescrupu-losas. Muito mais que apelar para o nosso sentimento de medo, os psicopatas, de forma extremamente perversa, apelam para a nossa capacidade de sermos solidários.

Eles se utilizam de nossos sentimentos mais nobres para nos dominar e controlar. Os psicopatas se alimentam e se tornam poderosos quando conseguem nos despertar piedade. Esse tipo de alimento para essas criaturas tem efeito extraordinário de poder tal qual o espinafre para o personagem de Popeye dos desenhos infantis.

Página 57

A piedade e a generosidade das pessoas boas podem se transformar em uma folha de papel em branco assinada nas mãos de um psicopata. Quando sentimos pena, estamos vulneráveis emocionalmente, e é essa a maior arma que os psicopatas podem usar contra nós!

A piedade, a compaixão e a solidariedade são forças para o bem quando direcionadas às pessoas que de fato merecem e precisam de tais sentimentos. No entanto, quando esses mesmos sentimentos são direcionados a pessoas que apresentam comportamentos inescrupulosos de forma consistente e repetitiva, temos que considerar isso como um aviso de que algo está muito errado. É um sinal de alarme que não podemos ignorar.

Se voltarmos à primeira história deste capítulo, observaremos que Carla se utilizou o tempo todo do "jogo da pena" com sua amiga Maria, mesmo não sendo nada camarada.

Quanto a Ricardo, não foi diferente: Laura se envolveu e se apaixonou porque, a princípio, compadeceu-se da sua dor (infância difícil e família desestruturada) e posteriormente com as suas falsas ameaças de suicídio. No entanto, nem Carla e tampouco Ricardo nutriam sentimentos bons por ninguém ou demonstraram sinal de arrependimento verdadeiro. Fizeram um apelo cruel à solidariedade das pessoas do seu convívio, deixando-as confusas e inseguras. E é importante que se diga que quando nos sentimos inseguros, as pessoas de mau caráter podem fazer conosco o que bem quiserem.

Exemplo parecido com a situação de Laura e de seu truculento parceiro Ricardo pode ser observado naquela mulher que com frequência apresenta hematomas porque seu marido a espanca quase que diariamente. No entanto, ele sempre apela que a perdoe, pois seus "descontroles" são reflexos do excesso de amor que ele sente por ela. Além disso, ela deve entender a sua grande dificuldade em expressar carinho e afeto devido às

"surras" que levava do seu pai alcoólatra e que também espancava sua mãe!

Não caia nessa cilada! Todas essas são histórias com mero intuito manipulatório. Os psicopatas não levam em consideração

Página 58

as regras sociais, mas sabem muito bem como utilizá-las a seu favor, além de se divertirem e sentirem prazer com o nosso sofrimento.

Então não se esqueça:

Quanto tiver que decidir em quem confiar, tenha em mente que a combinação consistente de ações maldosas com frequentes jogos cénicos por sua piedade praticamente equivale a uma placa de aviso luminosa plantada na testa de uma pessoa sem consciência. Pessoas cujos comportamentos reúnam essas duas características não são necessariamente assassinas em série ou nem mesmo violentas. No entanto, não são indivíduos com quem você deva ter amizade, relacionamentos afetivos, dividir segredos, confiar seus bens, seus negócios, seus filhos e nem sequer oferecer abrigo!

Página 59

CAPÍTULO 4

PSICOPATAS: UMA VISÃO MAIS DETALHADA - PARTE 1

Um grande e limitante problema em realizar pesquisas sobre os psicopatas é que elas, em geral, só podem ser feitas em penitenciárias e isso é perfeitamente compreensível, afinal é muito difícil um psicopata "subcriminal", ou seja, aquele que nunca foi preso ou internado em instituições psiquiátricas, falar espontaneamente sobre seus atos ilícitos.

Na grande maioria das vezes, eles não possuem nenhum interesse em revelar algo significativo para os pesquisadores ou mesmo para os funcionários do presídio e quando o fazem tentam manipular a verdade somente para obter vantagens, como a redução da pena por "bom comportamento" e "colaborações de cunho social".

O primeiro estudo sobre psicopatas só foi publicado em 1941, com o livro The Mask of Sanity (A Máscara da Sanidade), de autoria do psiquiatra americano Hervey Cleckley.

Na introdução do livro, Cleckley deixa claro que sua obra aborda um problema "muito conhecido, mas ao mesmo tempo ignorado pela sociedade como um todo".

Ele cita diversos casos de pacientes que apresentavam um charme acima da média, uma capacidade de convencimento muito alta e ausência de remorso ou arrependimento em relação às suas atitudes.

Com base nos estudos de Cleckley, o psiquiatra canadense Robert Hare (professor da University of British Columbia) dedicou anos de sua vida profissional reunindo características comuns de pessoas com esse tipo de perfil, até conseguir montar, em 1991, um sofisticado questionário denominado escala Hare e que hoje se constitui no método mais confiável na

identificação de psicopatas.

Com esse instrumento, o diagnóstico da psicopatia ganhou uma ferramenta altamente confiável que pode ser aplicada por qualquer profissional da área de saúde mental, desde que esteja bastante familiarizado e treinado para sua aplicabilidade. A escala Hare também recebe o nome de psychopathy checklist, ou PCL, e

Página 63

sua aceitação e relevância têm levado diversos países de todo o mundo a utilizá-la como um instrumento de grande valor no combate à violência e na melhoria ética da sociedade.

O PCL examina de forma detalhada diversos aspectos da personalidade psicopática, desde os ligados aos sentimentos e relacionamentos interpessoais até o estilo de vida dos psicopatas e seus comportamentos evidentemente anti-sociais (transgressores).

Atenção! O PCL é uma complexa ferramenta cuja utilização clínica somente deve ser feita por profissionais ou serviços qualificados. O que me proponho a apresentar neste e no próximo capítulo são apenas as características-chave que sinalizam o perfil psicopático, com exemplificações práticas e de fácil entendimento. A simples identificação de alguns sintomas não são suficientes para a realização do diagnóstico da psicopatia. Muitas pessoas podem ser sedutoras, impulsivas, pouco afetivas ou até mesmo terem cometido atos ilegais, mas nem por isso são psicopatas.

Aspectos ligados aos sentimentos e relacionamentos interpessoais Superficialidade e eloqüência

Os psicopatas costumam ser espirituosos e muito bem articulados, tornando uma conversa divertida e agradável. Geralmente contam histórias inusitadas, mas convincentes em diversos aspectos, nas quais eles são sempre os mocinhos. Não economizam charme nem recursos que os tornem mais atraentes no exercício de suas mentiras.

Para algumas pessoas, eles se mostram suaves e sutis, tal como os galãs da TV e do cinema.

Quando não temos conhecimento sobre a personalidade dos psicopatas podemos ser enrolados por suas histórias improváveis. Entre outras razões, isso ocorre pela habilidade dos psicopatas em se informarem sobre os mais diversos assuntos. Se forem realmente testados por verdadeiros especialistas no assunto, Página 64

revelam, porém, suas superficialidades de conteúdo. Eles tentam demonstrar conhecimento em diversas áreas como filosofia, arte, literatura, sociologia, poesia, medicina, psiquiatria, psicologia, administração, legislação e usam e abusam dos termos técnicos, passando credibilidade aos menos avisados.

Outro sinal muito característico desse comportamento é a total falta de preocupação ou constrangimento que esses psicopatas apresentam ao serem desmascarados como farsantes.

Não demonstram a menor vergonha caso sejam flagrados em suas mentiras.

Ao contrário, podem mudar de assunto com a maior tranquilidade ou dar uma resposta totalmente fora do contexto. Esses tipos de psicopata são muito comuns no mercado de trabalho como um todo, que fingem ser profissionais qualificados, sem nunca terem colocado os pés numa faculdade.

Lembra a história de Rafael descrita no final do segundo capítulo do livro? Como vimos, ele facilmente conseguiu conquistar Andréa com suas piadas interessantes e também quando descreveu com detalhes suas viagens à Europa. Mas na realidade tudo o que Rafael sabia sobre o Velho Continente era informação adquirida através da internet, dos livros ou dos documentários da TV. Até mesmo para "posar" de advogado, Rafael precisou lançar mão de vocabulários e expressões pertinentes a essa profissão. Em suma: Rafael conversava de tudo um pouco e se sentia um sabichão, porém não tinha profundidade em nada. Ele apenas "passeava" sobre vários assuntos, o suficiente para embromar suas vítimas e conseguir o que desejava. Rafael era um profissional da lorota.

Egocentrismo e megalomania.

Os psicopatas possuem uma visão narcisista e supervalori-zada de seus valores e importância. Eles se vêem como o centro do universo e tudo deve girar em torno deles.

Pensam e se descrevem como pessoas superiores aos outros, e essa superioridade é tão grande que lhes dá o direito de viverem de acordo com suas próprias

regras. Para os psicopatas, matar, roubar, estuprar, fraudar etc. não é nada grave.

Embora eles saibam que estão violando os direitos básicos dos outros, por escolha, reconhecem somente as suas próprias regras e leis. Além disso, são extremamente hábeis em culpar as outras pessoas por seus atos, eximindo-se de qualquer responsabilidade. Para eles, a culpa sempre é dos outros.

Esse egocentrismo e essa megalomania, muitas vezes, fazem com que eles sejam vistos como arrogantes, metidos e autoconfiantes. Têm mania de grandeza, fascínio pelo poder e pelo controle sobre os outros.

Os psicopatas não sentem qualquer embaraço sobre dívidas contraídas, pendências financeiras ou mesmo problemas de ordem legal ou pessoal (brigas, espancamento de namoradas). De forma indiferente, eles encaram todos os problemas que estejam vivenciando apenas como transitórios, falta de sorte, infidelidade de amigos ou que são derivados de um sistema econômico e social injusto coordenado por pessoas incompetentes.

Devido ao seu egocentrismo e a sua megalomania, os psicopatas demonstram notável falta de interesse por uma educação direcionada a uma carreira ou qualificação específicas. Isso porque julgam possuírem habilidades diversas e excepcionais que permitirão que eles se tornem o que quiserem ser na vida. Os psicopatas empreendedores sempre pensam grande e

costumam arriscar alto, mas toda vez que isso ocorre, pode ter certeza de que o dinheiro arriscado é de outra pessoa, ou melhor, de mais uma de suas vítimas.

Isabela nasceu em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Desde pequena apresentava uma beleza incomum que chamava a atenção de todos. Aos 16 anos, foi chamada para ser modelo e iniciou uma carreira de sucesso que a levou aos 19 anos para Nova York. Lá, Isabela conheceu Miguel, brasileiro e modelo como ela. Miguel era de fato muito bonito, no entanto o que mais a atraiu foi o seu jeito cativante, simples e espontâneo.

Em pouco tempo, Isabela

chamou Miguel para morar em seu apartamento. Ela gostava da sua companhia, entendiam-se bem na cama e ele demonstrava ser um cara muito legal.

A convivência, contudo, começou a revelar que Miguel tinha um ego um pouco avantajado. Falava muito, mas somente sobre si mesmo. Sobre seus projetos, suas preferências, sua carreira, seus talentos, seus dotes físicos, seu charme e suas fãs. Pelas coisas de Isabela, ele não demonstrava qualquer interesse. Nas poucas vezes em que ela reclamava com Miguel sobre o seu egocentrismo, ele se justificava dizendo que precisava se valorizar, pois sua família sempre o subestimou.

Isabela, então, tentava compreender Miguel, mas ele sempre voltava a agir da mesma forma. Só usava roupas de grife, mesmo que isso custasse o seu salário inteiro.

Limitava-se a dizer que quando fechasse um grande contrato de publicidade iria restituir à Isabela todo o dinheiro que ela estava utilizando para manter a casa e os prazeres deles (restaurantes, teatros, shows e viagens).

Após um ano dessa convivência íntima, Isabela já estava cansada de ouvi-lo falar sobre sua própria beleza, sua superioridade profissional, os "megacontratos" que estavam prestes a ser assinados e os milhões de dólares que pretendia gastar com roupas e jóias.

Quando Isabela perguntava sobre suas dívidas, seus títulos protestados e seus créditos cancelados, ele dizia que tudo passaria em breve e que todos aqueles problemas se deviam à falta de sorte, muita inveja e à traição de seus colegas de trabalho.

A gota d'água para Isabela foi quando, após um desfile, ela sentiu uma forte dor no abdómen e desmaiou. Foi levada ao serviço de emergência de um hospital, onde diagnosticaram apendicite aguda. Em poucas horas foi submetida a uma intervenção cirúrgica e permaneceu hospitalizada por três dias. Miguel telefonou e disse que não poderia vê-la, em função de um grande trabalho, mas prometeu pegá-la em sua alta.

Isabela recebeu alta às 11 h de uma sexta-feira e aguardou Miguel até as 14h15, quando resolveu pegar um táxi, com a ajuda de uma das enfermeiras do hospital. Ao chegar em casa, amparada pelo porteiro do prédio, Isabela deu "de cara" com Miguel assistindo tranquilamente a um filme no DVD. Ao notar a presença dela, ele se limitou a dizer:

"Você precisa ver esse filme. O ator principal se parece muito comigo!".

Isabela não chegou a ver o filme, mas assim que se recuperou totalmente da cirurgia terminou a relação com Miguel e aceitou um convite, de fato irrecusável, para trabalhar em Milão. A última notícia que ela teve de Miguel é que se tornou um ator de filme pornô.

Ausência de sentimento de culpa

Os psicopatas mostram uma total e impressionante ausência de culpa sobre os efeitos devastadores que suas atitudes provocam nas outras pessoas. Os mais graves chegam a ser sinceros sobre esse assunto: dizem que não possuem sentimento de culpa, que não lamentam pelo sofrimento que eles causaram em outras pessoas e que não conseguem ver nenhuma razão para se preocuparem com isso. Na cabeça dos psicopatas, o que está feito, está feito, e a culpa não passa de uma ilusão utilizada pelo sistema para controlar as pessoas. Diga-se de passagem, eles (os psicopatas) sabem utilizar a culpa contra as pessoas "do bem" e a favor deles com uma maestria impressionante.

Os psicopatas são capazes de verbalizar remorso (da boca pra fora), mas suas ações são capazes de contradizê-los rapidamente. Uma das primeiras coisas que os psicopatas aprendem é a importância da palavra remorso e como devem elaborar um bom discurso para demonstrar esse sentimento. Com essa habilidade de racionalizar (criar razões para) seus comportamentos, os psicopatas se isentam de responsabilidade em relação às suas atitudes. Inventam "desculpas elaboradas" capazes de mexer profundamente

com os sentimentos nobres de pessoas de bom coração, as quais eventualmente podem vir a sentir pena dessas criaturas tão maquiavélicas.

Pedro Rodrigo Filho, o "Pedrinho Matador", é um serial killer que afirma com orgulho ter matado mais de 100 pessoas, inclusive seu próprio pai. Na Penitenciária do Estado, em São Paulo, ele é temido e respeitado pela comunidade carcerária. A primeira vez que matou, Pedrinho tinha apenas 14 anos e nunca mais parou. Com vários crimes nas costas, Pedro Rodrigo foi preso aos 18 anos, em 1973, e continuou matando dentro da própria prisão. Ele é considerado o maior homicida da história do sistema prisional e diz que só na cadeia já matou 47 pessoas. Mata sem misericórdia quem atravessa o seu caminho ou simplesmente porque não vai com a cara do sujeito.

Pedrinho sabe que matar é errado, mas justifica seus atos como algo que vem de família: pais e avós também foram matadores. Para "Pedrinho Matador", tirar a vida de alguém é somente mais um trabalho bem-sucedido. E para que ninguém se esqueça do que é capaz, tatuou no braço a frase "Mato por prazer".

Fontes: Revista Época, ed. 259, Ed. Globo, 5/5/2003; Revista Ciência Criminal, Especial Mentes Criminosas, Ed. Segmento, 2007.

Ausência de empatia

Empatia é a capacidade de considerar e respeitar os sentimentos alheios. É a habilidade de se colocar no lugar do outro, ou seja, vivenciar o que a outra pessoa sentiria caso estivéssemos na situação e circunstância experimentadas por ela. Somente pela definição do que é empatia, já fica claro que esse não é um sentimento capaz de ser experimentado por um psicopata. Para os psicopatas, as outras pessoas são meros objetos ou coisas, que

devem ser usados sempre que necessários para a satisfação do seu bel-prazer. Os psicopatas zombam dos mais sensíveis e generosos. Para eles, essas pessoas não passam de uma gente fraca e vulnerável e, por isso mesmo, são seus alvos preferidos.

A falta de empatia apresentada pelos psicopatas é geral. Eles são indiferentes aos direitos e sofrimentos de seus familiares e de estranhos do mesmo modo. Caso demonstrem possuir laços mais estreitos com alguns membros de sua família (esposa, filhos), certamente é peio sentimento de possessividade e não pelo amor genuíno.

Não se esqueça: psicopatas são incapazes de amar, eles não possuem a consciência genuína que caracteriza a espécie humana. Os psicopatas gostam de possuir coisas e pessoas, logo, é com esse sentimento de posse que eles se relacionam com o mundo e com as pessoas. Em razão dessa incapacidade em considerar os sentimentos alheios, os psicopatas mais graves são capazes de cometer atos que, aos olhos de qualquer ser humano comum, não só seriam considerados horripilantes, mas também inimagináveis.

Esses psicopatas graves são capazes de torturar e mutilar suas vítimas com a mesma sensação de quem fatia um suculento filé-mignon. Felizmente os psicopatas graves são a minoria entre todos os psicopatas. Nos chamados leves e moderados, a indiferença em relação aos outros também está presente, porém ela emerge de forma menos intensa, mas ainda devastadora para a vida das vítimas e da sociedade como um todo.

Elvira, mãe de três filhos, sempre teve muito trabalho com António, seu filho mais velho. Ele foi o seu primeiro filho e também o primeiro neto de seus pais. A mãe de Elvira faleceu quando António ainda tinha meses de idade e, na ocasião, Arthur, o pai de Elvira, foi morar com ela. Arthur sempre foi um avô muito dedicado e tratava António como se fosse o filho que ele não teve. Ele não conseguia admitir que António fosse diferente das demais crianças. Desde cedo ele se mostrava agressivo, indiferente, maltratava os

animais que o avô lhe dava e sempre mentia para obter vantagens em relação aos irmãos e colegas.

Aos 23 anos, António não trabalhava e vivia folgadamente da mesada do avô. Elvira e seu esposo não concordavam com essa rebeldia de António e também com os mimos de Arthur. Mas o avô sempre preferiu agradá-lo para que não ficasse mais revoltado ou tivesse rompantes de fúria.

Quando Arthur adoeceu, vitimado por um derrame cerebral, precisou ficar internado no CTI por quatro meses, até falecer. Durante todo esse período, António nunca visitou o avô no hospital e sequer perguntava sobre o seu estado de saúde. Elvira estava em casa preparando o almoço, quando recebeu a notícia sobre a morte de seu pai. Ela sentou e começou a chorar compulsivamente. António viu a cena e se limitou a dizer: "Mãe, pára de chorar e anda logo que eu tô com pressa. Não é porque o vovô morreu que a senhora vai deixar de me servir o almoço".

Mentiras, trapaças e manipulação

Antes de qualquer coisa, temos que considerar que todo mundo mente, uns mais, outros menos. O filósofo e psicólogo americano David Livingstone Smith afirma que a mentira

"branca" é normal e até necessária. Em seu livro Por que Mentimos, Smith descreve que todos nós mentimos de forma consciente ou inconsciente, verbal ou não-verbal, declarada ou não-declarada. Segregamos o "engano" não somente através de palavras como também pelos nossos corpos (um sorriso falso, por exemplo).

A mentira é um ato espontâneo que permeia todos os setores da nossa vida, seja para não magoarmos uma pessoa querida, como forma de "boas maneiras", ou até mesmo para desfrutarmos de alguns ganhos. A não ser em situações de extrema necessidade, as pessoas comuns e decentes mentem somente de forma ocasional, sem maiores consequências, ato perfeitamente justificável sob o ponto de vista moral.

Temos que distinguir, porém, a mentira corriqueira da mentira psicopática. Os psicopatas são mentirosos contumazes, mentem com competência (de forma fria e calculada), olhando nos olhos das pessoas. São tão habilidosos na arte de mentir que, muitas vezes, podem enganar até mesmo os profissionais mais experientes do comportamento humano. Para os psicopatas, a mentira é como se fosse um instrumento de trabalho, que é utilizado de forma sistemática e motivo de grande orgulho.

Flávio Josef, professor do instituto de psiquiatria da UFRJ que participou de uma matéria no Jornal do Brasil no dia 3 de setembro de 2006, declarou que ao perguntar a um psicopata se era fácil enganar alguém, o sujeito respondeu com enorme felicidade:

"É moleza".

Mentir, trapacear e manipular são talentos inatos dos psicopatas. Com uma imaginação fértil e focada sempre em si próprios, os psicopatas também apresentam uma surpreendente

indiferença à possibilidade de serem descobertos em suas farsas. Se forem flagrados mentindo, raramente ficam envergonhados, constrangidos ou perplexos;

apenas mudam de assunto ou tentam refazer a história inventada para que ela pareça mais verossímil.

Eles se gabam pelas suas habilidades em mentir e podem fazê-lo sem qualquer justificativa ou motivo. Essa habilidade, muitas vezes, é potencializada pela facilidade de associarem a linguagem verbal à corporal (gestos e expressões) na elaboração de suas mentiras, dando um apelo teatral às mesmas. Nesse cenário de enganação, os psicopatas são, ao mesmo tempo, roteiristas, atores e diretores de suas histórias improváveis.

É muito importante também destacar outro recurso utilizado por essas criaturas na "arte"

da mentira. Alguns psicopatas "mais experientes" são tão especialmente hábeis em mentir que se utilizam de pequenas verdades para ganharem credibilidade em seus discursos. A coisa funciona mais ou menos assim: eles admitem alguns deslizes que cometeram de fato, apenas para que as pessoas "de bem" se confundam e pensem da seguinte maneira: "Sejamos

razoáveis, se fulano' está admitindo seus erros, e bem provável que ele esteja falando a verdade sobre as demais histórias." Por isso é preciso muita observação, conhecimento de sua vida passada e um pouco de distanciamento emocional para não se deixar enganar com facilidade por um psicopata.

Em 1995, no Museu Nacional de Belas Artes, no centro do Rio do Janeiro, houve uma exposição do escultor francês Auguste Rodin, que atraiu grande público para a visitação. As filas de entrada, principalmente nos últimos dias, eram enormes e lotavam as ruas mais próximas ao museu, fazendo o público esperar por longas horas.

César, querendo ver à exposição e sem a menor vontade de permanecer na fila, não titubeou: sem qualquer constrangimento ou embaraço, paramentou-se de óculos escuros, uma bengala na mão e fingiu-se de cego, conferindo-lhe o direito de entrar na frente de todos. No interior do museu, ele teve um guia exclusivo à sua disposição, que o conduziu por todas as obras e salões da exposição. Enquanto o guia cuidadosamente descrevia com detalhes a história de cada obra de arte, César ainda pôde, por tempo indeterminado, tocar as esculturas, além de vê-las (é claro) sem que os outros percebessem.

Às gargalhadas e tomado por uma soberba absoluta, César contou essa história aos amigos, vangloriando-se de como foi fácil enganar os organizadores do evento e obter um tratamento VIR Relatou com deboche, descaso e prazer que todos não passavam de uns otários: desde os responsáveis pela exposição e seu guia até a multidão que esperava por sua vez do lado de fora.

Pobreza de emoções

Os psicopatas apresentam uma espécie de "pobreza emocional" que pode ser evidenciada pela limitada variedade e intensidade de seus sentimentos. São incapazes de sentir certos tipos

Página 73

de sentimento como o amor, a compaixão e o respeito pelo outro. Por vezes podem nos confundir ao apresentarem episódios emocionais dramáticos, fúteis e de curta duração.

No entanto, se observarmos com mais cautela, constataremos que esses episódios não passam de pura encenação.

Muitas vezes, os psicopatas querem convencer as pessoas de que são capazes de vivenciar fortes emoções, porém eles sequer sabem diferenciar as nuances existentes entre elas. Confundem amor com pura excitação sexual, tristeza com frustração e raiva com irritabilidade.

Muitos psiquiatras afirmam que as emoções dos psicopatas são tão superficiais que podem ser consideradas algo bem similar ao que denominam de "proto-emoções"

(respostas primitivas às necessidades imediatas).

Para a grande maioria das pessoas, o medo está associado a uma variedade de sensações físicas desagradáveis, tais como suor nas mãos, coração acelerado, boca seca, tensão muscular, tremores e até náuseas e vómitos. Porém, para os psicopatas essas sensações físicas não fazem parte do que eles experimentam como medo. Para eles o medo, como a maioria das emoções, é algo incompleto, superficial, cognitivo por natureza (apenas um conceito de linguagem) e não está associado a alterações corporais.

Alguns presidiários identificados como psicopatas foram submetidos à visualização de cenas de conteúdo chocante. Esse conjunto de imagens editadas mostrava, entre outras coisas, corpos decapitados, torturas com eletrochoques, crianças esquálidas com moscas nos olhos e gritos de desespero. Enquanto as pessoas comuns só de imaginar tais situações ficariam arrepiadas e com reações físicas de medo, esses psicopatas não apresentaram sequer variação de seus batimentos cardíacos.

O neuropsiquiatra Ricardo de Oliveira-Souza e o neurorra-diologista Jorge Moll desenvolveram um teste denominado Bateria de Emoções Morais (BEM), que utiliza tecnologia de Ressonância Magnética funcional (RMf). Esse teste tem por objetivo verificar

Página 74

como o cérebro dos indivíduos se comporta ao fazerem julgamentos morais, que envolvem emoções sociais positivas, como arrependimento, culpa e compaixão. De forma diversa das emoções primárias - como o medo ou a raiva que compartilhamos com os animais -, as emoções sociais positivas são mais sofisticadas e exclusivas da espécie humana: são elas que orquestram relações interpessoais harmónicas.

Os resultados desse estudo demonstraram que, diferentemente das pessoas comuns, os psicopatas apresentam atividade cerebral reduzida nas estruturas relacionadas às emoções em geral. Em contrapartida, revelaram aumento de atividade nas regiões responsáveis pela cognição (capacidade de racionalizar). Assim, pôde-se concluir que os psicopatas são muito mais racionais do que emocionais.

Voltando ao medo: é uma emoção primária (inata) e necessária para a nossa sobrevivência. Além disso, ele também nos impede de tomar certas atitudes das quais poderíamos nos arrepender ou ainda pode nos favorecer a agir de forma correta pelo temor das consequências futuras. Seja de uma forma ou outra (impedindo ou estimulando comportamentos), o medo é capaz de despertar na grande maioria das pessoas o que chamamos de "consciência emocional" das consequências de nossos atos.

Se considerarmos que os psicopatas não possuem essa emoção, eles simplesmente seguem os seus caminhos, fazem suas escolhas e agem como bem entendem. É

importante frisar que eles sempre sabem qual a consequência das suas atitudes transgressoras, no entanto, não dão a mínima importância para isso.

Um psicopata, quando "perde o controle", sabe exatamente até onde ele quer ir, no sentido de magoar, amedrontar ou machucar uma pessoa.

CAPITULO 5

PSICOPATAS: UMA VISÃO MAIS DETALHADA - PARTE 2

No capítulo anterior destaquei as características referentes aos sentimentos e relacionamentos interpessoais dos psicopatas. Aqui, o objetivo é focar e descrever os aspectos condizentes ao estilo de vida e o comportamento anti-social (transgressor) dessas criaturas.

Aspectos referentes ao estilo de vida e comportamento anti-social (transgressor)

Impulsividade

A impulsividade apresentada pelos psicopatas visa sempre alcançar prazer, satisfação ou alívio imediato em determinada situação, sem qualquer vestígio de culpa ou arrependimento. Para se ter ideia dessa impulsividade de natureza tão primitiva e destruidora, cito a história descrita no livro Without Conscience, do psiquiatra canadense Robert Hare:

Um presidiário psicopata, considerado grave pela avaliação do dr. Hare, um dia estava a caminho de uma festa e resolveu comprar um engradado de cerveja. Ao perceber que havia esquecido sua carteira de dinheiro em casa, simplesmente pegou um pedaço de madeira robusto e assaltou o posto de gasolina mais próximo, deixando o funcionário gravemente ferido.

Imagine por um minuto que você está na cabeça de um psicopata. Lembre-se de que suas ações sempre têm como objetivo a obtenção de prazer e auto-satisfação imediatos.

Por meio desse raciocínio, qual seria a sua reação caso algo ou alguém representasse um obstáculo para você? Se você pensou em tirar todas as "pedras" do seu caminho, sem pensar nas consequências, acertou!

Agora analise comigo o caso específico do presidiário citado. Ao esquecer a carteira em casa, o seu prazer (comprar cerveja) ficou momentaneamente ameaçado, concorda?

Assim, impulsivamente e de forma agressiva, atacou o frentista do posto de gasolina apenas para atingir o seu objetivo.

Dessa forma, esses seres impulsivos tendem a viver o momento presente (o aqui e o agora), buscando sempre a satisfação imediata dos seus próprios desejos, sem qualquer preocupação com o futuro.

Autocontrole deficiente

A maioria de nós possui o que denominamos controle arbitrário sobre nossos comportamentos. Assim, mesmo que por vezes tenhamos vontade de responder agressivamente a provocações, acabamos não agindo dessa forma, em função de sermos capazes de exercer nosso autocontrole.

Os psicopatas apresentam níveis de autocontrole extremamente reduzidos. São denominados "cabeça-quente" ou "pavio-curto" por sua tendência a responder às frustrações e às críticas com violência súbita, ameaças e desaforos. Eles facilmente se ofendem e se tornam violentos por trivialidades ou por motivos banais. Apesar de a explosão de agressividade e violência serem intensas, elas ocorrem em um curto espaço de tempo, após o qual os psicopatas voltam a se comportar como se nada tivesse ocorrido.

Quando um psicopata apresenta um ataque de "fúria", chegamos a pensar que ele teve um "ataque súbito de loucura". Mas não se iluda, ele sabe exatamente o que está fazendo. Suas demonstrações de agressividade, ao mesmo tempo em que são intensas na expressão, são pobres na emoção. Rapidamente eles se

recompõem, até porque lhes falta a verdadeira emoção vivenciada pelas pessoas comuns quando estas perdem a cabeça.

Um psicopata, quando "perde o controle", sabe exatamente até onde ele quer ir, no sentido de magoar, amedrontar ou machucar uma pessoa. Apesar de tudo isso, eles se recusam a admitir que tenham problemas em controlar seu temperamento. Eles descrevem seus episódios

agressivos como uma resposta natural à provocação a que foi submetido. Daí a se colocar como vítima de toda a situação é um passo muito pequeno!

Lembro-me de Ângela, uma paciente cujo namorado (Fernando) tinha todos os indícios de ser um psicopata. Entre os diversos relatos que ela me fez, destaco o ataque de fúria que ele teve com o porteiro de seu prédio. Estacionou seu carro na garagem, ocupando o espaço destinado a duas vagas. Quando o porteiro gentilmente solicitou que ele manobrasse a fim de ocupar apenas uma vaga, Fernando, aos berros, xingou-o e com um golpe quebrou o braço da pobre criatura. Fernando subiu para o apartamento de Ângela e, como se nada tivesse acontecido, degustou tranquilamente o vinho que ela acabara de servir. Simples assim! Dispensável falar das consequências disso tudo.

Necessidade de excitação

Os psicopatas são intolerantes ao tédio ou a situações rotineiras. Eles buscam situações que possam mantê-los em um estado permanente de alta excitação. Por isso, apreciam viver no limite, no conhecido "fio da navalha". Nessa busca desenfreada, muitas vezes, envolvem-se em situações ilegais, agressões físicas, brigas, desacatos a autoridades, direção perigosa, uso de drogas, promiscuidade sexual etc. Frequentemente mudam de residência e emprego na busca de novas situações que os "excitem".

Página 81

Em função disso, dificilmente iremos encontrar um psicopata exercendo atividades que demandam estabilidade e alta concentração por longos períodos.

Muitos psicopatas procuram nos atos perigosos, proibidos ou ilegais que praticam o suspense e a excitação que esses atos provocam. Para eles, tudo isso não passa de mero prazer e diversão imediatos, sem qualquer outra conotação.

Roberto, um jovem de classe média alta, e mais dois colegas foram pegos em flagrante ateando fogo em um mendigo que dormia numa praça da cidade. Na delegacia Roberto declarou que eles estavam voltando de uma festa e resolveram “zoar” com as pessoas que encontrassem na rua. No entanto, ao se depararem com o mendigo roncando no banco da praça, alegaram ter feito apenas uma brincadeira: “A gente só queria se divertir”, complementou Roberto. Dois dias depois, ao ser informado de que o mendigo havia falecido, Roberto se limitou a dizer: “Foi mal”.

Falta de responsabilidade

Para os psicopatas, obrigações e compromissos não significam absolutamente nada. A sua incapacidade de serem responsáveis e confiáveis se estendem para todas as áreas de suas vidas. No trabalho apresentam desempenho errático, com faltas freqüentes, uso indevido dos recursos da empresa e violação da política da companhia. Nas relações interpessoais não honram compromissos formais ou implícitos com as outras pessoas.

Por isso, nunca acredite em acordos escritos ou verbais com eles, pois nunca irão cumpri-los totalmente. Talvez o façam parcialmente no início do acordo somente para impressionar e ganhar confiança de suas vítimas. Mas uma coisa é certa: mais cedo ou mais tarde eles irão "aprontar"!

Quando a questão é família, o comportamento deles também segue o mesmo padrão de indiferença e irresponsabilidade.

Quando constituem famílias (cônjuges e filhos) os psicopatas não o fazem por sentimentos amorosos, mas sim como um instrumento necessário para construir uma boa imagem perante a sociedade.

Conheci uma psicopata que utilizava o seu próprio filho (recém-nascido) para vender drogas em um ponto muito bem frequentado da zona sul do Rio de Janeiro. Em um dia frio, saindo de um restaurante, ouvi o choro forte de um bebé que estava no colo de uma mulher e me aproximei na tentativa de oferecer algum auxílio: ele estava faminto e febril. De repente, a mulher disse de forma ríspida para eu me afastar porque estava atrapalhando o seu "trabalho". Há poucos metros dali pude observar um grupo de jovens comprando drogas que ela retirava de dentro da roupinha do bebé. Antes de ir embora, passei novamente por ela, que me disse com frieza e indiferença: "Ele tem que me ajudar a trabalhar, os policiais não revistam bebés!".

Em geral os psicopatas afirmam, com palavras bem colocadas, que se importam muito com sua família (pai, mãe, irmãos, filhos), mas suas atitudes contradizem totalmente o seu discurso. Eles não hesitam em usar seus familiares e amigos para se livrarem de situações difíceis ou tirarem vantagens. Quando dizem que amam ou demonstram ciúmes, na realidade têm apenas um senso de posse como com qualquer objeto. Eles tratam as pessoas como "coisas" que, quando não servem mais, são descartadas da mesma forma que se faz com uma ferramenta usada.

Problemas comportamentais precoces

Otávio sempre foi um menino difícil e diferente das outras crianças. Desde os 6 anos de idade, seus pais achavam que ele não era uma criança normal. Não foram poucas as travessuras na infância do menino. Ele era uma verdadeira "peste" e parecia não

se importar com os sentimentos de ninguém: parecia se divertir quando machucava o seu irmãzinho mais novo ou quando torturava o gatinho de sua avó. Quando repreendido pelos pais por seu comportamento cruel contra o seu irmão, ele simplesmente dizia-. "Eu só estava treinando boxe." Quanto ao gato, Otávio por inúmeras vezes o colocou no congelador para testar se realmente ele tinha sete vidas.

Na escola as dificuldades não eram menores: ele era bri-guento, irrequieto, indisciplinado e displicente. Embora fosse um menino inteligente, detestava fazer as tarefas escolares e só

estudava como manobra para receber recompensas de seus pais.

Na adolescência Otávio abandonou os estudos, e seus pais não tiveram mais nenhum controle sobre ele. Envolvia-se em brigas, usava drogas, roubava o carro do pai para participar de "pegas" e deu vários golpes em parentes e amigos, utilizando cheques com assinaturas falsas e cartões de crédito deles.

Desde a infância, seus pais procuraram diversos profissionais como psicólogos, neurologistas e psiquiatras, até receberem a triste notícia de que Otávio é um psicopata.

Hoje, com 25 anos, ele cumpre pena por tráfico de drogas e nunca demonstrou qualquer arrependimento pelos seus atos.

Os psicopatas começam a exibir problemas comportamentais sérios desde muito cedo, tais como mentiras recorrentes, trapaças, roubo, vandalismo e violência. Eles apresentam também comportamentos cruéis contra os animais e outras crianças, que podem incluir seus próprios irmãos, bem como os coleguinhas da escola.

Vale à pena destacar que crianças e adolescentes com perfil psicopático costumam realizar intimidações (assédio psicológico) contra pessoas pertencentes aos seus grupos sociais. E quando isso ocorre no ambiente escolar, pode caracterizar a ocorrência de um fenómeno denominado bullying.

Bullying pode ser definido como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente adotada por um ou mais alunos contra outros. Os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão e prazer, cujas "brincadeiras" têm como propósito maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar, causando dor, angústia e sofrimento às suas vítimas. O líder do grupo agressor (o

"valentão" ou o "tirano") costuma ser o indivíduo que apresenta características compatíveis com a personalidade psicopática.

Como ilustração desse problema que se instala nas escolas de todo o mundo, cito um caso extraído do livro Fenómeno Bullying, de autoria de Cleo Fante: Johnny, um menino tranquilo de 13 anos, durante dois anos foi brinquedo de seus companheiros de classe. Os adolescentes importunavam-no para que ele lhes desse dinheiro, obrigavam-no a tragar ervas e a beber leite misturado com detergente, golpea-vam-no no pátio e atavam-lhe uma corda ao pescoço, para passear como um cachorrinho... Quando perguntaram aos torturadores de Johnny sobre suas intimidações, disseram que perseguiam a sua vítima porque era divertido.

Importante destacar que ninguém vira psicopata da noite para o dia: eles nascem assim e permanecem assim durante toda a sua existência. Os psicopatas apresentam em sua história de vida alterações comportamentais sérias, desde a mais tenra infância até os seus últimos dias, revelando que antes de tudo a psicopatia se traduz numa maneira de ser, existir e perceber o

mundo.

Comportamento transgressor no adulto

Todas as sociedades se estabeleceram utilizando normas e regras que ditam o comportamento de seus membros. Isso

assegura que a maioria deles tenderá a obedecer às normas gerais com o objetivo de evitar as punições advindas das transgressões dessas regras. Dessa forma, isso assegura a cada indivíduo quais são os seus direitos e deveres para que se tenha um mínimo de harmonia na convivência em grupo. Caso contrário, a convivência entre os humanos tenderia a uma total anarquia, prevalecendo simplesmente "a lei do mais forte".

Os psicopatas não apenas transgridem as normas sociais como também as ignoram e as consideram meros obstáculos, que devem ser superados na conquista de suas ambições e seus prazeres. Essas leis e regras sociais não despertam nos psicopatas a mesma inibição que produzem na maioria das pessoas. Por isso, observamos que, na trajetória de vida desses indivíduos, o comportamento transgressor e anti-social é uma constante.

Pesquisas têm constatado que a aparição precoce do comportamento anti-social (infância e adolescência) é um forte indicador de problemas transgressores e criminalidade no adulto. Vale ressaltar que o psicopata sempre vai revelar ausência de consciência genuína frente às demais pessoas: são incapazes de amar e nutrir o sentimento de empatia. Eles jamais deixarão de apresentar comportamentos anti-sociais; o que pode mudar é a forma de exercer suas atividades ilegais durante a vida (roubos, golpes, desvio de verba, estupro, sequestro, assassinato etc). Em outras palavras, a maioria dos psicopatas não é expert numa atividade criminal específica, mas sim

"passeia" pelas mais diversas categorias de crimes, o que Hare denomina versatilidade criminal.

Finalizando este capítulo, gostaria de deixar claro que os psicopatas não são os únicos indivíduos a levarem a vida de forma transgressora. Muitos criminosos possuem algumas das características descritas nos dois últimos capítulos. No entanto, eles se mostram capazes de sentir culpa, remorso, empatia, bons sentimentos

por outras pessoas e por isso mesmo não são considerados psicopatas. O diagnóstico de psicopatia somente pode ser feito quando o indivíduo se encaixa de forma significativa nesse perfil, ou seja, quando possuir a maioria dos sintomas aqui apresentados.

Capítulo 6

Os psicopatas no mundo profissional

Identificar psicopatas fora das prisões e dos manicômios judiciários é uma empreitada bastante difícil. Os psicopatas estão por toda a parte e no dia-a-dia é possível encontrá-los em diversas categorias profissionais. Em particular, em organizações e empresas públicas ou privadas. Estas costumam se constituir em um cenário favorável para a peculiar maneira de agir desses indivíduos. Sem qualquer sombra de dúvida, o papel de liderança em cargos como diretor, gerente, supervisor ou executivo é sempre algo muito atraente para um psicopata. Esses cargos, além de oferecerem bons salários, proporcionam status social, poder e um amplo território de atuação e influência.

A ação dos psicopatas nas organizações empresariais

Sérgio tinha 42 anos quando foi promovido a supervisor geral na empresa em que trabalhava havia 18 anos. Sempre foi um funcionário "tipo caxias", nunca poupou esforços para cumprir seus prazos e sempre esteve à frente de seus colegas de trabalho, lutando por melhores oportunidades para todos e para a empresa.

Iniciou sua carreira na empresa, ainda recém-formado, e cresceu com ela superando seus próprios limites e enfrentando com seriedade todas as crises do mercado. Agora estava ali, no posto que tanto batalhou para conseguir. A empresa lhe disponibilizou carro, uma secretária exclusiva e um assistente que exerceria sua função anterior: gerência geral. Ele mesmo fez questão de selecionar o novo parceiro-funcionário, aquele cujo trabalho daria seguimento ao seu.

Marcos chegou à entrevista na hora exata e em poucos minutos Sérgio "percebeu" que ele era a pessoa certa para o cargo. Marcos era jovem, 28 anos, tinha ótima aparência, boa fluência verbal e sua inteligência impressionou Sérgio. Apesar de sua pouca

idade, narrou de forma segura e minuciosa seus inúmeros méritos e suas experiências profissionais. Num rompante de entusiasmo e fascinado pelas qualidades profissionais de Marcos, Sérgio o contratou imediatamente.

Pobre Sérgio, cometeu um lastimável engano! Pouco tempo depois começou a amargar o mais profundo arrependimento. A partir de então passou a checar se as informações fornecidas por Marcos em seu currículo eram verídicas. Comprovou que a maioria das qualificações de seu novo funcionário era fraudulenta. Marcos, a essa altura, já se mostrara uma pessoa arrogante, insolente e deveras ambiciosa.

Aquela pessoa que, ao primeiro contato, prometia ser um excelente profissional, realmente surpreendeu, mas de forma absolutamente oposta. Logo após algumas semanas de trabalho começou a se queixar da secretária de Sérgio sem qualquer motivo concreto. D. Rosana era reconhecidamente uma pessoa muito confiável e responsável.

No entanto, Marcos provocou uma cena de puro exibicionismo e expôs a fiel secretária a uma humilhação pública, chamando-a de incompetente, burra e lenta na frente dos demais

funcionários.

Logo após esse episódio, Marcos começou a faltar às reuniões com os seus subordinados e, consequentemente, às de Sérgio também. Para tais faltas sempre apresentava desculpas pouco convincentes e sem qualquer constrangimento por isso.

Sérgio não tardou a desconfiar que Marcos estava desviando dinheiro da empresa na forma de percentuais de venda destinados aos gerentes subordinados. Quando foi questionado sobre o assunto, Marcos se limitou a responder, de forma evasiva, que não tinha a menor noção do que se tratava.

A situação já estava insustentável quando Sérgio procurou o presidente da empresa para relatar os fatos. No entanto, foi recebido com indiferença e ainda foi obrigado a ouvir do presidente uma série de elogios ao jovem e inteligente Marcos.

Por fim, foi comunicado que retornaria ao seu cargo anterior e Marcos assumiria imediatamente a função de supervisor geral da empresa.

Os psicopatas costumam agir com tato e habilidade no cenário empresarial, assim como observamos no caso apresentado. Segundo Robert Hare, o número de psicopatas burocratas ou de "colarinho branco" é significativo em cargos de lideranças e chefias.

Por serem de difícil reconhecimento inicial, eles costumam tiranizar seus colegas de trabalho e alguns chegam até a causar grandes prejuízos financeiros para as empresas em que trabalham.

Paul Babiak, psicólogo americano, especializado em recursos humanos, realizou um importante estudo, através do qual demonstrou as táticas utilizadas por psicopatas no meio corporativo. Ele os denominou "cobras de temo" por suas ações cínicas, inescrupulosas e antiéticas na disputa por altos cargos, salários e poder. Segundo Babiak, os psicopatas em ambientes empresariais costumam adotar um plano tático que pode ser resumido em cinco fases:

Fase 1 - Ingresso na empresa

Esta fase corresponde basicamente à entrevista de emprego. Nessa ocasião o candidato psicopata mostra-se cativante, seguro e charmoso. Utiliza-se de todo seu arsenal sedutor com o objetivo claro de impressionar o entrevistador da forma mais positiva possível.

Fase 2 - Estudo do território (avaliação)

Nessa etapa o psicopata já se encontra empregado. Procura então descobrir, da forma mais rápida possível, quem são as pessoas que possuem voz ativa na empresa.

Logo em seguida trata de construir relações pessoais, de preferência íntimas, com esses funcionários influentes.

Página 93

Fase 3 - Manipulação de pessoas e fatos

De forma maquiavélica (intencional), espalha falsas informações para que seja visto de forma positiva e os outros de maneira negativa perante as chefias. Semeia desconfiança entre os funcionários, jogando-os uns contra os outros. Disfarça-se de "amigo", contando aos colegas sobre outros que o difamaram. Estabelece contato individual com as pessoas, mas evita reuniões ou situações nas quais precise se posicionar perante todo o grupo. Mantém-se "camuflado" para levar adiante a estratégia de ascensão ao poder.

Fase 4 – Confrontação

Nessa fase os psicopatas "de terno e gravata" abandonam as pessoas que havia cortejado anteriormente e que não são mais úteis à sua ascensão profissional. Num requinte de maldade, eles utilizam a humilhação como arma para manterem suas vítimas em silêncio. Dessa forma, as pessoas que mais foram exploradas são aquelas que menos se dispõem a falar sobre suas experiências.

Fase 5 – Ascensão

Tal qual um jogo de xadrez, essa é a hora do xeque-mate, é a hora do golpe fatal. Após colocar líderes e chefias uns contra os outros, o psicopata "de terno e gravata" toma o lugar do seu superior, que geralmente é demitido ou rebaixado de cargo e função.

É importante lembrarmos que a ausência de consciência e de medo torna essas pessoas potencialmente ardilosas e perigosas. Para elas, infringir as normas e externar seus desejos agressivos e predatórios sem qualquer escrúpulo ou culpa são atitudes "naturais"

e, por isso mesmo, isentas de qualquer autocrítica. Empresas e instituições psicopáticas Não podemos esquecer que a forma como as empresas são estruturadas também pode colaborar para que indivíduos com

Página 94

comportamento egocêntrico e inescrupuloso alcancem cargos de chefia e poder. Nos tempos atuais algumas empresas crescem tão rapidamente que são obrigadas a mudanças constantes de funcionários e cargos.

Nesse cenário as intrigas, as falcatruas dos psicopatas podem ser dissimuladas por muito tempo. São as políticas de crescimento baseadas na "política" de que os fins justificam os meios. Na ânsia de crescer muito no menor espaço de tempo, muitas empresas acabam adoecendo também e perdem seus alicerces. As empresas doentes tendem a incorporar em

seus quadros de funcionários pessoas que combinam com suas adoecidas estruturas. Reforça-se assim o estilo inescrupuloso no ambiente corporativo.

Entretanto, empresas que adotam uma estrutura administrativa baseada na confiança e na responsabilidade mútuas também podem se deparar com problemas semelhantes, uma vez que não adotam uma vigilância rígida sobre seus funcionários. Essa postura produz um ambiente profissional com maior liberdade. Por um lado isso pode ser muito positivo para a maioria das pessoas. No entanto, essa mesma liberdade pode se construir em um terreno fértil em que os psicopatas "de colarinho branco" costumam florescer.

Em tempos de globalização económica, a competitividade entre as empresas pode adquirir dimensões extremas, ocasionando crises nos mais diversos setores empresariais.

Nesses cenários, mudanças precisam ser realizadas em tempo hábil. As empresas mais bem estruturadas e com visão estratégica de médio e longo prazo tendem a reunir forças em seus próprios funcionários com o objetivo de encontrarem novas e criativas alternativas que façam a empresa transcender suas limitações e retornar à rota do crescimento sólido e duradouro sem perder seus valores primordiais. Já as empresas com fraca estruturação administrativa e filosófica tendem, em situações emergenciais, a supervalorizar soluções mágicas e imediatas baseadas em profissionais que "encarnam"

o papel de salvador da pátria.

Nessas empresas o profissional que possui ou representa bem valores como força, capacidade de persuasão e controle das emoções rapidamente entrará em alta, pois à primeira vista suas características são interpretadas como vantagens preciosas no mundo empresarial.

Um psicopata pode facilmente fingir incorporar tais características e, ao utilizá-las de forma carismática e manipuladora, fazer uma carreira longa e de sucesso em empresas com estruturas deficientes no aspecto material, ideológico e/ou ético.

Por tudo o que foi exposto, é fundamental no campo profissional analisarmos de forma crítica e cética o que pode estar por trás de um belo e suntuoso currículo.

A presença de psicólogos qualificados e bem treinados nas empresas pode ser um diferencial muito bem-vindo quando se trata de separar o joio do trigo no campo profissional. Isso porque as pessoas que têm que tomar decisões sobre a contratação de funcionários nem sempre estão adequadamente capacitadas e treinadas para enfrentar as habilidades de manipulação e convencimento dos psicopatas. Assim, atente-se às seguintes dicas:

• Desconfie de um currículo ostensivo em demasia.

• Repare se ele apresenta inúmeras mudanças de cargo em pequenos espaços de tempo.

• Solicite ao setor de Recursos Humanos que faça contato com seu último empregador.

• Na entrevista com o candidato elabore perguntas habilidosas que possam aferir a veracidade das informações contidas no currículo.

A psicopatia nas diversas profissões

Os psicopatas não vão ao trabalho, vão à caça. Como observamos na primeira parte do capítulo, no mundo corporativo a ação dos psicopatas pode ser comparada a de animais ferozes na busca implacável do poder e do domínio sobre o

maior número de pessoas possível, assim como os grandes predadores fazem na demarcação dos seus territórios.

A grande maioria dos psicopatas utiliza suas atividades profissionais para conquistar poder e controle sobre as pessoas. Essas ocupações podem auxiliá-los ainda na camuflagem social daqueles que não levam uma vida francamente marginal (delinquentes mais perigosos). Muitos se camuflam em pessoas responsáveis através de suas profissões. Nesse contexto, podemos encontrar policiais que dirigem redes de prostituição, juízes que cometem os mesmos delitos que os réus - mas no julgamento os condenam com argumentações jurídicas impecáveis, banqueiros que disseminam falsos boatos económicos na economia. Também estão alguns líderes de seitas religiosas, que abusam sexualmente de seus discípulos, ou ainda políticos e homens de Estado que só utilizam o poder em proveito próprio. Estes últimos costumam representar grandes perigos pelo tamanho do poder que podem deter.

A política propicia o exercício do poder de forma quase ilimitada. Poucos cargos permitem um exercício tão propício para atuação dos psicopatas. A "renda" material que eles podem obter também é praticamente incalculável, quando exercem a profissão de forma ilegal. O próprio salário deles também é muito bom, se comparados aos salários dos executivos das corporações privadas. E o fato de terem um foro privilegiado quase lhes assegura de forma impune o exercício do poder com outros fins que não sejam os de servir aos interesses da nação. Todos esses ingredientes fazem uma pizza gostosa de comer, com possibilidade de indigestão quase nula. No Brasil, esse fenómeno torna-se mais gritante porque a impunidade funciona como uma doença crónica e deriva de um somatório que inclui um sistema policial deficitário, um aparelho judiciário emperrado e um código processual retrógrado.

Esse fato pode ser facilmente verificado pelas inúmeras manchetes que diariamente noticiam os diversos crimes cometidos por maus políticos: lavagem de dinheiro público, formação de quadrilha,

corrupção ativa e passiva, gestão fraudulenta, evasão de divisas, crime de peculato, desvio de recursos de obras públicas, envio ilegal de dinheiro ao exterior, crime contra a administração

pública e por aí vai.

A coisa chegou a tal ponto, que a palavra "política" passou a designar precisamente esse jogo amoral no qual a igualdade é sempre ultrapassada por pessoas que, desdenhando das leis, passam a controlá-las em vez de zelar por elas. Ou um ritual os quais os criminosos são acusados, mas quando são importantes, livram-se da pena porque têm comprovadas relações pessoais e partidárias com os donos do poder. Roberto DaMatta (sociólogo). Revista Veja, ed. 2.021, ano 40, artigo: "Sem culpa e sem vergonha", Ed.

Abril, 15/8/2007.

Uma pesquisa realizada pelo Ibope (encomendada pela revista Veja) para saber o que os brasileiros acham de seus parlamentares mostra que, embora a maioria dos entrevistados considere que o Congresso é essencial para a democracia, a imagem que eles passam para a população resume-se nos seguintes adje-tivos: "desonestos, insensíveis, mentirosos". Revista Veja, ed. 1.993, ano 40, Ed. Abril, 31/1/2007.

Também achei importante destacar neste tópico a presença dos psicopatas em casos de pedofilia - abuso sexual contra crianças ou pré-púberes (13 anos ou menos). Para realizarem essa perversidade, os psicopatas se camuflam em profissões que permitam aproximar-se de crianças. São professores, chefes de escoteiros, treinadores esportivos, pediatras, religiosos que atuam em colégios, entre dezenas de profissões que exigem contato com crianças. Todas essas atividades profissionais apresentam uma aura socialmente reconhecida como nobres e educativas. O psicopata

pedófilo usa, de forma maquiavélica, essa artimanha para acercar-se de suas vítimas, sem despertar suspeitas.

O caso do médico Eugênio Chipkevitch, um dos pediatras mais conceituados do Brasil e detentor de um currículo invejável, ilustra essa constatação de forma bastante didática.

Em 2002, o médico russo, naturalizado brasileiro e especializado em psicoterapia infanto-juvenil, foi detido sob a acusação de abusar sexualmente de seus jovens pacientes. A sordidez de suas táticas abusivas foi detalhada em quase quarenta fitas de vídeo, que teriam sido gravadas pelo próprio médico em seu consultório. Após conquistar a confiança de seus pacientes, o médico aplicava-lhes injeções com sedativos e depois abusava sexualmente deles.

Ao ser detido, Chipkevitch agiu de forma indiferente e, sem qualquer constrangimento, admitiu ser ele o médico que aparecia nas fitas. Conseguiu até, de forma afável e tranquila, oferecer cafezinho aos policiais que vasculharam seu apartamento em busca de provas.

O perfil psicopático do médico pode ser observado em alguns aspectos: a perversidade do ato em si, o requinte rituaiístico de dopar as vítimas e filmá-las e a sua indiferença afetiva em relação a toda situação.

A maneira como o médico escondeu o lado obscuro de sua vida revela um talento inquestionável para mentir e manipular. Tal fato gerou perplexidade, inclusive, em seus próprios colegas de trabalho: "Eu o conheço desde 1985. É um médico muito conceituado e não consigo acreditar nisso", declarou a psicopedagoga Maria Aparecida Casagrandi à revista Veja (ns 1.744 de 27/3/2002).

Quem poderia desconfiar que por trás do respeitado médico escondia-se um monstro.

Chipkevitch era um lobo em pele de cordeiro.

Capítulo 7

FOI MANCHETE NOS JORNAIS

Ao iniciar este capítulo, é importante ressaltar que em momento algum afirmo que as pessoas aqui descritas são psicopatas de fato. Esclareço também que não tenho nenhum nível de convivência com elas e tampouco fiz alguma investigação diagnostica específica que pudesse atestar a psicopatia em suas personalidades. O que me interessa aqui são os acontecimentos e os atos que lhes são atribuídos, uma vez que sugerem um proceder característico da psicopatia. Sílvia Calabrese Lima - "Como alguém é capaz de fazer isso?". Goiânia, 17 de março de 2008.

Uma denúncia anónima levou dois investigadores de polícia até o apartamento da empresária de construção civil Sílvia Calabrese Lima, de 42 anos. Sílvia foi presa em flagrante por maltratar e torturar uma menina de 12 anos que morava com ela havia mais ou menos dois anos.

A agente policial Jussara Assis encontrou a menina com os braços acorrentados a uma escada de ferro no apartamento da empresária, localizado num bairro nobre na cidade de Goiânia. Uma mordaça de gaze e esparadrapo embebida em pimenta, vários dedos das mãos quebrados, a maioria das unhas arrancadas, marcas de ferro quente pelo corpo e dentes quebrados a marteladas completavam o quadro de atrocidades. Objetos como correntes, cadeados e alicates serviam de instrumentos de tortura, que ocorria de forma sistemática.

A menina, visivelmente traumatizada, relatou à polícia: "Hoje porque eu não sequei o banheiro dela, ela me acorrentou." Ela disse que nunca contou nada porque era ameaçada de morte pela empresária. Também foi presa a empregada Vanice Novais, de 23

anos, acusada de participar dos horrores. Ela alegou que torturava a menina "a mando da patroa". Num caderno, Vanice registrava o dia e a hora das agressões.

Após a repercussão do caso, outras meninas (pelo menos quatro) revelaram que também foram

torturadas de forma muito parecida, pela mesma empresária.

Sílvia, que é filha adotiva, ganhava a confiança dos pais de meninas pobres para depois adotá-las informalmente. Suas promessas eram de oferecer estudos para que as crianças tivessem as mesmas oportunidades que ela teve quando fora adotada. Além disso, alegava querer muito uma menina para cuidar, pois só tinha filhos homens. Instaladas na casa de Sílvia, as meninas eram submetidas a atos de violência, trabalhos forçados, privações de comida e outros suplícios como ingerir fezes de animais.

A delegada Adriana Accorsi, responsável pelo caso, declarou à revista Veja: "Ela é sádica, sente prazer em machucar meninas e em momento nenhum demonstrou arrependimento pelo que fez".

Na prisão, em entrevista ao programa Fantástico (Rede Globo), Sílvia confessou ao repórter Vinícius Dônola a autoria do crime: "Devo, e vou confessar em juízo o que fiz...", "Sabe qual que é a história? Eu era a mandante; ela, a executante (referindo-se à empregada doméstica). Essa é a história. Não tem outra história".

Quando perguntada por que agiu daquela maneira com a menina, a agressora respondeu:

"Na minha cabeça, eu não achava que tava torturando, na minha cabeça, eu achava que tava educando", "Minha vida acabou. Eu sei que vou ficar aqui. Eu tenho noção disso.

Eu não sou louca".

Um parente da agressora disse que desde a infância ela apresenta "distúrbio de comportamento" e um histórico de problemas. Sílvia foi criada de orfanato em orfanato até ser adotada aos 12 anos de idade. Ainda precoce, já demonstrava ser uma criança com sérias alterações de comportamento. Aos 9 anos foi expulsa Página 104

de uma instituição porque estava atrapalhando a educação das outras meninas.

Para o psiquiatra forense Guido Palompa, pessoas como Sílvia costumam alegar que receberam maus-tratos na infância, mas não é verdade. "São pessoas que são de natureza deformada", "Elas também não têm nenhum arrependimento". Fontes: revista Veja, ed. 2.053, Ed. Abril, 26/3/2008; programa Fantástico, Rede Globo, exibido em 23/3/2008. Kelly Samara Carvalho dos Santos - "Ela parecia tão nobre".

Em 22 de agosto de 2007, uma jovem de 19 anos foi presa em São Paulo, acusada de crimes de falsidade ideológica, estelionato e furtos. Bonita, magra, alta e bem vestida, cativava as pessoas por sua simpatia e desenvoltura. Kelly Samara Carvalho dos Santos, que se apresentava como Kelly Tranchesi, também tinha lá seus destemperas: quando não convencia por bem, usava de arrogância, fazia escândalos e destratava pessoas.

Nascida em Amambai (MS), onde foi criada pelos avós maternos, Kelly é conhecida em várias cidades da região pelos golpes que aplicou. Segundo as informações de uma tia e da

ex-diretora do colégio onde ela estudou, desde pequena não respeitava regras, desobedecia aos professores, furtava objetos e ludibriava as pessoas. O Conselho Tutelar de Amambai acompanhou a jovem desde 2001, quando começou a aplicar golpes.

Segundo o G1 (Portal de Notícias da Globo), um escrivão de Ponta-Porã disse que "ela é um computador. Grava quem é, qual é o nome". Ele ainda revelou que a moça circulava entre pessoas influentes para escolher suas vítimas. "Essa menina é uma artista. Ela é muito, muito inteligente. Mas usa a inteligência para o crime".

Em São Paulo - sem endereço fixo e se hospedando em hotéis caros -, Kelly costumava frequentar lugares badalados

(restaurantes e casas noturnas) num bairro nobre na Zona Oeste da cidade, os Jardins.

Trajando roupas e jóias de grife, a jovem alugava carros blindados de luxo, com direito a motoristas. Com aparência de milionária, Kelly, sem levantar suspeitas, conquistava a confiança de "amigas" ricas, homens e pessoas idosas. Furtava-lhes jóias, dinheiro, cartões de crédito e talões de cheques, repas-sando-os para os comerciantes da região.

Com apenas 19 anos, mas experiente em aplicar golpes, Kelly já se passou por estudante de direito, médica veterinária, empresária, dermatologista, fazendeira e até filha do presidente do Paraguai. Segundo a polícia, a jovem usava mais quatro nomes falsos, escolhia suas vítimas também através do site de relacionamentos Orkut e aplicava o golpe "Boa Noite Cinderela" (colocar soníferos nas bebidas das vítimas para depois depená-las).

Depois de um rápido namoro com o dono de uma galeria de artes, ela conseguiu roubar uma gravura do pintor espanhol Juan Miro, avaliada em US$ 18 mil. A polícia não sabe precisar quantas pessoas foram enganadas por Kelly e a quantia exata que ela roubou.

Porém, mais de vinte vítimas se pronunciaram somente em São Paulo, onde permaneceu por apenas seis meses.

A delegada que cuidou do caso, Aline Martins Gonçalves, da 15ã DP, disse ao programa Fantástico que por ser jovem e bonita Kelly conseguia facilmente chegar aos homens. Aline também se mostrou impressionada com os golpes da falsa socialite: "A gente vai puxando e parece que a linha não acaba mais", complementou.

Para o psiquiatra Daniel Martins de Barros, do Núcleo de Psiquiatria e Psicologia Forense da Universidade de São Paulo (USP), os estelionatários costumam ser pessoas hábeis, com jogo de cintura, raciocínio rápido e capacidade de simulação.

Nas palavras de Sérgio Paulo Rigonatti, médico do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, os estelionatários "têm uma inteligência que é suficiente para enganar os outros, grande poder de sedução, frieza e falta de sentimentos de culpa".

Mesmo com várias provas, relatos de testemunhas, histórico de sua vida pregressa e prisão em flagrante, a jovem, que ficou conhecida como "golpista dos Jardins", foi solta em 2 de abril de 2008. De acordo com o Tribunal de Justiça de São Paulo, Kelly foi liberada após ser absolvida por falta de provas. Fontes: G1 - O Portal de Notícias da Globo, <www.g1.com.br> postado em 22/8/2007 a 30/4/2008 e programa Fantástico, Rede Globo, exibido em 26/8/2007. Champinha - "Perversidade requintada".

Em novembro de 2003, Roberto Aparecido Alves Cardoso, conhecido como Champinha, de 16 anos, foi condenado pelo sequestro e pelo assassinato do casal de namorados Felipe Caffé (19 anos) e Liana Friedenbach, de 16. Os crimes ocorreram numa mata de Embu-Guaçu, na Grande São Paulo. Felipe recebeu um tiro na nuca e foi encontrado num córrego. A estudante Liana, durante quatro dias, foi abusada sexualmente por repetidas vezes e morta a facadas na cabeça, nas costas e no tórax.

Outros participantes dos assassinatos também foram condenados por vários anos de reclusão, em presídios comuns, uma vez que na época já eram adultos. No entanto, Champinha, considerado líder do grupo e o mentor dos crimes, foi internado por três anos na Febem Vila Maria (hoje denominada Fundação Casa). Apesar de ser menor de idade, Champinha foi considerado um criminoso extremamente perigoso e com altíssima possibilidade de reincidir no crime. Portanto, sem condições de convívio social.

Depois de muita polémica, no final de 2007 a Justiça determinou que Champinha deverá ser mantido em instituições com supervisão psiquiátrica - sob vigilância constante e por tempo indeterminado -, e está proibido de realizar atos civis como casar ou abrir contas em bancos, por exemplo. Por falta de um lugar apropriado que atenda à determinação da justiça, Champinha permanece

onde está desde maio de 2007: na Unidade Experimental de Saúde da Vila Maria, Zona Norte de São Paulo. Apesar de todas essas medidas, o destino de Champinha ainda é uma incógnita. Fontes: O Globo Online, <www.oglobo.com.br>, postados entre 30/9/2006 e 30/11/2007; G1 -O Portal de Notícias da Globo, <www.g1.com.br>, postados entre 9/10/2004 e 30/11/2007. Suzane von Richthofen - "Matou os pais e foi para o motel".

Uma jovem rica, bonita, universitária, de classe média alta, arquitetou e facilitou a morte de seus próprios pais.

No dia 31 de outubro de 2002, pouco depois da meia-noite, Suzane, de 19 anos, entrou em casa, acendeu a luz, conferiu se os pais estavam dormindo e deu carta branca ao namorado, Daniel Cravinhos, de 21 anos, e o irmão dele, Cristian, de 26.

Os irmãos Cravinhos mataram Marísia eAlbert von Richthofen (pais de Suzane) com pancadas de barras de ferro na cabeça, enquanto o casal dormia. Simularam um latrocínio, espalharam

ob-jetos e papéis pela casa e levaram todo o dinheiro e jóias que conseguiram encontrar. Após a barbárie, o casal de namorados partiu para a melhor suite de um motel da Zona Sul de São Paulo.

Motivo do crime (se é que existe algum)? Os pais não concordavam com o namoro.

Segundo a polícia, o crime foi planejado durante dois meses e a frieza dos três, principalmente a de Suzane, chegou a impressionar os investigadores. Logo após o enterro dos pais, a polícia foi até a casa de Suzane para uma vistoria e deparou com a jovem, o namorado e amigos ouvindo músicas e cantando alegremente junto à piscina.

No dia seguinte, Suzane e o namorado Daniel foram ao sítio da família comemorar seu aniversário de 19 anos. "Não a vi derramar uma lágrima desde o primeiro dia", disse Daniel Cohen, primeiro delegado a ir ao local do crime. Na delegacia a

jovem estava mais preocupada com a herança e com a venda da casa do que com a morte de seus pais.

Dentre outras evidências, esses últimos acontecimentos corroboraram para que as suspeitas recaíssem sobre Suzane e os irmãos Cravinhos. Uma semana depois do assassinato eles confessaram o crime.

Enquanto aguardava o julgamento em liberdade, Suzane concedeu uma entrevista ao programa Fantástico (Rede Globo), exibido no dia 9 de abril de 2006. Na ocasião, ela estava de cabelos curtos, trajava uma camiseta com a estampa da Minnie e pantufas decoradas com coelhinhos. Na primeira parte da entrevista, ela brincou com periquitos, ensaiou choros teatrais por 11 vezes, segurou nas mãos de seu tutor (Denival Barni) e discursou como uma menina inocente e "quase débil". Cenário perfeito para suavizar a imagem de mentora de um crime cruel.

A farsa foi descoberta na segunda sessão, em Itirapina, a 200 quilómetros de São Paulo.

Com o microfone aberto, foi possível ouvir os advogados Mário Sérgio de Oliveira e Denival Barni a orientarem a fingir que chorava. "Chora", pede Barni à Suzane.

"Começa a chorar e fala: 'Não quero falar mais!'", diz a voz do outro. Ela responde:

"Não vou conseguir." Suzane foi desmascarada e sua prisão foi decretada no dia seguinte.

O psiquiatra forense António José Eça, professor de medicina legal e psicopatologia forense das Faculdade Metropolitanas Unidas (FMU), declarou à revista IstoÉ Gente que Suzane matou os pais porque "é de má índole". "Ela tem alguma coisa de ruim dentro dela, uma perversidade, uma anormalidade de personalidade. A maldade está arraigada na alma dela".

Virgílio do Amaral, promotor de justiça que acompanhou os depoimentos de Suzane, também declarou à mesma revista que "uma pessoa que escolhe a suite presidencial do motel depois de matar os pais não tem sentimentos".

Decorridos quatro anos do assassinato, em 22 de julho de 2006 Suzane e o namorado Daniel foram condenados pelo júri popular

Página 109

a 39 anos de reclusão e seis meses de detenção. Christian pegou 38 anos de reclusão e seis meses de detenção pelo crime. Fontes: revista Época, ed. 234, Ed. Globo, 11/11/2002; revista IstoÉ Gente, ed. 172, Ed. Três, 18/11/2002; revista Fantástico, ns 1, Ed. Globo, dezembro de 2006; programa Fantástico, Rede Globo, exibido em 9/4/2006.

Jóia - "O vovô ideal de qualquer pessoa". Araras, 16 de fevereiro de 2007.

Lijoel Bento Barbosa, apontado como um dos criminosos mais procurados do Estado de São Paulo, foi preso pela Polícia Militar de Araras. Lijoel, mais conhecido como Jóia, tinha mais de quarenta anos no crime e 59 de idade. Parecia um senhor pacato, "boa praça", que costumava usar um chapéu para cumprimentar suas vítimas e assim ganhar a confiança das mesmas.

Por trás de uma aparência inofensiva, Jóia escondia uma ficha criminal de mais de 14

metros de comprimento, da qual constavam diversos tipos de crime: furtos, roubos de residências, roubos de cargas de computadores, além de tentativa de homicídio, tráfico de entorpecentes e dois estupros.

Segundo Érico Hammerschmidt Júnior, o capitão da polícia Militar de Araras, ele começou no mundo do crime aos 17 anos e nunca mais parou. Sua especialidade era arrombar e furtar casas com muita rapidez, "de dois a cinco minutos", disse o delegado Ta-bajara Zuliani dos Santos. "É lobo em pele de cordeiro, ninguém imagina que um senhor deste, que seria o vovô ideal de qualquer pessoa, seja um ladrão contumaz como ele é", afirmou o delegado.

Jóia esperava os donos saírem e arrombava a fechadura de suas casas. Caso fosse surpreendido, contava uma história mentirosa qualquer: "Ele estava praticando furto numa casa quando chegaram policiais militares e o surpreenderam naquela ação. Ele falou: 'Os vizinhos chamaram vocês de novo? O que vocês estão fazendo? É a casa do meu irmão. Estou recolhendo objetos para

Página 110

levar para ele. Vocês querem entrar, tomar um café, uma água?' Fiquem à vontade", disse Sydney Urbach, delegado de Araras.

Certa vez, quando estava roubando uma das casas, uma vizinha desconfiou. Sem o menor constrangimento, Jóia simplesmente pegou uma vassoura e começou a varrer.

Saiu da casa e disse a mulher: "Calor, hein?" Depois disso pegou o carro e foi embora, contou Marco António Marcos, comandante da Guarda Metropolitana de Jaguariúna.

Com essa técnica, Lijoel invadiu e roubou várias casas em 43 cidades do Estado de São Paulo e "limpou" especialmente os eletro-domésticos, os aparelhos eletrônicos e as jóias (origem do apelido).

Sydney Urbach também contou que durante uma blitz Jóia foi reconhecido por um policial. Mas, ao tentar tirar a chave da ignição do veículo de Jóia, o dedo do policial acabou se enroscando no chaveiro. Lijoel não teve piedade: "Arrancou com o carro, arrastando o policial e seccionando o dedo dele".

Foragido desde 1999, Jóia foi encontrado em uma chácara de alto padrão, que pertencia a um amigo. Numa última tentativa de não ser preso, ele apresentou uma identidade falsa, com o nome de António Barbosa. "Meu nome é António e não Lijoel", afirmou no momento em que estava sendo algemado.

Ele já esteve preso por duas outras vezes, mas conseguiu fugir. Da última vez deixou um irónico recado na parede de sua cela: "Cadeia é para bijuteria, não é para Jóia".

Fontes: programa Fantástico, exibido em 24/2/2007 e G1 - Portal de Notícias da Globo,

<www.g1.com.br>, postado em 25/2/2007. Divina de Fátima Pereira - "Inimiga íntima."

Goiânia, 30 de novembro de 2007.

Divina de Fátima Pereira, mais conhecida como "Nega", foi presa em São Paulo (SP) acusada de matar a irmã Rosa Maria Pereira, 24 anos, grávida de nove meses.

O crime ocorreu no dia 27 de fevereiro de 1994 na cidade de Goiânia (GO), porque Rosa descobriu que a irmã teria roubado seus documentos para dar golpes nos comerciantes da região.

Divina, que costumava praticar pequenos golpes e furtos desde criança, aproveitou a visita da irmã em sua casa e roubou a carteira de identidade e o talão de cheques.

Quando as cobranças começaram a chegar, Rosa descobriu que fora vítima de um golpe.

Rosa Maria ameaçou denunciar a irmã à polícia caso ela não quitasse as dívidas. Diante disso, Divina a estrangulou com um sutiã e falou aos vizinhos que havia dado um chá para ela dormir. Depois de algumas horas, Divina voltou à casa de Rosa ao lado da mãe e de um amigo e fingiu demonstrar surpresa ao encontrar o corpo.

Os parentes desconfiavam que Divina fosse autora do crime, mas, para preservar a matriarca da família, ela não foi acusada. Divina continuou aplicando golpes com os documentos da irmã falecida e convenceu sua mãe a assinar uma procuração para receber uma pensão pela morte de Rosa Maria.

Em 2001, depois do falecimento de sua mãe, os familiares decidiram denunciá-la pela morte de Rosa Maria. Ela confessou o crime, mas conseguiu fugir enquanto aguardava o processo em liberdade. Nessa época ela já tinha duas condenações por furto.

Alvino dos Santos, noivo de Rosa, inconformado com o ocorrido, disse que nem um monstro mataria uma irmã e o sobrinho. "Tenho uma cicatriz que vou levar para o resto da vida", concluiu.

Gildelene Vieira Leite, cunhada da vítima, contou que certa vez Divina virou-se para um cobrador e disse o seguinte: "A Rosa morreu, defunto não paga a conta". Gildelene ainda falou em tom de indignação: "Como que uma pessoa criminosa, uma pessoa perigosa dessas fica solta? Se matou a irmã grávida, vai ter sentimentos com uma pessoa de fora?"

Sebastiana Gonçalves, tia de Rosa, foi além: "A Divina é uma psicopata. Se você fizer sua assinatura, ela faz igual, idêntica".

Quando foi localizada em São Paulo, Divina ainda tentou escapar da polícia apresentando uma identidade falsa. Fontes: programa Linha Direta, Rede Globo,

"Inimiga íntima", exibido em 29/11/2007 e 6/12/2007; e

<http://redeglobo.globo.com/Linhadireta>, postado em 29/11/2007 e em 6/12/2007.

Um caso mais detalhado: O assassinato de Daniella Perez

Guilherme de Pádua Thomaz - "Ambição, egocentrismo, megalomania, sede de poder e sucesso". O país inteiro, chocado e revoltado, acompanhou passo a passo a tragédia do assassinato de uma jovem e talentosa atriz, adorada por uma legião de fãs. Um crime que teve repercussões mundiais e que dificilmente será apagado da memória do público brasileiro.

Na noite do dia 28 de dezembro de 1992, Daniella Perez, de 22 anos, foi brutalmente assassinada a poucos quilômetros do estúdio Globo Tyccon, num matagal na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Segundo a perícia, ela foi morta com 16 golpes de um instrumento "pérfuro-cortante" (punhal), desferidos no pescoço e no tórax, perfurando a traquéia, o pulmão e o coração.

O crime ocorreu pouco depois da gravação da novela De Corpo e Alma, de autoria de Gloria Perez (mãe de Daniella), exibida pela Rede Globo. Na trama, Daniella interpretava a doce e romântica bailarina Yasmin, namorada do motorista ciumento e machão Bira, interpretado por Guilherme de Pádua Thomaz, de 23 anos. Algumas horas após gravar sua última cena, o corpo da atriz foi encontrado, depois que os moradores de um condomínio próximo, ao avistarem dois carros parados em local tão suspeito, acionaram a polícia.

Um dos moradores teve o cuidado de anotar as placas dos carros, o que levou a polícia, na manhã do dia seguinte, a bater na porta do principal suspeito. Tratava-se do próprio Guilherme

de Pádua, um assassino frio e calculista, capaz de ir "prestar solidariedade" na delegacia à Gloria Perez e ao ator Raul Gazolla, marido de Daniella, antes de ser descoberto.

O delegado que conduziu as investigações, Cidade de Oliveira, disse que Guilherme ao dar seu depoimento negou a autoria do crime, mas devido às provas evidenciais acabou confessando que matou Daniella. O delegado também afirmou que durante todo o interrogatório Guilherme estava calmo, tranquilo e relatou o assassinato sem esboçar reação alguma. A confissão foi registrada na presença de alguns advogados e logo depois, ainda na delegacia, Guilherme insinuou que sua esposa Paula de Almeida Thomaz, de 19 anos, era cúmplice do crime. Ambos foram presos e aguardaram o julgamento.

De acordo com os policiais, Paula reconheceu que participou da barbárie apenas informalmente: seus advogados não permitiram que ela assinasse a confissão. Depois disso,

Paula jamais admitiu ter matado Daniella, nem sequer ter estado no local do crime. Contou simplesmente uma história improvável: naquele dia teria ficado por mais de sete horas passeando pelos corredores de um shopping center na Barra da Tijuca. No entanto, durante essas longas horas, Paula não comprou nada e também não foi vista por ninguém.

Durante o processo, circularam várias versões que tentavam explicar o motivo da morte de Daniella. Muitas delas fantasiosas e totalmente absurdas, que, além de denegrirem a imagem da atriz, acabaram por confundir o grande público e suscitar a imaginação de muitos. Isso ocorreu principalmente porque depois da sua confissão, Guilherme conseguiu na justiça o direito de só voltar a ser interrogado em juízo. Assim, durante cinco anos, ele disse o que quis e da forma que lhe foi mais conveniente, com o claro intuito de desviar o foco das verdadeiras motivações do crime. As versões sem cabimento de Guilherme.

Na confissão, Guilherme conta que matou Daniella porque ela o assediava de todas as formas possíveis, e estava ameaçando

destruí-lo profissionalmente. Usando de artifícios, ela o teria levado para um sinistro matagal, onde tentou beijá-lo à força. Diante da recusa, bateu nele de modo tão violento que, assustado, ele se defendeu usando a tesoura que casualmente encontrou no carro.

Num momento posterior, deu outra explicação para os golpes que vitimaram a atriz: depois de se defender do ataque de Daniella, aplicando-lhe uma "gravata", vendo-a desfalecida e acreditando que poderia morrer, ele teria tentado salvá-la fazendo uma traqueostomia com uma tesoura.

Na última versão, Paula aparece como única responsável pelo crime: para provar a ela que não tinha nenhum envolvimento com Daniella, Guilherme articulou o encontro, permitindo que Paula ficasse escondida no banco de trás do seu automóvel para ouvir a conversa dos dois, sem que Daniella tivesse conhecimento disso. Durante a conversa, Paula, enfurecida de ciúmes, saiu do carro e atacou Daniella, tentando atingi-la primeiro com uma chave de fenda e, não conseguindo perfurá-la com esse instrumento, teria voltado ao carro e apanhado uma tesoura. De acordo com seu depoimento, na tentativa de apartar a briga das duas, Guilherme colocou o braço ao redor do pescoço de Daniella, aplicando-lhe acidentalmente a "gravata" que a fez desfalecer. Julgando-a morta, Paula aplicou os golpes de tesoura, para que o crime pudesse ser atribuído a fãs enlouquecidos.

Crime passional ou premeditado?

Precisamos ter em mente que, em todas as versões e suas variantes, Guilherme teve como propósito convencer a todos que o crime ocorreu "sob violenta emoção", configurando-se num crime passional. Para a defesa, essa estratégia baseada em história in-verossímil faria com que a pena fosse atenuada e, logo depois do julgamento,Guilherme estaria em liberdade.

A pretensão, porém, não resistiu à comprovação dos fatos. Ficou provado que o crime foi

premeditado, ou seja, Paula e Guilherme

Página 115

saíram de casa com o firme propósito de matar a jovem atriz. Ao contracenar com Daniella naquela noite, Guilherme já sabia que iria matá-la, quando, onde e como iria fazê-lo.

É importante esclarecer que Daniella nunca assediou Guilherme de Pádua. Pelo contrário, atores e funcionários da Globo disseram que era Guilherme quem assediava Daniella. Ele a procurava constante e insistentemente para se queixar dos seus problemas, fazendo-se de vítima, a ponto de se tornar uma pessoa totalmente inconveniente.

Na noite do crime, Guilherme também foi visto por várias vezes "cercando" a atriz, batendo na porta do camarim feminino, entregando-lhe bilhetes.

Para entender isso, é preciso expor ao leitor a verdade dos fatos, relatados aqui de forma breve, todos comprovados em juízo:

Daniella foi vítima de uma emboscada, conduzida à força, depois de espancada e desacordada, ao matagal ermo e escuro onde encontraram seu corpo.

No dia do assassinato, Guilherme usou o carro de seu sogro (um Santana) e adulterou com perfeição a placa do veículo: transformou a letra "L" em "O". Ele saiu dos estúdios de gravação da Globo dirigindo o Santana e com Paula escondida sob um lençol no banco traseiro. Guilherme parou logo em seguida no acostamento do posto de gasolina Alvorada, que ficava cerca de 300 metros dali. Ele esperou o momento certo de agir.

Pouco depois, entre 21 h e 21h30, Daniella, que também havia deixado os estúdios da Globo, entrou no mesmo posto para abastecer seu carro (um Escort), sem ter a mínima noção de que seus assassinos estavam tão próximos. Na saída do posto, Daniella recebeu uma "fechada" de Guilherme e os dois saíram de seus carros. Guilherme, então, desferiu um soco violento no rosto da atriz, aplicou-lhe uma "gravata" e a jogou para dentro do Santana. Nesse momento, Paula saiu do banco de trás do Santana e assumiu a direção do carro. Guilherme, dirigindo o Escort, seguiu Paula até o local onde Daniella foi assassinada da forma mais cruel possível.

Página 116

Segundo a perícia, das 16 perfurações encontradas no corpo de Daniella, quatro foram na região da garganta e 12 no tórax; oito delas estavam concentradas na área do coração:

Havia uma intenção visível de se atingir um órgão nobre. Não há nem como argüir de que seria uma coisa impensada: foi intencional. E também ninguém adultera uma placa de um automóvel num crime passional. A placa de um automóvel só é adulterada para uma prática ilícita, seja ela qual for (...) É um crime indubitavelmente premeditado, praticado de uma forma brutal. Talvane de Moraes, médico legista, diretor da Polícia Técnica do Rio de Janeiro. Programa Sem Censura, TVE Brasil, em 4/1/1993.

O casal ainda passou num posto para lavar as manchas de sangue que ficaram no interior do Santana e depois foi para casa dormir. Tudo foi programado, planejado e arquitetado, nos detalhes mais sórdidos. Por que Daniella foi morta? Qual a verdadeira motivação do crime?

Os motivos alegados por Guilherme, de que matou Daniella porque ela o assediava, além de serem totalmente inverídicos, podem causar revolta. No entanto, a verdadeira motivação do crime está clara ao analisarmos a personalidade e o comportamento do assassino.

Uma pessoa arrogante, descontrolada, agressiva, de convívio difícil, ambiciosa, vaidosa, exibicionista, que não se conformava em fazer papéis secundários. Assim foi definido Guilherme de Pádua, por seus próprios colegas de profissão. Ele, que até então não passava de um ator medíocre, e que mal saía do anonimato ao atuar numa novela de grande audiência, já se sentia um "ser superior". Estava, ali, a grande chance de saltar para o universo

da fama, do sucesso e do poder, tão almejado. Antes, porém, seu personagem Bira dependia de um roteiro que não estava previsto: passar de simples coadjuvante a protagonista.

O ambicioso projeto de ascensão profissional de Guilherme, ser o astro principal da novela das oito da Rede Globo, fracassou. Ele mesmo chegou a declarar à imprensa e em depoimento à justiça que, na semana do crime, pela primeira vez, desde o início da novela De Corpo e Alma, ao receber o bloco de cenas, verificou que seu personagem estaria ausente em dois capítulos. Isso lhe provocou muita tensão, e de forma insistente e assediadora, procurou Daniella para saber por que seu papel estava se esvaziando.

Afinal, como ele mesmo declarou em juízo e à repórter Lucileia Cordovil, numa demonstração explícita de manipulação, havia procurado se tornar amigo de Daniella por interesse: "Até porque ela era filha da autora da novela, até no enredo ela ajudava".

No decorrer da novela, Guilherme usou de todos os recursos manipulatórios possíveis para persuadir Daniella a influenciar Gloria Perez a reescrever o seu enredo. Não conseguiu e, numa reação de ira frente à frustração, premeditou, planejou e executou de forma maquiavélica o assassinato da atriz.

Na realidade, a tendência natural de todos é sempre buscar explicações lógicas que justifiquem um ato tão cruel. No entanto, para pessoas com mentes perversas, qualquer motivo é motivo.

Essa pessoa (Guilherme) não tem a consciência que nós temos, que é necessária para que a gente viva em sociedade: a consciência do direito dos outros, a consciência do direito básico a existir. Uma pessoa com esse tipo de mente, com esse tipo de formação mental é um "monstro", não é um ser humano normal e tem que estar isolado da sociedade mesmo! É um "monstro" moral (...) não funciona como as outras pessoas funcionam. Parece que é gente, mas não é gente. A mente funciona de uma maneira completamente torta. As razões, os porquês (do assassinato), esse tipo de porquê é completamente aleatório (...) Não é um tipo de

crime que tenha uma explicação dentro da lógica natural do ser humano. Luiz Alberto Py, psicanalista, programa Sem Censura, TVE Brasil, em 4/1/1993.

Talvane de Moraes, psiquiatra e diretor da Polícia Técnica, esclareceu no mesmo programa que, pelos anos de experiência, não teve dúvidas de que o assassino sabia exatamente o que estava fazendo. Portanto, não haveria nenhuma possibilidade de Guilherme ser um doente mental. Além disso, o fato de Guilherme de Pádua não ser uma pessoa desconhecida, mas sim um companheiro de trabalho, implica que ele estava se utilizando da confiança da vítima, o que agrava a característica monstruosa da personalidade de Guilherme.

Guilherme no tribunal

Ao longo do julgamento no 1e Tribunal do Júri, Guilherme foi irónico, cínico e chegou a interromper, corrigir e até chamar a atenção do juiz José Geraldo António.

Familiares e amigos da atriz se chocaram com a postura do réu durante seu depoimento.

Utilizando-se de "representações" teatrais, Guilherme chegou a mudar o tom de voz para "interpretar" as vozes de Daniella e Paula, Todos os presentes ficaram em silêncio, estarrecidos quando ele "imitou" como Daniella teria caído ao ser vitimada.

Ele foi frio, não demonstrou arrependimento algum. Foi absolutamente debochado e petulante com o juiz. Fiquei chocada. Como ator, no entanto, ele foi excelente. Vera Lúcia Alves, presidente do Movimento pela Vida.

Como um traço marcante de personalidade de Guilherme, destaco a declaração explícita de indiferença, frieza e cinismo:

O seio esquerdo de Daniella ficou desnudo. Aquilo me chocou. Cobri o seio, ajeitei os braços que estavam para cima, para que não ficasse tão feia. Eu sabia que ela seria fotografada depois. Guilherme de Pádua Fontes: jornal O Globo, 23/1/1997; jornal O

Dia, 24/1/1997.

A sentença de Guilherme de Pádua

Dia 27 de janeiro de 1997, Guilherme foi julgado e condenado pelo júri a 19 anos de prisão por homicídio duplamente qualificado: Inciso I, motivo torpe, e Inciso IV, sem chances de defesa da vítima. Ao ler a sentença, o juiz José Geraldo António afirmou que:

A conduta do réu exteriorizou uma personalidade violenta, perversa e covarde quando

destruiu a vida de uma pessoa indefesa, sem nenhuma chance de escapar ao ataque de seu algoz, pois além de desvantagem na força física o fato se desenrolou em local onde jamais se ouvia o grito desesperador e agonizante da vítima. Demonstrou o réu ser uma pessoa inadaptada ao convívio social por não vicejarem no seu espírito os sentimentos de amizade, generosidade e solidariedade, colocando acima de qualquer outro valor a sua ambição pessoal.

O juiz observou ainda que Guilherme só não foi condenado a mais tempo porque tratava-se de um réu primário. O veredicto, acompanhado por centenas de pessoas, foi aplaudido de pé.

Quatro meses depois, Paula foi condenada a 18 anos e seis meses. Por nenhum momento Guilherme demonstrou qualquer sentimento de arrependimento, de culpa ou de consideração para com a vítima ou por alguém de sua família. Ao contrário, ele aproveitou de todos os espaços obtidos na imprensa para se enaltecer, num gesto explícito de exibicionismo e vaidade.

Depois da morte de sua filha, a escritora Gloria Perez iniciou um movimento para mudar o Código Penal Brasileiro. Ela colheu mais de um milhão de assinaturas que fez incluir o homicídio qualificado na lista dos crimes hediondos. Estes recebem tratamento legal um pouco mais severo e impossibilitam o pagamento de fiança e o cumprimento da pena em regime aberto ou semi-aberto. Como o assassinato de Daniella foi anterior à instauração da nova lei, Paula e Guilherme foram beneficiados e cumpriram menos de 1/3 da pena em regime fechado.

Em 1999, sete anos depois do crime, Guilherme e Paula foram soltos e atualmente já são considerados réus primários. Sem comentários. Dói demais a sapatilha quieta, presa na parede. O lugar na mesa que sempre vai estar vazio. Os silêncios, onde antes eram música e risos de alegria. Gloria Perez (Carta lida na Missa de 15 anos da morte de Daniella, em 28/12/2007). Fontes: revista Veja, Ed. Abril, 28/8/1996; Jornal Nacional, Rede Globo, exibido em 29/12/1992, vídeo capturado do YouTube,

<www.youtube.com. br/ricardozanon>, postado em 3/11/2007; programa Fantástico, Rede Globo, exibido em 25/8/1996, vídeo capturado do YouTube, <www.youtube.com.

br/ricardozanon>, postado em 15/11/2007; programa Fantástico, Rede Globo, exibido em 30/12/2007; vídeo capturado do YouTube, <www.youtube.com.br/madlovis>, postado em 30/12/2007; vídeos capturados do YouTube e postados por Gloria Perez

<www.youtube.com.br/gfperez>, entre 12/1/2007 e 12/4/2008; autos do processo; entrevista de Guilherme de Pádua à repórter Luciléia Cordovil, no presídio de Água Santa; entrevista de Guilherme de Pádua à Jorge Tavares: jornal O D/a, 7/1/1993 e jornal O Globo, 8/1/1993.

Capítulo 8

PSICOPATAS PERIGOSOS DEMAIS

Como já vimos, os psicopatas não são necessariamente assassinos. Eles geralmente estão envolvidos em transgressões sociais como tráfico de drogas, corrupção, roubos, assaltos à mão armada, estelionatos, fraudes no sistema financeiro, agressões físicas, violência no trânsito etc. Porém, na maioria das vezes não são descobertos e nem penalizados pelos seus comportamentos ilícitos. Um exemplo típico desses últimos é o abuso físico e psicológico de mulheres e de crianças, que infelizmente se constitui numa transgressão de difícil controle social. Se existe uma "personalidade criminosa", esta se realiza por completo no psicopata. Ninguém está tão habilitado a desobedecer às leis, enganar ou ser violento como ele.

É importante ter em mente que todos os psicopatas são perigosos, uma vez que eles apresentam graus diversos de insensibilidade e desprezo pela vida humana. Porém, existe uma fração minoritária de psicopatas que mostra uma insensibilidade tamanha que suas condutas criminosas podem atingir perversidades inimagináveis. Por esse motivo eu costumo denominá-los de psicopatas severos ou perigosos demais. Eles são os criminosos que mais desafiam a nossa capacidade de entendimento, aceitação e adoção de ações preventivas contra as suas transgressões. Seus crimes não apresentam motivações aparentes e nem guardam relação díreta com situações pessoais ou sociais adversas.

O psiquiatra canadense Robert Hare dedicou anos de sua vida profissional reunindo características comuns de pessoas com esse tipo de perfil, até conseguir montar um sofisticado questionário denominado psychopathy checklist, ou PCL. Essa escala se constitui no método mais fidedigno na identificação de psicopatas

em populações prisionais e hoje é amplamente utilizada em diversos países no contexto forense.

Segundo Hare, a prevalência desses indivíduos na população carcerária gira em torno de 20%. No entanto, essa minoria é responsável por mais de 50% dos crimes graves cometidos quando comparados aos outros presidiários. Além disso, tudo indica que esses números também são válidos para os psicopatas que se encontram fora do sistema penitenciário.

É impressionante, apesar de não ser surpreendente, a rea-ção apresentada pelo psicopata severo frente a situações que envolvem violência física, intimidação ou provocações.

Eles sempre demonstram um misto de satisfação, prazer, sensação de poder e indiferença. No entanto, são incapazes de sentir qualquer tipo de arrependimento perante o mal que causaram às suas vítimas.

No caso específico da violência sexual praticada por psicopatas, a situação chega a ser assustadora. Tudo indica que os estupradores em série, em sua grande maioria, são psicopatas severos. Seus atos são o resultado de uma combinação muito perigosa: a expressão totalmente desinibida de seus desejos e fantasias sexuais, #seu anseio de controle e poder e a oerceção

de aue suas vítimas são meros objetos destinados a lhe proporcionar prazer e satisfação imediata. Puro exercício de luxúria grotesca!

Entre 1997 e 1998 o motoboy Francisco de Assis Pereira, também conhecido como o

"maníaco do parque", estuprou, torturou e matou pelo menos 11 mulheres no Parque do Estado, situado na região sul da cidade de São Paulo.

Após ser capturado pela polícia, o que mais impressionou as autoridades foi como um homem feio, pobre, de pouca instrução e que não portava armas conseguiu convencer várias mulheres - algumas instruídas e ricas - a subir na garupa de uma moto e ir para o meio do mato com um sujeito que elas tinham acabado de conhecer.

Página 126

No interrogatório, com fala mansa e pausada, Francisco relatou que era muito simples: bastava falar aquilo que elas queriam ouvir. Ele as cobria de elogios, identificava-se como um fotógrafo de moda, oferecia um bom cache e convidava as moças para uma sessão de fotos em um ambiente ecológico. Dizia que era uma oportunidade única, algo predestinado, que não poderia ser desperdiçado.

Com igual tranquilidade, o réu confesso também narrou como matou suas vítimas: com o cadarço dos sapatos ou com uma cordinha que às vezes levava na pochete. "Eu dava meu jeito", complementou. Nos vários depoimentos, frases do tipo "Matei. Fui eu",

"Sou ruim, gente. Ordinário" ou "Não venha comigo... Não aceite meu convite... Se você vier vai se dar mal" fizeram com que o país mergulhasse na mente de um assassino brutal.

Em 2002, o serial killer foi condenado a mais de 260 anos de reclusão, no entanto, como reza a lei, ele cumprirá no máximo trinta anos. Atualmente Francisco está no presídio de segurança máxima de Itaí, na região de Avaré, interior de São Paulo.

Francisco, que já foi professor de patinação, tinha tudo para passar despercebido: era afável e simpático, adorado pelas crianças e fazia o estilo "boa praça" ou "gente fina".

Disfarce puro! Ali se escondia um matador cruel e irrefreável. Fontes: revista Veja, ed.

1.559, Ed. Abril, 12/8/1998; Veja Em Dia, disponível em

<www.vejaonline.abril.com.br>, capturado em 24/6/2008.

Em relação à violência doméstica, os estudos realizados por Robert Hare com homens que agrediram suas esposas revelaram que 25% deles eram psicopatas. Podemos observar que esses índices são bastante semelhantes ao número de psicopatas presentes no sistema carcerário. Isso demonstra mais uma vez que, dentro ou fora da prisão, a agressividade e a violência são marcas registradas desses indivíduos.

Como exemplo de violência doméstica é importante deixar registrado o caso de Maria da Penha Maia, que deu origem à Lei da Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher - também conhecida como Lei Maria da Penha -, sancionada em agosto de 2006.

Em 1983 a farmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes sofreu duas tentativas de homicídio por parte de seu marido, o professor universitário Marco António Viveiros.

Na primeira tentativa, Maria da Penha foi atingida por um tiro nas costas, que a deixou paraplégica. Como se não bastasse, duas semanas depois, Marco António tentou eletrocutá-la durante o banho.

Na ocasião ela tinha 38 anos e três filhas pequenas. A investigação do crime começou em junho de 1983, mas a denúncia só foi apresentada ao Ministério Público Estadual em setembro de 1984. Somente em outubro de 2002, quase vinte anos depois, Viveiros foi parar atrás das grades.

Ao longo desses anos todos Maria da Penha travou uma luta incessante para punir seu agressor, recorrendo inclusive à Justiça Internacional - Comissão Interamericana dos Direitos Humanos (CIDH) da Organização dos Estados Americanos (OEA) -, que acatou, pela primeira vez, um crime de violência doméstica.

Em razão da demora no processo contra Marco António, o Estado brasileiro foi obrigado pela OEA a tomar medidas efetivas para que se fizesse justiça, além de pagar uma indenização à vítima. Viveiros passou apenas dois anos na prisão e atualmente cumpre o restante da pena em liberdade.

Após as tentativas de homicídio, Maria da Penha começou a atuar em movimentos sociais contra a violência e a impunidade, e hoje é coordenadora de estudos, pesquisas e publicações da Associação de Parentes e Amigos de Vítimas de Violência (APAVV), no Ceará.

É importante assinalar que não estou afirmando que Marco António Viveiros seja um autêntico psicopata. Porém, o seu comportamento no caso relatado sugere que o seu proceder guarda estreita semelhança com indivíduos portadores de psicopatia. Fontes: G1 - Portal de Notícias da Globo <www.g1.com.br>, postados entre 18/6/2006 e 13/3/2008; Jornal Nacional, Rede Globo, exibido em 7/7/2008.

Psicopatia e reincidência criminal

Não é preciso ser vidente nem paranormal para perceber que pessoas com histórico de crimes violentos representam uma ameaça muito maior para a sociedade do que os criminosos que não apresentam a violência como uma marca registrada em seus crimes.

Uma boa maneira de "prever" o que uma pessoa poderá fazer no futuro é saber o que ela fez no passado. Apesar de parecer algo empírico demais, essa informação pode ser tomada como base para que o sistema de Justiça Criminal tome decisões pertinentes a penas e concessão de benefícios para criminosos.

Estudos revelam que a taxa de reincidência criminal (capacidade de cometer novos crimes) dos psicopatas é cerca de duas vezes maior que a dos demais criminosos. E

quando se trata de crimes associados à violência, a reincidência cresce para três vezes mais.

Por tudo o que foi visto neste capítulo, distinguir os criminosos mais violentos e perigosos dos demais detentos pode trazer benefícios tanto para o sistema penitenciário interno quanto para a sociedade como um todo. Não podemos esquecer que os psicopatas são manipuladores inatos e que, em função disso, costumam utilizar os outros presidiários para a obtenção de vantagens pessoais. Muitas vezes, assistindo aos noticiários da TV, pude observar

como as rebeliões nos presídios têm a orquestração dos psicopatas. Eles fazem com que alguns prisioneiros se tornem reféns indefesos no processo de negociação com as autoridades.

No sistema carcerário brasileiro não existe um procedimento de diagnóstico para a psicopatia quando há solicitação de benefícios, redução de penas ou para julgar se o preso está apto a cumprir sua pena em um regime semi-aberto. Se tais procedimentos fossem utilizados dentro dos presídios brasileiros, certamente os psicopatas ficariam presos por muito mais tempo e as taxas de reincidência de crimes violentos diminuiriam significativamente. Nos países onde a escala Hare (PCL) foi aplicada com essa finalidade, constatou-se uma redução de dois terços das taxas de reincidência nos crimes mais graves e violentos. Atitudes como essas acabam por reduzir a violência na sociedade como um todo.

A psiquiatra forense Hilda Morana, responsável pela tradução, adaptação e validação do PCL para o Brasil, além de tentar aplicar o teste para a identificação de psicopatas nos nossos presídios, lutou para convencer deputados a criar prisões especiais para eles. A ideia virou um projeto de lei que, lamentavelmente, não foi aprovado.

Um caso que exemplifica a importância de medidas como as descritas acima é o de Francisco Costa Rocha, mais conhecido como "Chico Picadinho", autor de dois dos crimes de maior repercussão da história policial brasileira. Em 1966, Francisco, que até então parecia ser uma pessoal normal, matou e esquartejou a bailarina Margareth Suida em seu apartamento no centro de São Paulo. Chico foi condenado a 18 anos de reclusão por homicídio qualificado e mais dois anos e seis meses de prisão por destruição de cadáver. Em junho de 1974, oito anos depois de ter cometido o primeiro crime, Francisco foi libertado por bom comportamento. No parecer para concessão de liberdade condicional feito pelo então Instituto de Biotipologia Criminal constava que Francisco tinha

"personalidade com distúrbio profundamente neurótico", excluindo o diagnóstico de personalidade psicopática. No dia 15 de outubro de 1976, Francisco matou Ângela de Souza da Silva com os mesmos requintes de crueldade e sadismo do seu crime anterior.

Chico foi condenado a trinta anos de reclusão e permanece preso até hoje.

CAPITULO 9

MENORES PERIGOSOS DEMAIS

Sempre que nos deparamos com crimes bárbaros cometidos por crianças somos tomados por um sentimento de grande perplexidade. Isso acontece porque, como seres humanos, temos grande dificuldade em acreditar que existam crianças genuinamente más. Crianças costumam ser associadas de forma universal à bondade, à pureza e à ingenuidade.

Reconhecer que a maldade existe de fato é uma realidade com a qual não gostamos de lidar. Quando estamos diante de crianças, essa descrença toma proporções muito maiores. Ficamos estarrecidos com aquilo que desafia a racionalidade humana e foge à compreensão do que consideramos ser uma criança ou uma pessoa normal.

Como exemplo e motivo de reflexão, podemos observar alguns casos de um passado recente:

Em fevereiro de 1993, os garotos Jon Venables e Robert Thompson, ambos com 10

anos de idade, assassinaram brutalmente James Bulger (de apenas 2 anos), perto de Liverpool, Inglaterra. Esse foi um dos crimes que mais chocou a Grã-Bretanha e o mundo no século passado. James foi sequestrado, abusado, torturado e morto com golpes de pedras e ferros na cabeça. Os assassinos tentaram esconder o corpo no fundo de um poço, mas acabaram forjando um desastre de trem e largaram o corpo sobre os trilhos da linha férrea. O bebé foi cortado ao meio. Jon e Robert foram julgados como adultos e condenados à prisão por prazo indeterminado, pela natureza bárbara do crime.

Sob protestos e indignação populares, em 2001, os assassinos foram soltos de forma sigilosa e com novas identidades.

Se a Inglaterra foi dura demais em condenar os dois assassinos com idades tão precoces ou se afrouxou excessivamente ao libertá-los (mesmo sob vigilância policial), ainda é motivo de muitos debates e controvérsias. No entanto, em nosso íntimo, não podemos deixar de fazer algumas indagações:

Como dois indivíduos de apenas 10 anos, deliberadamente, puderam planejar um crime com

tamanha crueldade? É possível que eles não tivessem a menor ideia do que estavam fazendo? Será que toda a trama sórdida, requintada de maldade e de total frieza

"simplesmente" foi fruto de mentes imaturas e inconsequentes? Ouso dizerque, independentemente da idade dos assassinos, as respostas se resumem ao fato de serem garotos perversos. Vem à tona novamente a velha história do sapo e do escorpião: é a natureza!

Nos Estados Unidos volta e meia a população se defronta com casos que envolvem crianças que matam de forma impiedosa. Em 1998 um pesadelo se abateu sobre Jonesboro, uma pequena cidade no Arkansas. Mitchell Johnson, de 13 anos, e Andrew Golden, de apenas 11, foram responsáveis por um tiroteio em sua escola que matou cinco e feriu gravemente 11 pessoas. Eles chegaram camuflados, fortemente armados e fizeram soar o alarme de incêndio para obrigar estudantes e professores a saírem do edifício. Esconderam-se no bosque em frente e dispararam indiscriminadamente 27 tiros com as armas que tinham roubado da casa do avô de Golden. Além da frieza explícita, Johnson e Golden premeditaram o massacre.

O Brasil, infelizmente, também faz parte desse cruel panorama. É estarrecedor observar que crianças que deveriam estar brincando ou folheando livros nas escolas trafiquem drogas, empunhem armas e apertem gatilhos sem qualquer vestígio de piedade. Lógico que não podemos negar que muitas delas são influenciadas pelo meio social ao redor, no entanto outras crianças possuem uma inclinação voraz e inata ao crime. Assim como adultos psicopatas, crianças com essa natureza são desprovidas de sentimento de culpa ou remorso, características inerentes às pessoas "de bem". São más em suas essências.

Idade penal e idade biológica

Em fevereiro de 2007 um crime monstruoso chocou todo o país. O menino João Hélio Fernandes, de apenas 6 anos, foi arrastado

até a morte por mais de sete quilómetros pelas ruas da Zona Norte do Rio de Janeiro. O

crime ocorreu depois que o carro em que João se encontrava foi assaltado.

A mãe e a irmã mais velha de João conseguiram escapar, mas o garoto ficou preso ao cinto de segurança, enquanto os criminosos arrancavam com o carro em alta velocidade.

Os bandidos ignoraram todos os apelos feitos por pedestres e motoristas que berravam indicando que havia uma criança presa do lado de fora do carro. Segundo uma testemunha, eles andavam em ziguezague com o veículo tentando se livrar do menino.

Após a prisão dos cinco envolvidos, constatou-se que um deles era menor (16 anos).

Esse crime provocou consternação, revolta e mobilizou toda a sociedade pela sua brutalidade. O Brasil enfurecido protestou contra a violência e o descaso das autoridades. Em ocasiões

como essas, o clamor social acaba demandando atitudes por parte dos nossos legisladores, com o intuito claro de dar uma satisfação imediata à sociedade. Não é de hoje que vários projetos são apresentados com o objetivo de mudar as leis que cuidam de menores infratores, mas que ao final caem no esquecimento.

Em resposta a essa comoção, aquilo que estava guardado na gaveta pulou para a ordem do dia.

Entre essas medidas podemos destacar as seguintes:

1. Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 171/1993, de autoria de Benedito Domingues, que visa a redução da maioridade penal de 18 para 16 anos. Essa proposta está pronta para pauta de votação.

2. Projeto de Lei ns 2847/00, do deputado Darcísio Peron-di (PMDB-RS), que altera o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Seu objetivo é aumentar o tempo máximo de internação de adolescentes que entram em conflito com a lei penal. O prazo, que atualmente é de três anos, passaria para oito anos quando se tratasse

dos seguintes crimes: tráfico de drogas e quando houver "grave ameaça ou violência à pessoa" (homicídios e crimes hediondos como sequestro, latrocínio e estupro).

O projeto, que já foi aprovado pela Comissão de Segurança Pública da Câmara dos Deputados, ainda está em tramitação e divide opiniões. Seu relator foi o deputado Carlos Sampaio (PSDB-SP). 3. Projeto de Lei do Executivo que visa reformular a aplicação de medidas socioeducativas. A principal mudança é a possibilidade de se estabelecer medidas legais específicas para cada menor.

Seja qual for o ângulo que utilizamos para avaliar e discutir o estabelecimento da idade penal em nossa sociedade, sempre nos deparamos com conflitos ideológicos, legais ou mesmo científicos que, na maioria das vezes, emperram a tomada de decisões que poderiam beneficiar toda a sociedade. De fato, o assunto é de extrema complexidade e essas discussões vêm de muito tempo.

Apesar de todo o desenvolvimento racional dos seres humanos, existe até hoje uma grande dificuldade em se estabelecer o momento exato a partir do qual o indivíduo pode ser considerado responsável por suas ações. E, a partir daí, ser legalmente responsabilizado pelo que faz ou deixa de fazer. O desafio para se fixar uma idade mínima para a imputação penal é tão complexo que em todos os países do mundo é motivo de muita polêmica e acaloradas discussões.

Para que tenhamos uma ideia da dimensão do problema, podemos observar as diversas idades mínimas para responsabilidade criminal em diferentes países:

• Austrália e Suíça - 7 anos;

• Equador-12 anos;

• Dinamarca, Finlândia e Noruega - 15 anos;

• Argentina, Chile e Cuba - 16 anos;

• Polónia - 17 anos;

• Colômbia, Luxemburgo e Brasil - 18 anos;

• EUA- em alguns estados, a partir dos 6 anos de idade. Cabe ao juiz decidir se o jovem infrator deverá ser julgado como adulto ou não;

• Inglaterra - desde 1967 não tem idade mínima preestabelecida. Uma criança de 10

anos (ou menos) pode ser julgada como adulto, dependendo da gravidade do crime e de acordo com os costumes do próprio país.

A própria ONU (Organização das Nações Unidas), através de seu órgão destinado à infância e à adolescência (a Unicef), recomenda em seu manual que a maioridade penal se inicie entre 7 e 18 anos. Convenhamos que uma margem de 11 anos (entre a menor e a maior idade penal) demonstra, de forma clara, toda a incerteza ao redor do tema.

Não podemos esquecer que a necessidade de adotarmos uma idade penal mínima tem como base a ideia - universalmente aceita - de que crianças não possuem discernimento sobre o certo e o errado. Além do mais, elas ainda não desenvolveram controle adequado sobre seus impulsos. Dessa forma, crianças não podem ser culpabilizadas por suas atitudes ilícitas. Por outro lado, existe também unanimidade em responsabilizar adultos sadios por seus crimes.

O dilema surge exatamente "no meio do caminho", entre a criança sem discernimento e o adulto responsável: a adolescência. O porquê da dificuldade em se estabelecer a tal idade penal mínima me parece clara: a transição da criança inconsequente (sem discernimento) e o adulto responsável (ciente de seus atos) é um processo contínuo, que faz parte do desenvolvimento psíquico. Assim, é impossível se estabelecer uma idade padronizada para todos, uma vez que as pessoas amadurecem e se desenvolvem de forma e em tempos distintos.

O Brasil, como outras inúmeras nações, adota os 18 anos como maioridade penal. Ou seja, idade em que, diante da lei, um

jovem passa a responder inteiramente por seus atos, como um cidadão adulto. Entre 12

e 17 anos, o jovem infrator não poderá ser encaminhado a um sistema penitenciário comum, mas sim deverá receber tratamento diferenciado daquele do adulto. As penalidades a eles imputadas são chamadas de medidas socioeducativas. Já as crianças (até 12 anos) são

inimputáveis, ou seja, não podem ser julgadas ou punidas pelo Estado.

A maioridade penal hoje estabelecida se deve ao fato de que alguns pesquisadores e muitos legistas abraçam a tese de que durante a adolescência o cérebro está sujeito a intensas transformações biofísicas. Dessa forma, os comportamentos impulsivo, imediatista e explosivo dos adolescentes são explicados, em parte, pela imaturidade biológica de seus cérebros, o que impede que tenham um comportamento plenamente adequado. Embasada nesse pressuposto, a própria psiquiatria ainda hoje não pode firmar o diagnóstico de psicopatia antes dos 18 anos idade.

Por outro lado, pesquisadores que estudam especificamente personalidades infanto-juvenis postulam que algumas pessoas demonstram de maneira indubitável possuírem uma estrutura de personalidade problemática ainda precocemente. Hoje em dia um jovem (criança ou adolescente) que apresenta características como insensibilidade, mentiras recorrentes, transgressões às regras sociais, agressões, crueldade etc. recebe o diagnóstico de Transtorno da Conduta1 (antes conhecido como Delinquência).

Por ser um transtorno infinitamente mais grave do que meras rebeldias ou traquinagens juvenis e que, na sua forma mais severa, se assemelha em muito às características psicopáticas, vários estudiosos defendem a possibilidade de se estabelecer o diagnóstico de psicopatia antes mesmo dos 18 anos.

Corroborando tal hipótese, cientistas de diversos países (EUA, Inglaterra, Canadá, Austrália etc.) vêm testando uma versão adaptada do PCL-R (checklist de psicopatia) para jovens. A aplicação

1. Vide Anexo C.

do checklist em crianças e adolescentes com comportamentos frios e transgressores revelou que eles apresentam critérios de psicopatia semelhantes aos dos adultos, inclusive com os mesmos riscos elevados de reincidência criminal.

De acordo com esse ponto de vista podemos afirmar que alguns indivíduos menores de 18 anos, independentemente da maturidade biológica de seus cérebros, já possuem uma personalidade disfuncional. O comportamento e o temperamento desses jovens funcionam como os de pessoas plenamente desenvolvidas, que sabem perfeitamente distinguir o certo do errado e que compreendem o caráter ilícito dos seus atos. Dessa forma, já deveriam ser responsabilizados e penalizados pelos seus comportamentos transgressores com o mesmo rigor das leis aplicadas aos adultos. Sem incorrer em qualquer erro, podemos afirmar que esses jovens (crianças ou adolescentes) são os responsáveis por grande parte dos crimes brutais, que despertam nossos sentimentos de perplexidade e de repulsa frente às suas ações.

No meu entender, o que importa destacar é que os jovens que cometem tais tipos de delitos o fazem em função da sua natureza fria e cruel. Como se não bastasse, eles são favorecidos por

uma legislação específica que atenua as suas punições, propiciando de forma "quase irresponsável" a liberdade precoce e a reincidência criminal.

Pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o tempo máximo permitido em internações na Fundação Casa (ex-Febem) é de três anos, mesmo que o crime cometido tenha sido de natureza cruel. Acrescenta-se a isso o fato de que, após ter cumprido as medidas socioeducativas, seus antecedentes criminais não ficam registrados. Se eles reincidirem após os 18 anos, são considerados réus primários. Isso implica dizer que suas fichas criminais voltam a ficar limpas, como se nunca tivessem cometido nenhum delito.

Não se pode contestar que o ECA trouxe avanços no combate à prostituição, ao trabalho infantil e à violência contra crianças. Mas sua parte punitiva se mostra excessivamente complacente

com menores que cometem crimes graves. Geralmente são jovens que apresentam um perfil francamente psicopático. A lei que se aplica aos jovens que podem e devem ser recuperados é a mesma que beneficia aqueles que praticam delitos graves.

O caso abaixo exemplifica de forma bem clara a deficiência dessas leis: Em 1999 Rogério da Silva Ribeiro matou o estudante de jornalismo Rodrigo Damus, de 20 anos, três dias antes de completar 18 anos. Rogério planejou o assalto e o executou com a cumplicidade de mais três indivíduos (todos maiores de idade). Motivo: obter dinheiro para realizar sua festa de aniversário. Os três estão presos após terem sido condenados a penas de 22 anos. Já Rogério, como ainda era menor de idade no dia do crime, foi punido com medidas socioeducativas. Após um ano e oito meses de internação na Febem (hoje Fundação Casa), Rogério foi solto.

O documentário Pro Dia Nascer Feliz, do cineasta João Jardim, lançado em 2006, mostra claramente a frieza e o sentimento de impunidade entre os jovens infratores no Brasil. Numa das cenas, uma jovem de 16 anos conta que assassinou uma colega porque esta a expulsou de uma festa. A menor matou a vítima com uma facada no corredor da escola apenas por vingança, sem qualquer vestígio de medo e de arrependimento. Ela sabia, assim como a maioria dos infratores graves menores, que sua pena seria no máximo de três anos de internação. Quando questionada sobre seu ato, limitou-se a dizer: "Porque não dá nada sendo de menor. Três anos passam rápido!".

Qual a melhor solução?

Por tudo o que foi exposto, não há dúvidas de que estamos diante de um grande dilema.

O que fazer quando criminosos perversos nesse país são menores de idade?

Que medidas podem

ser tomadas para que a sociedade não fique à mercê de jovens de natureza tão ruim?

Reduzir a maioridade penal? Criar novas leis?

A resposta a essas questões deve surgir de uma séria discussão que envolva não só as ciências naturais e o direito, mas também as demais ciências humanas, a sociedade civil como um todo e os verdadeiros representantes do Estado. Essa união social pode levar muitos anos para gerar frutos no dia-a-dia de cada um de nós e pode-se ainda chegar à conclusão de que não há possibilidade de se criar um critério rígido e padronizado para se determinar a idade penal mínima.

No entanto, é fundamental destacar que a redução da maioridade penal pouco vem contribuir para a diminuição da violência ocasionada por jovens perigosos, que são maus na sua essência. A meu ver, devemos avaliar a personalidade do infrator, a sua capacidade de entendimento dos seus atos, os seus sentimentos e a gravidade do crime cometido. Isso levaria a se considerar cada caso com sua justa individualização, tornando possível distinguir, de forma eficaz, os jovens que precisam e podem ser reeducados daqueles que são refratários a qualquer tipo de medida socioedu-cativa.

Estes últimos, irrefreáveis e incompatíveis com o convívio social, devem ser rigorosamente punidos como adultos. Caso contrário, só iremos amargar cada vez mais a infeliz certeza de que eles não vão parar nunca.

CAPITULO 10

DE ONDE VEM ISSO TUDO?

A capacidade humana de distinguir o certo do errado, a meu ver, é uma das mais nobres de todas as nossas qualidades. É muito reconfortante saber que, de alguma forma, cada ser humano, lá no íntimo, sempre sabe qual é "a coisa certa a fazer".

É esse senso moral que nos faz ajudar uma pessoa que leva um tombo na rua ou ainda uma criança que cai de sua bicicleta ou se perde de seus pais em meio à multidão. Em relação a essas situações, lembro-me de uma que nunca mais saiu da minha mente.

Era um domingo ensolarado, em pleno inverno carioca. Resolvi caminhar e escolhi a Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, como cenário para minha atividade física matinal. Com pouco mais de uma hora de caminhada já ensaiava meus passos finais, quando avistei em minha "contramão" três pessoas trajadas com uniformes do Flamengo, em estado de total alegria: o pai no centro e um filho em cada mão. Os três cantavam, a plenos pulmões, um samba que já virou um "hino" clássico dos torcedores rubro-negros: "Domingo eu vou ao Maracanã, vou torcer pelo time que sou fã..." De repente, pelas minhas costas surgiu um menino com uma bicicleta. Sua velocidade era tamanha que, ao me ultrapassar, não conseguiu fazer a curva e, em segundos, "voou"

para dentro da lagoa. Simultaneamente a essa cena, pude ver a face de angústia do pai-flamenguista e assistir a tudo: ele rapidamente soltou as mãos dos filhos, tirou a camisa e mergulhou como se tivesse sido treinado para aquilo por toda a sua vida. Menino salvo, bicicleta destruída nas pedras, surge, atrasado, o pai da vítima. Abraça seu filho, promete-lhe uma bike nova e nem percebe que a poucos metros dali o pai-flamenguista já está com seus filhos lado a lado seguindo seu caminho.

Sem conter minha admiração pelo ato daquele homem, apressei o passo e fui atrás deles. Aproximei-me, pedi licença e perguntei: "Como você conseguiu fazer aquilo tão rapidamente?"

E ele respondeu: "Fiz o que tinha que ser feito. Se não fosse eu, certamente outra pessoa faria. É o certo!"

Naquele domingo retornei à minha casa com um sentimento bom de esperança, desses que de vez em quando a gente sente por toda a humanidade.

De onde vem o nosso senso moral?

Até pouco tempo atrás existia a convicção de que a capacidade humana de distinguir o certo do errado era algo aprendido nas relações interpessoais. Dessa forma, a única maneira de obtermos indivíduos morais seria educá-los e condicioná-los socialmente.

Assim, caberia à sociedade e à cultura estabelecer, ao longo de toda a vida, o que os indivíduos podem ou não fazer. Não há como negar que muitas das regras sociais direcionadas ao certo e ao errado precisam ser aprendidas. É impossível nascer sabendo determinadas convenções sociais que possuem forte apelo cultural. Um bom exemplo é o ato de arrotar. Em alguns países orientais arrotar à mesa é sinal de apreço para com a comida e seus anfitriões gastronómicos. Já na maioria dos países ocidentais, o ato de arrotar em público é um sinal de falta de educação, relacionado ao desleixo e à deselegância pessoal.

Os estudos mais recentes sobre o comportamento humano revelam que as noções básicas de retidão comportamental e justiça dependem muito menos do aprendizado social do que os psicólogos supunham no início do século passado. As últimas pesquisas sobre o cérebro humano e as análises comparativas de outros comportamentos animais revelam que a espécie humana adquiriu a capacidade de avaliação moral com a própria seleção natural. Tudo indica que as instruções necessárias na produção de um cérebro capacitado para distinguir o certo do errado já vêm com certificado de fábrica, ou seja, elas estão no DNA de cada um de nós.

Se a seleção natural tem participação ativa na construção do senso moral dos humanos, é de se esperar que o senso de justiça

e a compaixão também estejam presentes em outros segmentos do reino animal. E de fato estão, especialmente entre os primatas.

Em 2007 Félix Werneken e seus colaboradores do Instituto Max Plank de Antropologia Evolutiva, na Alemanha, realizaram o seguinte experimento: colocaram um chimpanzé em uma jaula em que o animal pudesse observar duas pessoas que simulavam uma discussão. Uma delas estava mais exaltada e, com um tapa, derrubou um pequeno bastão que a outra tinha na mão. Esse objeto, ao cair no chão, rolou e foi parar aos pés do chimpanzé, junto a sua jaula. Sem qualquer envolvimento com aquele conflito entre humanos e sem receber nada em troca, o primata não hesitou em agir: pegou o bastão e o devolveu ao seu dono. Tudo aconteceu de forma simples: para ele era a coisa certa a fazer!

Outros experimentos envolvendo primatas entre si e primatas e uma ave também foram realizados. No primeiro caso um macaco tinha que acionar uma alavanca localizada dentro de sua jaula. Esta, por sua vez, abria a porta de outra jaula que dava passagem para que um "colega" pudesse buscar seu alimento que não conseguia alcançar.

Apesar de não receber nenhuma recompensa com o ato, o macaco não poupou esforços em praticar a boa ação e alimentar seu colega de espécie.

O segundo episódio está relatado no livro Eu, Primata, de Frans de Wall (primatólogo da Emory University, Atlanta, EUA): no zoológico de Twycross (Reino Unido), uma fêmea de bonobo viu um passarinho se ferir ao se chocar contra uma parede de vidro de sua jaula. Ao observar o pássaro no chão, a primata tentou colocá-lo em pé, mas não obteve sucesso. Tentou, então, outra estratégia: pegou o pássaro com muito cuidado, subiu numa árvore, abriu suas asas com os dedos e tentou fazê-lo voar tal qual um avião de papel. O pássaro, ainda muito fraco, acabou por aterrissar dentro da jaula sem conseguir se erguer. Foi então que a fêmea de bonobo decidiu montar guarda ao lado do pássaro simplesmente para protegê-lo de seus colegas de cativeiro. No final do dia o pássaro conseguiu se reerguer e saiu voando. Somente nesse momento a primata largou seu "posto de solidariedade".

Senso de justiça, compaixão e evolução

Toda a teoria da evolução das espécies se baseia na competitividade e na sobrevivência dos mais aptos. Como podemos entender que características de bondade e altruísmo tenham se perpetuado e evoluído em meio à violência do mundo natural? Teoricamente os organismos "bonzinhos" deveriam ter ficado pelo caminho nessa corrida biológica.

No entanto, ao longo das últimas décadas, os cientistas começaram a desvendar as vantagens evolutivas das "criaturas do bem".

Existem algumas teorias que tentam explicar o senso de justiça mais apurado em determinados animais e nos humanos. Entre elas gostaria de destacar a teoria da mente (fundamentada nos estudos psicológicos) e a teoria do cérebro social (desenvolvida com base nos estudos

recentes das neurociências).

A teoria da mente se constituí basicamente na capacidade de um ser biológico (humano ou não) imaginar que outros seres possam ter uma vida mental similar à dele. Essa teoria pode ser facilmente compreendida quando nos colocamos no lugar de outras pessoas para inferir como elas devem estar se sentindo. Existe um ditado americano que diz o seguinte: "Antes de julgar alguém, calce suas sandálias e caminhe uma milha." Em outras palavras: antes de julgar alguém, coloque-se em seu lugar, tente imaginar o que ele sente, o que ele pensa e somente depois aja. Isso é a teoria da mente em plena ação.

A teoria do cérebro social pôde se desenvolver e avançar de forma significativa nos últimos anos devido à utilização sistemática, por psicólogos e neurocientistas, do exame denominado ressonância magnética funcional (RMf). Esse exame é capaz de gerar um retrato extremamente detalhado das estruturas cerebrais. Além disso, ele pode produzir o equivalente a um vídeo que mostra o funcionamento de partes específicas do cérebro quando ativadas durante algumas situações. Por exemplo, quando ouvimos o choro de uma pessoa que amamos, o centro da afetividade entra em "ebulição".

Com base nesses estudos os cientistas puderam começar a responder a uma série de perguntas sobre o comportamento social das pessoas. Entre essas perguntas destaco algumas: existe de fato algum mecanismo mental na espécie humana responsável por nossos atos generosos ou solidários? Caso esse mecanismo exista, ele, conforme a pessoa, nasce "ativado" ou "desativado"? Esse processo de ligar/desligar é algo que aprendemos através do convívio social ou trazemos conosco?

Com a utilização da ressonância magnética funcional (RMf), muitos pesquisadores do comportamento humano passaram a utilizar o termo "cérebro social". O cérebro social pode ser definido como o somatório de todos os mecanismos neurais (materiais e funcionais) envolvidos na orquestração de nossas interações sociais. Assim, ele é responsável pelos pensamentos e sentimentos que apresentamos quando nos relacionamos com outras pessoas.

O cérebro social nos possibilita a percepção do "Eu sei como você se sente". E isso ficou muito claro em um estudo com casais de namorados realizado da seguinte forma: na primeira parte do experimento, um de cada vez foi colocado no aparelho de ressonância magnética funcional (RMf) e submetido a sensações dolorosas, classificadas como leves. Antes de receber o estímulo doloroso, o voluntário era avisado. O simples aviso desencadeou a ativação de alguns circuitos cerebrais, especialmente daqueles ligados ao medo e à ansiedade. Ocorria uma espécie de antecipação à sensação dolorosa.

Na segunda parte o voluntário era avisado de que o(a) parceiro(a), a partir daquele momento, receberia uma descarga dolorosa. O resultado foi surpreendente. Mesmo sabendo que não sentiria mais dor, o voluntário passou a ativar as mesmas áreas cerebrais ao ser avisado que seu par sofreria. Isso aponta para a existência de uma

"ponte neural" (cérebro-cérebro) que é capaz de promover alterações no funcionamento cerebral e, consequentemente, reações fisiológicas nas pessoas com as quais interagimos.

Alguns animais também apresentam algum nível de conexão mental. Eles conseguem, até certo ponto, sincronizar-se com

Página 151

os sentimentos alheios e entender suas intenções. No entanto, nenhum ser tem esse sistema cerebral tão aprimorado quanto o ser humano. Os cientistas acreditam que é justamente através dessa conexão (cérebro-cérebro), estabelecida nos nossos relacionamentos interpessoais, que aflora a moralidade inata.

Ambas as teorias apontam para a mesma direção: somos seres sociais e, de alguma forma, estamos fadados a estabelecer relações com pessoas ao nosso redor. Se o nosso destino é a conexão com "o outro", fica claro que o senso de justiça e de compaixão são instrumentos poderosos para que relações amigáveis e saudáveis se desenvolvam.

Talvez esse seja o principal motivo para explicar por que os seres humanos "já vêm de fábrica" com um dispositivo para distinguir o certo do errado.

De alguma forma o senso moral inato que os humanos apresentam parece confirmar o velho dito popular "a união faz a força". E quando essa união se estabelece através de sentimentos altruístas e comportamento éticos, a espécie e sua perpetuação ganham um reforço significativo na corrida biológica da evolução.

E a cultura, onde entra nisso?

É obvio que não podemos atribuir somente à genética e à evolução biológica a nossa capacidade de solidariedade e de compaixão. A cultura à qual somos expostos em uma determinada sociedade também nos influencia em diversos aspectos de nossa personalidade.

É fundamental não confundir a nossa capacidade inata de distinguir o certo do errado com a capacidade de tomarmos as atitudes corretas ao invés das erradas. Uma coisa é saber o que deve ser feito, a outra é agir de acordo com esse preceito.

Somos dotados não só do senso inato de moralidade, mas também de inteligência para análise estratégica. Dessa forma podemos, infelizmente, usar nossa capacidade racional para "tapear" a moral inata e, com isso, tirar proveito de determinadas situações.

Página 152

As guerras talvez sejam o exemplo mais cruel dessa habilidade dos seres humanos em

"driblar" o inato senso moral. Para que um grupo enfrente o outro é necessário uma causa que seja aparentemente justa ou moralmente correta. Como não existe guerra moral, sempre haverá

uma liderança habilidosa em manipular mentalmente as diferenças culturais, de forma a colocar uns contra os outros. A manipulação moral acaba por despertar os instintos humanos relacionados à luta pela sobrevivência. Monta-se assim o cenário perfeito para uma guerra politicamente correta e moralmente maquiada. Todas as guerras são assim: injustificáveis. O que ocorre de fato é a sórdida manipulação moral por parte de uma pequena minoria humana.

Ao longo da nossa história podemos observar incontáveis exemplos da manipulação bélica da moral: ora legitimando suas ações através da desqualificação étnica de determinados grupos humanos (perseguição aos judeus na Alemanha nazista, por exemplo), ora pela utilização de motivos religiosos (tais como as ações terroristas da Al-Qaeda) ou ainda pelo combate à opressão em nome da liberdade (a invasão do Iraque pelos EUA).

A cultura influencia diretamente os valores morais de uma sociedade e cria também os parâmetros que estabelecem o status hierárquico de cada membro social. Sem dúvida alguma, a posse de bens materiais sempre foi algo valorizado nas vitrines das sociedades. Mas já existiram tempos em que o status intelectual e a retidão de caráter também eram características bastante valoradas entre os membros de nossa sociedade.

O "saber" e o "ser" já foram bens de alto valor moral social. Hoje vivemos os tempos do

"ter", em que não importa o que uma pessoa saiba ou faça, mas sim que ela tenha dinheiro (de preferência muito) para pagar por sua ignorância e por suas falhas de caráter.

Nesse cenário propício surge a cultura da "esperteza": temos que ser ricos, bonitos, etiquetados, sarados, descolados e muito invejados. O pior dessa cultura é que seus membros sociais não se contentam apenas com o "ter", é necessário exibir e ostentar

todos os seus bens. Assim ninguém esquece, nem sequer por um minuto, quem são os donos da festa.

E é exatamente essa cultura que faz com que os jovens bem-nascidos optem por caminhos rápidos como a venda de drogas e produtos contrabandeados para obterem o status social dos bem-sucedidos. Para esses rapazes e moças, o caminho dos estudos, do saber e do "ser" é longo demais. Eles querem tudo, aqui e agora.

Vivemos em meio a uma cultura que privilegia o indivíduo em detrimento da humanidade como um todo. Basta ver o que está acontecendo com o problema da emissão acentuada de gases tóxicos, causando o efeito estufa e o aquecimento global.

Esse fato, entre tantos outros, mostra que nossos equivocados valores começam a comprometer nosso futuro como espécie. Chegamos até aqui por nossas habilidades sociais e não por força física. Se quisermos manter nossa supremacia biológica no mundo natural, teremos que rever nossos próprios conceitos, criando uma nova cultura que se baseie na solidariedade e no sucesso da coletividade.

A maldade original de fábrica

Se existe de fato um kit de moralidade instalado em nosso "hardware" cerebral (nossa composição biológica), como explicar o comportamento desumano dos psicopatas?

Tudo indica que esses indivíduos apresentam uma "desconexão" dos circuitos cerebrais relacionados à emoção. Só podemos ter senso moral quando manifestamos um mínimo de afeto em relação às pessoas e às coisas ao nosso redor. Dessa maneira, o comportamento frio e perverso dos psicopatas não pode ser atribuído simplesmente a uma má-criação ou educação. No meu entender, a origem da psicopatia está na incapacidade que essas criaturas têm de sentir e não de agir de forma correta.

Uma parcela significativa da população se recusa a acreditar nessa "desumanidade de fábrica" que os psicopatas apresentam

Para entendermos como uma mente pode funcionar sem emoção, é preciso conhecer os aspectos neurofuncionais da emoção e da razão:

Emoção e razão

Funções mais complexas produzidas pelo cérebro humano. Em nosso cotidiano ativamos operações mentais que envolvem sempre uma e outra (às vezes, mais uma do que a outra). Apesar de serem parceiras constantes, os mecanismos neurais geradores da emoção e da razão são diversos.

As emoções negativas são mais estudadas e compreendidas do que as positivas e a mais conhecida de todas é o medo. Este surge quando algo nos ameaça, desencadeando uma ação de luta ou fuga. Outro exemplo de emoção importante é a raiva. Esta se apresenta frequentemente como mecanismo de defesa ou, ainda, como um meio de garantia de sobrevivência. Animais costumam agredir seus semelhantes como forma de defender seu território, disputar as fêmeas e estabelecer hierarquias sociais.

Nos seres humanos as reações de medo e de raiva se manifestam de forma bastante semelhante àquelas observadas nos animais. No entanto, entre os seres humanos as emoções são moduladas pela razão. Doses certas de razão e emoção é que fazem com que tenhamos comportamentos tipicamente humanos.

O sistema límbico, formado por estruturas corticais e sub-corticais, é responsável por todas as nossas emoções (alegria, medo, raiva, tristeza etc). Uma das principais estruturas do sistema límbico chama-se amígdala (vide figura nas páginas 156 e 157).

Localizada no interior do lobo temporal, essa pequena estrutura funciona como um

"botão de disparo" de todas as emoções.

A razão, por sua vez, envolve diversas operações mentais de difícil definição e classificação.

Entre elas podemos citar: raciocínio, cálculo mental, planejamentos, solução de problemas e comportamentos sociais adequados etc.

Página 155

Regiões do cérebro envolvidas com a tomada de decisões morais:

[No formato original deste livro, em tinta, aparece a imagem de um cérebro humano com setas indicando cada parte conforme listarei abaixo – Nota de Patrícia Braille]

Amígdala: Botão de disparo de todas as emoções: medo, alegria, raiva, amor, tristeza etc.

Córtex dorsolateral pré-frontal: Associado a ações cotidianas do tipo utilitárias, como decorar números de telefones ou objetos.

Córtex anterior cingulado: Muito ativo quando temos problemas difíceis de serem resolvidos. Ele sinaliza ao córtex dorsolateral pré-frontal para que assuma o controle executivo.

Página 156 e Página 157

A principal região envolvida nos processos racionais é o lobo pré-frontal (região da testa): uma parte dele (córtex dorsolateral pré-frontal) está associada a ações cotidianas do tipo utilitárias, como decorar um número de um telefone ou objetos. A outra parte (córtex medial pré-frontal) recebe maior influência do sistema límbico, definindo de forma significativa as ações tomadas nos campos pessoais e sociais.

A interconexão entre a emoção (sistema límbico) e a razão (lobos pré-frontais) é que determina as decisões e os comportamentos socialmente adequados.

Razão demais, emoção de menos

Um caso histórico ocorrido em meados do século XIX em Vermont, EUA, evidenciou de forma muito clara essa estreita associação entre comportamento moral e lesão cerebral:

Phineas Gage trabalhava em uma estrada de ferro. Era um sujeito benquisto por todos, bom trabalhador e ótimo chefe de família. Em 1848, uma explosão no local de trabalho fez com que uma barra de ferro perfurasse seu cérebro na região denominada córtex pré-frontal (vide figura). De forma espantosa, Gage não perdeu a consciência e sobreviveu ao ferimento sem qualquer sequela aparente. Ele caminhava normalmente e suas memórias estavam preservadas. Contudo, com o passar do tempo, Gage se tornou outra pessoa: indiferente afetivamente, sujeito a ataques de ira e sem qualquer educação com as pessoas ao seu redor. Gage nunca mais foi o homem que todos admiravam, o homem

"pré-acidente". Embora ele nunca tenha assassinado ninguém, sua vida foi uma patética sucessão de subempregos, brigas, bebedeiras e pequenos golpes.

A história acima teve um papel decisivo no estudo do comportamento humano, pois foi uma prova viva de que alterações no senso moral podem ocorrer quando o cérebro sofre lesões em áreas específicas (nesse caso, o lobo pré-frontal). A partir desse episódio, os cientistas passaram a pesquisar as raízes cerebrais do comportamento amoral.

Página 158

É importante sublinhar que os estudos clínicos sobre a psicopatia sempre apresentaram grandes dificuldades de serem realizados. A investigação clínica sobre a personalidade psicopática é uma tarefa extremamente complicada, pois as testagens realizadas para esse fim dependem dos relatos dos avaliados. Os psicopatas não têm interesse nenhum em revelar algo significante para os pesquisadores e tentam sempre manipular a verdade para obterem vantagens.

Tudo indica que o uso sistemático das novas técnicas de neuroimagens (RMf e PET-SCAN) ajuda a reforçar o diagnóstico da psicopatia, uma vez que os estudos recentemente realizados apontam para alterações características de um funcionamento cerebral de um psicopata. Pessoas sem qualquer traço psicopático revelaram intensa atividade da amígdala e do lobo frontal (sendo neste de menor intensidade), quando foram estimuladas a se imaginarem cometendo atos imorais ou perversos. No entanto, quando os mesmos testes foram realizados num grupo de psicopatas criminosos, os resultados apontaram para uma resposta débil nos mesmos circuitos.

Se considerarmos que a amígdala é o nosso "coração cerebral", entenderemos que os psicopatas são seres sem "coração mental". Seus cérebros são gelados e, assim, incapazes de sentir emoções positivas como o amor, a amizade, a alegria, a generosidade, a solidariedade... Essas criaturas possuem grave "miopia emocional" e, ao não sentirem emoções positivas, suas amígdalas deixam de transmitir, de forma correta, as informações para que o lobo frontal possa desencadear ações ou comportamentos adequados. Chegam menos informações do sistema afetivo/límbico para o centro executivo do cérebro (lobo frontal), o qual, sem dados emocionais, prepara um comportamento lógico, racional, mas desprovido de afeto.

Se partirmos da premissa de que a alteração primária dos psicopatas é uma amígdala hipofuncionante, poderemos considerar as seguintes situações: Página 159

1. Psicopatas pensam muito e sentem pouco. Suas ações são racionais e a razão tende sempre a escolher, de forma objetiva, o que leva à sobrevivência e ao prazer. De forma primitiva a razão usa a "lei da vantagem" sempre. Essa forma de pensar privilegia o indivíduo e nunca o outro ou o social.

2. Como espécie, os homens evoluíram muito mais por sua capacidade de cooperação social do que por seus atributos individuais. Assim, podemos perceber que os psicopatas são seres cujas tomadas de decisão privilegiam sempre os interesses individuais e/ou oligárquicos mesquinhos e nunca o social e/ou o coletivo de conteúdo solidário.

3. Sem conteúdo emocional em seus pensamentos e em suas ações, os psicopatas são incapazes de considerar os sentimentos do outro em suas relações e de se arrependerem por seus atos imorais ou antiéticos. Dessa forma, eles são incapazes de aprender através da experiência e por isso são intratáveis sob o ponto de vista da ressocialização.

Montando o quebra-cabeça

Não há dúvidas de que os psicopatas apresentam um déficit na integração das emoções com a razão e o comportamento. Mas é importante destacar que eles não possuem uma lesão nos córtex pré-frontais e na amígdala, como observado no caso Gage. Os pacientes que têm essas lesões provocadas por tumores, hemorragias, isquemias ou traumatismos apresentam comportamentos que nos lembram os dos psicopatas pela indiferença que apresentam com os outros e consigo mesmas. Além disso, os pacientes de lesão cerebral mostram-se incapazes de se adaptar de forma conveniente a um trabalho, a sua família e a seus amigos.

Já os psicopatas apresentam esses desajustes em graus bem variáveis. Alguns deles estudam com interesse, outros trabalham

anos com sucesso. Há aqueles que cometem delitos desde pequenos e ainda existem os que podem levar uma vida aparentemente integrada, mas paralelamente vivem executando crimes bárbaros e repugnantes.

As diversas manifestações das condutas psicopáticas nos levam necessariamente a uma avaliação da importância que o meio ambiente pode ter na apresentação desse transtorno. O ambiente social no qual a violência e a insensibilidade emocional são

"ensinadas" no dia-a-dia pode levar uma pessoa propensa à psicopatia a ser um perigoso delinquente. Por outro lado, um ambiente social afetuoso e compensador pode levar essa mesma propensão a se manifestar na forma de um desvio social leve ou moderado.

Podemos, então, concluir que a psicopatia apresenta dois elementos causais fundamentais: uma disfunção neurobiológica e o conjunto de influências sociais e educativas que o psicopata recebe ao longo de sua vida.

A engrenagem psicopática funcionaria desta maneira: a predisposição genética ou a vulnerabilidade biológica se concretizaria em uma criança que apresenta o deficit emocional. Uma criança assim possui um sistema mental deficiente na percepção das emoções e dos sentimentos, na regulação da impulsividade e na experimentação do medo e da ansiedade. Nos casos em que os pais (família) realizam de forma muito competente suas tarefas educacionais, essas características biológicas podem ser compensadas ou canalizadas para atividades socialmente aceitas. No entanto, quando o ambiente não é capaz de fazer frente a tal bagagem genética - seja por falhas educacionais por parte dos pais, por uma socialização deficiente ou ainda por essa bagagem genética ser muito marcada -, o resultado será um indivíduo psicopata.

É mais sensato falarmos em ajuda e tratamento para as vítimas dos psicopatas do que para eles mesmos.

Capítulo 11

O QUE PODEMOS FAZER?

Senhoras e senhores, não trago boas-novas. Com raras exceções, as terapias biológicas (medicamentos) e as psicoterapias em geral se mostram, até o presente momento, ineficazes para a psicopatia. Para os profissionais de saúde, este é um fator intrigante e ao mesmo tempo desanimador, uma vez que não dispomos de nenhum método eficaz que mude a forma de um psicopata se relacionar com os outros e perceber o mundo ao seu redor. É lamentável dizer que, por enquanto, tratar um deles costuma ser uma luta inglória.

Temos que ter em mente que as psicoterapias são direcio-nadas às pessoas que estejam em intenso desconforto emocional, o que as impede de manter uma boa qualidade de vida. Por mais bizarro que possa parecer, os psicopatas parecem estar inteiramente satisfeitos consigo mesmos e não apresentam constrangimentos morais ou sofrimentos emocionais como depressão, ansiedade, culpas, baixa auto-estima etc. Não é possível tratar um sofrimento inexistente.

É no mínimo curioso, embora dramático, pensar que os psicopatas são portadores de um grave problema, mas quem de fato sofre é a sociedade como um todo. Em função disso, pouquíssimos profissionais se arriscam a essa "empreitada". Quando o fazem, chegam à triste constatação de que contribuíram com uma ínfima parcela ou com absolutamente nada. É importante lembrar que de uma forma geral todos nós estamos vulneráveis às ações desses predadores sociais. Assim, é mais sensato falarmos em ajuda e tratamento para as vítimas dos psicopatas do que para eles mesmos.

De mais a mais, só é possível ajudar aqueles que de fato querem e procuram ajuda. Os psicopatas, além de acharem que não têm problemas, não esboçam nenhum desejo de mudanças para se ajustarem a um padrão socialmente aceito. Julgam-se

auto-suficientes, são egocêntricos e suas ações predatórias são absolutamente satisfatórias e recompensadoras para eles mesmos. Mudar para quê?

Dessa forma, os psicopatas raramente procuram auxílio médico ou psicológico. Quando eles chegam a um consultório, quase sempre é por pressões familiares ou, então, com o intuito de se beneficiarem de um laudo técnico. Frequentemente estão envolvidos com problemas legais, endividados e às voltas com o sistema judicial.

Por isso, tentam obter do profissional de saúde mental algum diagnóstico ou alguma comprovação de problemas que os auxiliem a minimizar as sanções que lhes foram impostas.

Estudos também demonstram que, em alguns casos, a psicoterapia pode até agravar o problema. Para as pessoas "de bem", as técnicas psicoterápicas sem dúvida alguma são fundamentais para a superação das suas angústias ou dos seus desconfortos. No entanto, para os psicopatas as sessões terapêuticas podem muni-los de recursos preciosos que os aperfeiçoam na arte de manipular e trapacear os outros. Embora eles continuem incapazes de sentir boas emoções, nas terapias os psicopatas aprendem "racionalmente"

o que isso pode significar e não poupam esse conhecimento para usá-lo na primeira oportunidade. Além disso, eles acabam obtendo mais subsídios para justificar seus atos transgressores, alegando que estes são fruto de uma infância desestruturada. De posse dessas informações, eles abusam de forma quase "profissional" do nosso sentimento de compaixão e da nossa capacidade de ver a bondade em tudo.

O que os pais podem fazer?

Como já foi dito anteriormente, podemos observar características de psicopatia desde a infância até a vida adulta. Antes dos 18 anos, por uma questão de nomenclatura, o problema é chamado de Transtorno da Conduta. Crianças ou adolescentes que são francos candidatos à psicopatia possuem um padrão repetitivo e

persistente que pode ser sintetizado pelas características comportamentais descritas a seguir:

• Mentiras frequentes (às vezes o tempo todo);

• Crueldade com animais, coleguinhas, irmãos etc;

• Condutas desafiadoras às figuras de autoridade (pais, professores etc);

• Impulsividade e irresponsabilidade;

• Baixíssima tolerância à frustração, com acessos de irritabilidade ou fúria quando são contrariados;

• Tendência a culpar os outros por erros cometidos por si mesmos;

• Preocupação excessiva com seus próprios interesses;

• Insensibilidade ou frieza emocional;

• Ausência de culpa ou remorso;

• Falta de empatia ou preocupação pelos sentimentos alheios;

• Falta de constrangimento ou vergonha quando pegos mentindo ou em flagrante;

• Dificuldades em manter amizades;

• Permanência fora de casa até tarde da noite, mesmo com a proibição dos pais. Muitas vezes podem fugir e levar dias sem aparecer em casa;

• Faltas constantes sem justificativas na escola ou no trabalho (quando mais velhos);

• Violação às regras sociais que se constituem em atos de vandalismo como destruição de propriedades alheias ou danos ao patrimônio público;

• Participação em fraudes (falsificação de documentos), roubos ou assaltos;

• Sexualidade exacerbada, muitas vezes levando outras crianças ao sexo forçado;

• Introdução precoce no mundo das drogas ou do álcool;

• Nos casos mais graves, podem cometer homicídio.

Vale ressaltar que essas características são apenas genéricas e que o diagnóstico exato só pode ser firmado por especialistas no assunto. Além do mais, o leitor deve atentar para a frequência e a intensidade com as quais essas características se manifestam.

É muito comum e até compreensível que os pais de jovens com características psicopáticas se perguntem quase sempre em um tom de desespero: "O que nós fizemos de errado para que nosso filho seja assim?" Os pais se sentem culpados por acharem que falharam na educação dos seus filhos e que não souberam impor limites. Isso é um grande equívoco! Não resta dúvida de que a educação, a estrutura familiar e o ambiente social influenciam na formação da personalidade de um indivíduo e na maneira como ele se relaciona com o mundo. No entanto, esses fatores por si só não são capazes de transformar ninguém em um psicopata.

Não obstante, é muito importante que os pais tenham conhecimento pleno sobre o assunto e que passem a reconhecer a disfunção em seus filhos, dispensando ao problema a atenção que ele merece. Quando em grau leve e detectada ainda precocemente, a psicopatia pode, em alguns casos, ser modulada através de uma educação mais rigorosa.

Um ambiente familiar mais estruturado e com a vigilância constante de filhos

"problemáticos" certamente não evita a psicopatia, mas pode inibir uma manifestação mais grave. E, então, fazer toda a diferença. É lógico que essas medidas estão longe de serem ideais, são apenas paliativas e demandam muito esforço e empenho por parte dos envolvidos na criação. No entanto, para salvaguardar a estrutura familiar e a sociedade como um todo, não podemos desprezá-las. As posturas que devem ser assumidas são as seguintes:

• Procure conhecer bem o seu filho. A maioria dos pais não sabe como ele se comporta longe dos seus olhos. Estabeleça contato com todas as pessoas do convívio dele (professores, amigos, pais dos amigos etc). Quanto mais precocemente você identificar o problema, maiores

Página 168

serão as chances de que ele se molde a um estilo de vida minimamente produtivo e socialmente aceito.

• Busque ajuda profissional. Isso é válido tanto para se certificar do diagnóstico dessa criança quanto para que os pais recebam orientações de como devem agir.

• Não permita que seu filho controle a situação. Estabeleça um programa de objetivos mínimos para obter alguns resultados positivos. Regras e limites claros são necessários para evitar as condutas de manipulação, enganos e falta de respeito com os demais.

Lembre-se de que uma criança com perfil psicopático apresenta um talento extraordinário para distorcer as regras estabelecidas e virar o jogo a seu favor. Por isso, não cedal Se você fraquejar, certamente ela ocupará todos os "espaços" deixados pela sua desistência.

Não pretendo ser pessimista, no entanto não seria honesto da minha parte afirmar que a psicopatia infanto-juvenil atuaimente tenha uma solução satisfatória. O máximo que podemos fazer é adotar posturas no trato com essas crianças no intuito de melhorar a forma como a psicopatia vai se manifestar no futuro.

A psicopatia não tem cura, é um transtorno da personalidade e não uma fase de alterações comportamentais momentâneas. Porém, temos que ter sempre em mente que tal transtorno apresenta formas e graus diversos de se manifestar e que somente os casos mais graves apresentam barreiras de convivência intransponíveis. Segundo o DSM-IV-TR, a psicopatia tem um curso crónico, no entanto pode tornar-se menos evidente à medida que o indivíduo envelhece, particularmente a partir dos 40 anos de idade.

Página 169

Não negocie com o mal. Jamais concorde, seja por pena, chantagem ou por qualquer outro motivo, em ajudar um psicopata a ocultar o seu verdadeiro caráter.

Capítulo 12

Manual de sobrevivência

Como vimos até aqui, pouco ou nada podemos fazer para mudar a forma de ser de um psicopata. A maioria esmagadora da população está ao sabor de suas ações predatórias.

Então, o que pode ser feito para que não sejamos presas tão fáceis?

Sem qualquer sombra de dúvida, a melhor estratégia é não se envolver com nenhum deles em qualquer campo de sua vida (profissional, afetivo e social). Mas isso não é tão simples assim. Afinal, eles estão infiltrados em todos os setores, são habilidosos em descobrir os pontos fracos das pessoas e sabem muito bem como explorá-los. A grande verdade é que estamos

todos na mesma situação: vulneráveis.

Assim, achei relevante listar algumas dicas que você pode seguir para se proteger ou, em última análise, ajudá-lo a minimizar os estragos que um psicopata pode ocasionar em sua vida.

Dicas gerais para lidar com os psicopatas

1 - Saiba com quem você está lidando.

Essa primeira e importante regra se traduz no "remédio amargo" de aceitar que os psicopatas existem de fato e que eles literalmente não possuem consciência genuína. Ou seja, eles são incapazes de experimentar o amor ou qualquer outro tipo de ligação positiva com os outros seres humanos. Eles podem ser encontrados em todos os segmentos da sociedade e existe uma grande chance de você ter um encontro doloroso com um deles. Nunca menospreze o poder destruidor de um psicopata. Todas as pessoas, incluindo os especialistas, podem ser manipuladas e enganadas por eles, mesmo que tenham um conhecimento razoável sobre o assunto. Por isso, sua melhor defesa é entender e, principalmente, aceitar que existem pessoas com essa natureza: fria e devastadora.

2 - As aparências enganam!

Todo cuidado é pouco! Como disse Saint-Exupéry em O Pequeno Príncipe: "Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos".

Tenha sempre em mente que a maioria dos psicopatas não tem "pinta" de assassino.

Costumam ter um sorriso cativante, uma linguagem corporal interessante e uma boa lábia. Não caia nessa cilada! Ao conhecer novas pessoas, procure enxergar o que está por trás de tantos atrativos. Não se distraia com olhares sedutores, demonstração de poder, gestos atraentes, voz suave ou traquejo verbal, característicos de um psicopata.

Todos esses artifícios são utilizados com extrema habilidade exatamente para encobrir as suas verdadeiras intenções.

Também não se esqueça do poder do olhar desses indivíduos. Pessoas normais mantêm contato visual com as outras por uma gama de razões, na maioria das vezes por educação, mas o olhar intenso e frio do psicopata é mais um exercício de poder e de manipulação do que simplesmente interesse ou empatia pelo outro.

Em suma, da próxima vez que conhecer alguém que pareça ser uma pessoa muito extraordinária, tente não se iludir com o "evento teatral" à sua frente. Desvie seu olhar para as outras pessoas e se atenha ao que está sendo dito no conteúdo do discurso. É um exercício de separar a letra da melodia em uma canção.

3 - Não se esqueça de considerar a voz da sua intuição.

Sem percebermos, todos nós estamos constantemente observando o comportamento das pessoas. Muitas das impressões captadas por nosso cérebro podem se acumular em nossa memória de forma inconsciente, ou seja, sem que tenhamos conhecimento racional disso. Essas informações por vezes "guardadas" se manifestam na forma de intuição - como se fosse um instinto protetor do nosso organismo -, sinalizando perigos

"invisíveis".

Embora aparentemente estranhas, essas informações, traduzidas na forma de

"sensações", podem lhe ajudar se você permitir.

Então, lembre-se! Quando você estiver num dilema entre seguir o que manda o seu

"coração" (intuição) e valorizar uma pessoa apenas pelo seu status profissional ou social, não vacile: siga sua intuição. Ela pode tirá-lo de uma grande enrascada!

4 - Abra os olhos com pessoas maravilhosas ou excessivamente bajuladoras.

No início de qualquer relacionamento, todos nós tentamos esconder aquele "lado meio sombrio", mostrando apenas o que temos de melhor. Para a maioria dos psicopatas isso também não é diferente, muito embora com consequências infinitamente maiores. Eles tendem a impressionar suas vítimas com elogios, cuidados especiais, gentilezas excessivas e histórias falsas sobre seu status social e/ou financeiro. Devemos ter uma

"dose" extra de cautela quando alguma pessoa aparenta ser "tudo de bom". Não estou propondo que você contrate um detetive particular todas as vezes que conhecer alguém que lhe desperte algum interesse profissional ou afetivo. De forma alguma! Estou apenas sugerindo que você avalie muito bem quem é a pessoa com a qual está lidando.

Na medida do possível, procure lhe fazer perguntas sobre seus familiares, amigos, emprego, residência, projetos futuros... Os psicopatas geralmente dão respostas vagas, evasivas ou até inconsistentes quando são questionados sobre suas vidas. Suspeite de tais respostas e, se puder, procure confirmá-las. Cuidado também para não cair no golpe da pessoa perfeita, que fica horas a fio ouvindo seus problemas sem se preocupar em falar de si mesma. Na realidade, esses falsos "terapeutas" estão colhendo informações para usá-las mais tarde contra você.

Outra situação para manter os olhos bem abertos é quanto à bajulação. A maioria de nós gosta de receber elogios. Eles são sempre muito bem-vindos principalmente quando são sinceros.

Em contrapartida, a bajulação excessiva, o agradar "afetado" e pouco realista é uma das táticas dos psicopatas para nos cegar, seduzir e encobrir suas verdadeiras intenções: manipulação e controle. Por isso, desconfie dos famosos "puxa-sacos"!

E aqui é importante esclarecer que a regra da bajulação se aplica tanto para os indivíduos quanto para os grupos e nações. Da mesma forma que um indivíduo se empolga com a adulação de um manipulador, uma nação inteira pode se "hipnotizar"

por lideranças políticas que se utilizam desses mesmos recursos. A história da humanidade está recheada de estadistas tiranos que, ao engrandecerem seu povo, fazem dele uma "presa coletiva" com um único ob-jetivo: o desejo de poder. A exaltação do patriotismo, por exemplo, muitas vezes vem apenas como uma camuflagem para

"legitimar" a necessidade de realização das guerras. Discursos com apelos de que as guerras devem ser travadas para o bem da humanidade ou para a construção de um mundo melhor são extremamente perigosos e suspeitos. Guerras são guerras e todas elas são injustificáveis!

5 - Certas situações merecem atenção redobrada.

Determinados lugares encaixam-se como luvas para a ação plena dos psicopatas: bares, clubes sociais, boates, resorts, cruzeiros, aeroportos. Nesses locais eles fazem verdadeiros plantões. Suas vítimas preferenciais são os solitários que buscam companhia ou diversão. Os psicopatas, na espreita, observam-nas atentamente e depois partem para o ataque. Os viajantes solitários também são alvos fáceis, pois prontamente são identificados como perdidos e sozinhos num aeroporto ou num ponto turístico qualquer. Então, fique esperto!

6 - Autoconhecimento é fundamental.

Os psicopatas são experts em detectar e explorar nosso lado mais vulnerável. Eles identificam as "feridas" certas e não perdem

a chance de tocá-las quando podem. Assim, uma ótima forma de defesa é entender a si mesmo, saber verdadeiramente quais são seus pontos fracos. Desconfie de qualquer pessoa que os aponte com frequência, seja em particular ou em situações públicas e pouco apropriadas. Tenha cuidado com pessoas muito críticas e que vivem atentas às suas vulnerabilidades e às dos outros.

O autoconhecimento nem sempre é fácil de ser alcançado, por vezes a ajuda de um profissional especializado pode ser muito útil nesse sentido.

7- Não entre no jogo das intrigas.

A intriga é uma das ferramentas poderosas de um psicopata. No ambiente de trabalho, a intriga pode levar a consequências devastadoras. A princípio o psicopata se mostra um ótimo colega

de trabalho, com espírito de colaboração e um especial interesse em oferecer seu ombro a quem necessita de uma "força". Em pouco tempo ele é capaz de se tomar seu "melhor amigo de infância". Logo depois começará a utilizar as informações colhidas no ombro amigo para fazer intrigas. E isso ele fará com você e com todos que inicialmente acreditaram em sua "amizade".

Sem mais nem porque, a confusão está armada! Funcionários começam a se desentender e todos acabam fazendo mexericos. Somente o psicopata, perante o chefe, está fora de tanta "baixaria".

Resista à tentação de entrar no jogo das intrigas, fale dire-tamente com seu colega sobre os fatos ou se possível com o próprio chefe. Não deixe ninguém intermediar desentendimentos por você. Se você entrar nesse joguinho pode acabar se igualando ao psicopata e se distraindo do mais importante, que é se proteger.

8 - Cuidado com o jogo da pena e da culpa.

É muito importante que você entenda que o sentimento de pena ou de compaixão deve ser reservado às pessoas generosas,

de bom coração e que estejam em sofrimento verdadeiro. Temos a virtude de sentir tristeza frente à aflição alheia e nos compadecemos com a sua dor. A compaixão nos faz sentir mais humanos, pois enxergamos nosso semelhante como a nós mesmos.

Mas, afinal, devemos dispensar um sentimento tão nobre a alguém frio e cruel?

Decididamente não!

Para início de conversa, um psicopata não sofre de fato. O máximo que ele consegue sentir é frustração por algo que não conseguiu concretizar. Também é muito importante que você tenha em mente que os psicopatas se alimentam dos nossos sentimentos mais nobres, da nossa compaixão, o que os torna cada vez mais fortes e poderosos.

Sentir pena de um deles é o mesmo que dar o alimento preciso para que continue com suas atitudes inescrupulosas. Não tenha pena de um psicopata, não gaste suas reservas de compaixão com uma pessoa sem coração. Ela vai sugar você até que se sinta vazio e fragilizado.

Por outro lado, um psicopata também "brinca" com o nosso sentimento de culpa, que também é uma virtude. Qualquer que seja o motivo que o fez se envolver com um psicopata, é muito importante que você não esqueça o seguinte: nunca aceite que ele culpe você pelas atitudes dele. Tenha a plena convicção de que a vítima é você e não ele. Os psicopatas são habilidosos em inverter papéis e fingem sofrer. De algozes passam-se por vítimas com a maior tranquilidade. Maridos que agridem fisicamente suas esposas costumam responsabilizá-las por seus atos agressivos. Uma paciente minha passou anos se culpando pelos descontroles

agressivos de seu marido: ele a convenceu durante muito tempo de que a espancava porque a amava demais e por ela utilizar roupas que valorizavam sua beleza. Veja só o tamanho do disparate!

Os psicopatas não amam seus cônjuges, isso não existe! Eles os possuem como uma mercadoria ou um troféu com os quais reforçam seus desejos de manipulação, controle e poder.

De forma muito parecida, pais de filhos psicopatas sofrem e se culpam porque se sentem responsáveis pelo desenvolvimento

da personalidade de seus filhos. No entanto, tudo indica que esses pais não cometeram erros tão graves assim, se é que os tenham cometido de fato. Os estudos sobre a personalidade psicopática revelam que a educação fornecida pelos pais pode, no máximo, exacerbar o problema, mas não existe nenhum indício de que a maneira de educar seja capaz de originar a psicopatia.

Filhos psicopatas se utilizam muito do jogo da culpa. Eles costumam justificar os seus atos transgressores como consequência de comportamentos inadequados de seus pais quando eles ainda eram crianças. E, infelizmente, é muito difícil convencer esses pais de que nada disso é verdade. Os pais são as maiores vítimas do jogo da culpa.

9 - Não tente mudar o que não pode ser mudado.

"Deus, conceda-me serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, coragem para mudar aquelas que posso e sabedoria para reconhecer a diferença entre elas."

Oração da Serenidade

Em algum momento, a maioria de nós precisa aprender uma importante e decepcionante lição de vida: mesmo que nossas intenções de ajudar um psicopata sejam as melhores possíveis, não devemos nem podemos controlar o comportamento dele. Por isso, ignore os repetidos pedidos de chances teatralmente implorados pelo psicopata. Chances são para as pessoas que possuem consciência, indivíduos de bom coração.

Se você está convencido de que não pode controlar ninguém, mas mesmo assim deseja ajudar pessoas de forma geral, então procure apenas as que realmente querem ser ajudadas. Logo, logo você vai descobrir que esse grupo que merece ajuda não inclui as pessoas sem consciência. E lembre-se: o comportamento do psicopata não é culpa sua e muito menos ajudá-lo constitui sua missão de vida.

Quando se trata especificamente de filhos psicopatas, o caso se torna mais sério. Isso porque

os pais tentam desesperadamente entender o comportamento transgressor de seus filhos. Além de passarem anos a fio livrando-os de encrencas, também costumam fazer uma verdadeira via crucis a diversos especialistas médicos. Ao final, amargam a certeza de que muito pouco podem fazer para controlar seus filhos.

10 - Nunca seja cúmplice de um psicopata.

Não negocie com o mal! Jamais concorde, seja por pena, chantagem ou por qualquer outro motivo, em ajudar um psicopata a ocultar o seu verdadeiro caráter. Cuidado com os velhos chavões do tipo "Não conte nada disso a ninguém", "você me deve uma", "em nome dos velhos tempos", "amanhã eu limpo a tua barra", "uma mão lava a outra", que geralmente são proferidos aos prantos ou sussurros cautelosos. Intervenções desse tipo são muito utilizadas pelos psicopatas para convencer alguém a encobrir suas transgressões. Ignore todos esses apelos. As outras pessoas precisam saber desses

"segredos" para que não caiam na mesma armadilha.

11 - Evite-os a qualquer custo.

Se você já identificou um psicopata na sua vida, o único método verdadeiramente eficaz de lidar com ele é mantê-lo longe, bem longe de você. Os psicopatas vivem completamente fora das regras sociais, por isso incluí-los em seus relacionamentos é sempre perigoso. Fique com sua consciência limpa e tranquila, pois você não estará ferindo os sentimentos de ninguém. Por mais bizarro que isso possa parecer, os psicopatas não se importam se serão magoados ou não. Isso por uma razão muito simples, eles não têm sentimentos para serem feridos. E se demonstrarem tristeza, tenha a convicção de que tudo não passa de encenação, puro teatro.

É possível que os seus familiares, amigos ou pessoas do seu convívio nunca entendam por que você está evitando alguém

em particular. Isso ocorre pelo fato de a psicopatia ser um transtorno surpreendentemente difícil de ser detectado e muito mais difícil de ser aceito. Não se espante se amigos e parentes muito bem-intencionados promoverem encontros inesperados para resgatar seus laços com o "coitado excluído". Isso acontece por puro desconhecimento sobre a personalidade psicopática. Mantenha-se firme e evite essa pessoa de todas as formas.

12 - Busque ajuda profissional.

Os danos causados pela passagem (ou permanência) de um psicopata na vida de alguém são devastadores e imensuráveis. Sua vida emocional, física, profissional (ou financeira) e até mesmo sua dignidade podem ser sumariamente destruídas por um deles. Assim, na medida do possível, os familiares e as vítimas de psicopatas devem buscar ajuda médica, psicológica e até mesmo jurídica. É recomendado que esses profissionais tenham profundo conhecimento sobre a natureza da personalidade psicopática. Essa união profissional em favor da vítima é

que poderá fazer com que ela possa se reconstruir.

13 - Dê valor a sua capacidade de ser consciente.

Não se esqueça de que você possui o bem mais valioso que um ser humano pode alcançar. Você tem a sua consciência que lhe confere o dom de amar a própria vida, o planeta e a humanidade como um todo. Por isso, é tão importante desenvolver e aperfeiçoar a nossa consciência. O desenvolvimento da consciência provoca experiências transformadoras em nós. Mudamos a nossa forma de ver, viver, sentir e nos relacionar com o mundo. Com o aperfeiçoamento da consciência, aumentamos a nossa capacidade de amar e, com isso, temos o privilégio de praticar o amor incondicional. Exercer esse amor de forma realista e madura é ter o bem pulsando dentro de nós.

Página 181

CAPITULO 13

Alguma coisa está fora da ordem

Uma breve revisão na história da humanidade é capaz de revelar duas questões importantes no que tange à origem da psicopatia. A primeira delas se refere ao fato de a psicopatia sempre ter existido entre nós. Um exemplo dessa situação é destacado pelo psiquiatra americano Hervey Cleckley ao citar que o general grego Alcebíades, no século V a.C, já preenchia todos os requisitos para ser considerado um psicopata "de carteirinha".

A segunda questão aponta para a presença da psicopatia em todos os tipos de sociedades, desde as mais primitivas até as mais modernas. Esses fatos reforçam a participação de um importante substrato biológico na origem desse transtorno. No entanto, eles não invalidam, de forma alguma, a participação significativa que os fatores culturais podem ter na modulação desse quadro, ora favorecendo, ora inibindo o seu desenvolvimento.

Isso fica claro quando observamos a prevalência de psicopatas em culturas diversas.

Nas sociedades ocidentais, a conduta psicopática tem-se incrementado de maneira assustadora nas últimas cinco décadas. Cotidianamente nos deparamos com jornais e revistas que estampam homicidas cruéis, assassinos em série, políticos corruptos, terroristas, pedófilos, pessoas que maltratam crianças, torturadores de mulheres, líderes religiosos inescrupulo-sos, estelionatários e profissionais desleais.

Tenho a convicção de que todos esses problemas têm se agravado, de modo extraordinário, devido à ação dos psicopatas e de pessoas que vêm adotando formas

"psicopáticas" de convívio. Se isso ocorre é porque nossa sociedade está fundamentada em valores e práticas que, no mínimo, favorecem a maneira psicopática de ser e viver.

De certa forma, estamos contribuindo para promover uma cultura na qual a psicopatia encontra

um campo bastante favorável para florescer.

A cultura dos tempos modernos

A ideologia sobre a qual se alicerça a cultura dos nossos tempos é baseada em três princípios básicos: 1) o individualismo; 2) o relativismo; 3) o instrumentalismo.

De forma compreensível e sem, contudo, aprofundar-me na esfera da filosofia, os três princípios podem ser avaliados da seguinte maneira:

1) O individualismo prega a busca do melhor tipo de vida a se usufruir. Entende-se como o melhor tipo de vida aquele que abrange o autodesenvolvimento, a auto-realização e a auto-satisfação. De acordo com essa concepção, o indivíduo tem a

"obrigação moral" de buscar sua felicidade em detrimento de qualquer outra obrigação com os demais.

2) Segundo o relativismo todas as escolhas são igualmente importantes, pois não há um padrão de valor objetivo que nos permita estabelecer uma hierarquia de condutas.

Assim, qualquer ação que leva o indivíduo a atingir a auto-satisfação é válida e não pode ser questionada.

3) O instrumentalismo afirma que o valor de qualquer coisa fora de nós é apenas um valor instrumental, ou seja, o valor das pessoas e das coisas se resume no que elas podem fazer por nós.

Na verdade, tudo está implícito no primeiro e principal componente da cultura moderna: o individualismo. Assim, o nosso principal objetivo é a realização e a satisfação pessoais. As obrigações que temos com as demais pessoas são meramente secundárias, prevalecendo a obrigação de desfrutarmos a vida da maneira que escolhermos. Dessa forma, as outras pessoas se transformam em simples meios para chegarmos a um fim.

O objetivo maior da ideologia moderna era preservar a liberdade individual. No entanto, essa ênfase sobre a liberdade criou a

grande contradição de nossos tempos: como estabelecer valores morais e éticos num mundo que prioriza as escolhas individuais?

A modernidade foi responsável por uma série de mudanças na nossa forma de ver e sentir o mundo. A revolução tecnológica inundou de conforto nossas vidas. Dispomos de uma imensa variedade de coisas que facilitam nosso dia-a-dia, porém não encontramos tempo disponível

para cultivarmos o nosso lado afetivo. O convívio reconfortante com a família, os amigos e o amor romântico parecem ser coisas do passado, algo lembrado com nostalgia, mas avaliado como utopia nos dias atuais. O

desenvolvimento económico nos tempos modernos fundamenta-se na crença cega de que não podemos "parar" nunca: há sempre o que aprender, conquistar, possuir, descobrir, experimentar... Nada nem ninguém é capaz de nos satisfazer plenamente, pois sempre há novas possibilidades para serem testadas na conquista da tal realização pessoal.

A realização proposta por nossa sociedade só pode ser de aspecto material, pois afetos verdadeiros não podem ser adquiridos nem substituídos na velocidade que nossos tempos preconizam. A cultura do individualismo e o desejo de conseguir bem-estar material a qualquer custo têm provocado erosão dos laços afetivos dentro da nossa sociedade. Com isso, virtudes como a honestidade, a reciprocidade e a responsabilidade com os demais caem em total descrédito. E assim, repletos de conforto e tecnologia, acabamos por nos tornar cada vez mais sozinhos e menos comprometidos com os nossos semelhantes.

Sem sombra de dúvida, o cenário social dos nossos tempos favorece o estilo de vida do psicopata. Ele reflete de forma precisa esse "novo homem", voltado somente para si mesmo, preocupado apenas com o que é seu e desvinculado da realidade vital dos que estão ao seu redor.

A expansão da cultura moderna, repleta de traços psicopáticos, modificou de forma drástica as nossas relações familiares e sociais. Estamos perdendo o senso de responsabilidade compartilhada no campo social e o de vinculação significativa nas relações

interpessoais. O aumento implacável da violência e senão uma resposta lógica e previsível a toda essa situação.

A cultura psicopática está no ar

No campo da ficção, os psicopatas também têm conquistado valorosos espaços. Até bem pouco tempo atrás, nas novelas, nos romances e nos filmes, torcíamos e nos identificávamos com os personagens do bem que, em geral, eram vitimados pelas diversas circunstâncias dos enredos, mas que se mantinham éticos e triunfavam ao final.

Hoje, ficamos fascinados e atraídos pelos vilões e é para eles que dirigimos nossa torcida. E quando esses "bandidos" são ricos e poderosos acabam por se transformar em sedutores de primeira grandeza. Assim, de forma quase natural, estamos abandonando os mocinhos e seus ideais morais de justiça e solidariedade. Os heróis dos novos tempos são maldosos, inescrupulosos e isentos de qualquer sentimento de culpa. Já os personagens bonzinhos despertam em nós um sentimento de pena e até certa intolerância com seus discursos utópicos e ingênuos. Os heróis do passado estão se tornando os otários dos tempos modernos.

O desrespeito, a frieza, a luxúria e a perversidade dos psicopatas estão ganhando espaço nas telinhas e nas telonas, arrebatando espectadores, críticos especializados e atores que buscam fama e reconhecimento profissional ao interpretarem personagens de

"psiquismo tão complexo". Se não tomarmos muito cuidado, acabaremos adotando a conduta psicopática como um estilo de vida eficiente para se alcançar a auto-satisfação ou então como um comportamento adaptativo de sobrevivência.

É hora de pararmos e realizarmos uma profunda reflexão coletiva e individual.

Precisamos definir em que proporções estamos contribuindo para a promoção de uma cultura psicopática. Temos que unir forças para efetuarmos um combate efetivo das ações psicopáticas em todas as suas manifestações. Para começar,

precisamos rever a nossa tolerância em relação as pequenas transgressões do dia-a-dia, como jogar papel no chão, buzinar em frente ao hospital, urinar em postes, cuspir nas calçadas, estacionar em locais proibidos, não recolher os dejetos dos animais de estimação e por aí vai.

E o que dizer de nossa tolerância para com a corrupção? Chegamos ao ponto absurdo de concordar com frases do tipo: "fulano rouba, mas faz." Isso representa a mais pura acomodação política que experimentamos em nossas vidas sociais. Será que acreditamos realmente que exista corrupção benigna? Claro que sabemos que isso não existe, mas tentamos criar justificativas idiotas para abrandar nossas turvas consciências. Sabemos distinguir claramente o que é certo do que é errado, no entanto preferimos relativizar essa questão para nos beneficiarmos das vantagens materiais das

"pequenas" transgressões sociais.

Precisamos reestruturar, de forma urgente, os processos pelos quais nossas crianças e nossos jovens aprendem os valores e os comportamentos sociais. Para que isso ocorra, todas as instituições, tanto públicas quanto privadas, terão que dar a sua parcela de contribuição. Somente uma educação pautada em sólidos valores altruístas poderá fazer surgir uma nova ética social que seja capaz de conciliar direitos individuais com responsabilidades interpessoais e coletivas. A aprendizagem altruísta é o único caminho possível para combatermos a cultura psicopática pautada na insensibilidade interpessoal e na ausência da solidariedade coletiva.

É fundamental destacar que não se trata de cair na velha argumentação da perda da virtude em troca do conforto e do progresso. Não é nada disso! Bem-vindas sejam as conquistas dos novos tempos, como os avanços científicos e tecnológicos, as liberdades de escolhas e de expressões. No entanto, nada disso pode se transformar em justificativa para a aceitação ou a tolerância para com uma sociedade constituída de indivíduos desvinculados dos direitos e das necessidades vitais dos que estão ao redor.

A construção de uma sociedade mais solidária é, a meu ver, o grande desafio dos nossos tempos. E para tal empreitada teremos que harmonizar o desenvolvimento tecnológico com uma consciência que não faça qualquer tipo de concessão ao estilo psicopático de ser ou de viver. A luta contra a psicopatia é a luta pelo que há de mais humano em cada um de nós. É a luta por um mundo mais ético e menos violento, repleto "de gente fina, elegante e sincera".

Página 190

Anexos

(301.7)

Critérios Diagnósticos para Transtorno da Personalidade Anti-social A. Um padrão global de desrespeito e violação dos direitos dos outros, que ocorre desde os 15 anos, como indicado por pelo menos três dos seguintes critérios: (1) incapacidade de adequar-se às normas sociais com relação a comportamentos lícitos, indicada pela execução repetida de atos que constituem motivo de detenção (2) propensão para enganar, indicada por mentir repetidamente, usar nomes falsos ou ludibriar os outros para obter vantagens pessoais ou prazer (3) impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro (4) irritabilidade e agressividade, indicadas por repetidas lutas corporais ou agressões físicas

(5) desrespeito irresponsável pela segurança própria ou alheia (6) irresponsabilidade consistente, indicada por um repetido fracasso em manter um comportamento laboral consistente ou de honrar obrigações financeiras (7) ausência de remorso, indicada por indiferença ou racionalização por ter ferido, maltratado ou roubado alguém

B. O indivíduo tem no mínimo 18 anos de idade.

C. Existem evidências de Transtorno da Conduta com início antes dos 15 anos de idade.

D. A ocorrência do comportamento anti-social não se dá exclusivamente durante o curso de Esquizofrenia ou Episódio Maníaco.

Página 193

ANEXO B

Transtorno de Personalidade Dissociais

Transtorno de personalidade caracterizado por um desprezo das obrigações sociais, falta de empatia para com os outros. Há um desvio considerável entre o comportamento e as normas sociais estabelecidas. O comportamento não é facilmente modificado pelas experiências adversas, inclusive pelas punições. Existe uma baixa tolerância à frustração e um baixo limiar de descarga da agressividade, inclusive da violência. Existe uma tendência a culpar os outros ou a fornecer racionalizações plausíveis para explicar um comportamento que leva o sujeito a entrar em conflito com a sociedade.

Personalidade (transtorno da):

• amoral

• anti-social

• associai

• psicopática

• sociopática

Exclui: transtorno (de) (da):

• conduta (F91.-)

• personalidade do tipo instabilidade emocional (F60.3)

Página 197

Critérios Diagnósticos para Transtorno da Conduta

A. Um padrão repetitivo e persistente de comportamento no qual são violados os direitos individuais dos outros ou normas ou regras sociais importantes próprias da idade, manifestado pela presença de três (ou mais) dos seguintes critérios nos últimos 12 meses, com presença de pelo menos um deles nos últimos 6 meses: Agressão a pessoas e animais

(1) provocações, ameaças e intimidações frequentes

(2) lutas corporais frequentes

(3) utilização de arma capaz de infligir graves lesões corporais (por ex., bastão, tijolo, garrafa quebrada, faca, revólver)

(4) crueldade física para com pessoas

(5) crueldade física para com animais

(6) roubo em confronto com a vítima (por ex., bater carteira, arrancar bolsa, extorsão, assalto à mão armada)

(7) coação para que alguém tivesse atividade sexual consigo Destruição de património

(8) envolveu-se deliberadamente na provocação de incêndio com a intenção de causar sérios danos

(9) destruiu deliberadamente a propriedade alheia (diferente de provocação de incêndio) 201

Defraudação ou furto

(10) arrombou residência, prédio ou automóvel alheios

(11) mentiras frequentes para obter bens ou favores ou para esquivar-se de obrigações legais (isto é, ludibriar pessoas)

(12) roubo de objetos de valor sem confronto com a vítima (por ex., furto em lojas, mas sem arrombar e invadir; falsificação)

Sérias violações de regras

(13) frequente permanência na rua à noite, contrariando proibições por parte dos pais, iniciando antes dos 13 anos de idade

(14) fugiu de casa à noite pelo menos duas vezes, enquanto vivia na casa dos pais ou lar adotivo (ou uma vez, sem retornar por um extenso período)

(15) gazetas frequentes, iniciando antes dos 13 anos de idade B. A perturbação do comportamento causa prejuízo clinica mente significativo do funcionamento social, acadêmico ou ocupacional.

C. Se o indivíduo tem 18 anos ou mais, não são satisfeitos os critérios para o Transtorno da Personalidade Anti-social.

ESPECIFICAR TIPO COM BASE NA IDADE DE INÍCIO:

312.81 Tipo com Início na Infância: início de pelo menos um critério característico do Transtorno da Conduta antes dos 10 anos de idade.

312.82 Tipo com Início na Adolescência: ausência de quaisquer critérios característicos do Transtorno da Conduta antes dos 10 anos de idade.

Página 202

312. 89 Transtorno da Conduta, início inespecificado: a idade do início não é conhecida.

ESPECIFICAR GRAVIDADE:

LEVE: poucos problemas de conduta, se existem, além dos exigidos para fazer o diagnóstico sendo que os problemas de conduta causam apenas um dano pequeno a outras pessoas.

MODERADO: um número de problemas de conduta e o efeito sobre outros são intermediários, entre "leve" e "grave".

GRAVE: muitos problemas de conduta além dos exigidos para fazer o diagnóstico ou problemas de conduta que causam dano considerável a outras pessoas.

SITES ÚTEIS

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA) www.psych.org

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP) www.abpbrasil.org.br CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA (CVV) www.cvv.com.br

DISQUE DENÚNCIA www.disquedenuncia.org.br

ASSOCIAÇÃO DE PARENTES E AMIGOS DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA (APAVV) www.apavv.org.br

CENTRAL NACIONAL DE DENÚNCIAS DE CRIMES CIBERNÉTICOS -

SAFERNET BRASIL www.denunciar.org.br

SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - RJ www.rio.rj.gov.br/smas WlTHOUT CONSCIENCE - R0BERT HARE'S WEB SlTE DEVOTED TO THE

STUDY OF PSYCHOPATHY www.hare.org

WORLD HEALTH ORGANIZATION www.who.int

YOUTUBE - VÍDEOS POSTADOS PELA ESCRITORA GLORIA PEREZ

www.youtube.com/user/gfperez

TELEFONES ÚTEIS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (21)2199-7500

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA (CVV)

- RIO DE JANEIRO: (21) 2233-9191

- CAMPINAS: (19) 3272-7777 -BRASÍLIA: (61) 3326-4111 -SALVADOR: (71) 3322-4111 -CURITIBA: (41)3342-4111

DELEGACIA DA MULHER

- RIO DE JANEIRO: (21) 3399-3690

- SÃO PAULO: (11) 3241-3328 -BRASÍLIA: (61)3242-4300

- SALVADOR: (71) 3116-7000

- CURITIBA: (41) 3223-5323

DISQUE DENÚNCIA

- RIO DE JANEIRO: (21) 2253-1177

- SÃO PAULO: 181

- BRASÍLIA: (61) 3323-8855

- SALVADOR: (71) 3235-0000 -TELEFONE NACIONAL: 100

SECRETARIAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

- Rio DE JANEIRO: (21) 2293-0393

- SÃO PAULO: (11) 3291-9666

BIBLIOGRAFIA

Adolphs, R. Is the human amygdale specialized for processing social information?

Annals ofthe New York Academy of Sciences, n. 985, p. 326-340, 2003.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - DSM-IV-TR. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Trad. Dornelles, C, 4. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Andreasen, Nancy C. Admirável Cérebro Novo: vencendo a doença mental na era do genoma. Porto Alegre: Artmed, 2005.

Babiak, Paul & Hare, Robert D. Snakes in Suits: when psychopaths go to work. Nova York: HarperCollins, 2007.

Bauman, Zygmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

. Vida Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Bazílio, Luiz Cavalieri & Kramer, Sónia. Infância, Educação e Direitos Humanos. 2. ed.

São Paulo: Cortez, 2006.

Bechara, A. et ai. Insensitivity to future consequences following dama-ge to human prefrontal córtex. Cognítion, vol. 50, n. 1-3, p. 7-15, 1994.

Blainey, Geoffrey. Uma Breve História do Mundo. São Paulo: Fundamento Educacional, 2007.

Blair, James; Mitcheíl, Derek & Blair, Karina. The Psychopath: emotion and the brain.

Malden: Blackwell, 2005.

Cárter, Rita. O Livro de Ouro da Mente. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

Casoy, liana. O Quinto Mandamento: caso de polícia. São Paulo: Arx, 2006.

. Serial Killers: made in Brasil. 3. ed. São Paulo: Arx, 2004.

Checkley, Hervey. The Mask of Sanity. 5. ed. St. Louis: Mosby, 1976. Cornwell, Patrícia D. Retrato de um Assassino: Jack, o Estripador:

caso encerrado. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. DaMatta, Roberto. O que Faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco,

1986. Damásio, A. R. The somatic marker hypothesis and the possible functions of the prefrontal córtex. Proceedings of The Royal Society.

n. 351, p. 1.413-1.420, 1996. Damásio, António R. O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro

humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Damásio, H. et ai. The return of Phineas Gage: clues about the brain

from the skull of a patient. Science. 264(5162): 1102-5, 1994. Elias, Norbert. A Solidão dos Moribundos: seguido de envelhecer e

morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Fante, Cleo. Fenómeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. rev. Campinas: Versus, 2005. Ficher, L. & Blair, R. J. R. Cognitive impairment and its relationship to psychopathic tendencies in children with emotional and behav-ioural difficulties. Journal of Abnormal Child Psychology, n. 26, p.511-519, 1998. Généreux, Jacques. O Horror Político: o horror político não é económico. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. Goleman, Daniel. Inteligência Social. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. Grun, Anselm. O Livro das Respostas.

Petrópolis: Vozes, 2008. Hare, Robert D. Without Conscience: the disturbing world of the psychopaths among us. Nova York: Guilford, 1999. Hillbrand, Marc & Pallone, Nathaniel J. (orgs.). The Psychobiology of

Aggression. Binghamton: Hayworth Press, 1995. Hirigoyen, Marie-France. A Violência no Casal: de coação psicológica

a agressão física. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. Jabor, Arnaldo. Pornopolítica:

Paixões e Taras na Vida Brasileira. Rio

de Janeiro: Objetiva, 2006.

210

Jacoby, Russell. O Fim da Utopia. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Kapczinski, Flávio et ai. Bases Biológicas dos Transtornos Psiquiátricos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Katz, Chaim Samuel et ai. (orgs.). Beleza, Feiúra e Psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

Lapierre, Dominique et ai. Ventral frontal deficits in psychopathy: neuropsychological test findings. Neuropsychologia, vol. 33, n. 2, 1995.

Ledoux, Joseph. The Emotional Brain: the mysterious underpinnings of emotional life.

Nova York: Touchstone Books, 1998.

Linger, Peter. Vida Ética: os melhores ensaios do mais polémico filósofo da atualidade.

Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Lion, Elisa. Ferramentas para Viver Melhor: educação emocional para alcançar objetivos. São Paulo: Madras, 2003.

Lipovetsky, Gilles. A Sociedade da Decepção. São Paulo: Manole, 2007.

Lykken, David T. The Antisocial Personalities. Nova Jersey: Lawrence Eralbaum, 1995.

Lynam, Donald R. Early identification of chronic offenders: who is the fledgling psychopath?. Psychological Bulletin, vol. 120, n. 2, p. 209-234, 1996.

Moll, Jorge et ai. Frontopolar and anterior temporal córtex activation in a moral judgment task: preliminary functional MRI results in normal subjects. Arq.

Neuropsiquiatric

2001; 59(3-B):657-664.

Naím, Moisés. Ilícito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Newton, Michael. A Enciclopédia de Serial Killers: um estudo de um deprimente fenómeno criminoso, de "anjos da morte" ao matador do "zodíaco". São Paulo: Madras, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (Coord.) - CID-10. Trad. Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. 10. rev. São Paulo: Universidade de

São Paulo, 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (Coord.). Classificação dos Transtornos Mentais e do Comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnosticas.

Trad. Caetano,

D., Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

Padilha, Valquíria. Shopping Center: a catedral das mercadorias. São Paulo: Boitempo, 2006.

Pamela, Y. et ai. Neurologic abnormalities in murderes. Neurology, n. 45, p. 1.641-1.647, September, 1995.

Patrick, Christopher J. Emotion and temperament in psychopathy. Clinicai Science, p.

5-8, Fali, 1995.

Patrick, Christopher; Cuthbert, Bruce & Lang, Peter. Emotion in the criminal psychopath: fear image processing. Journal of Abnormal Psychology, vol. 103, n. 3, 1994.

Penfold, Rosalind B. Mas Ele Diz que Me Ama: graphic novel de uma relação violenta.

Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

Peralva, Algelina. Violência e Democracia: o paradoxo brasileiro. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Pereira, Glória Maria Garcia. Talento: nova linguagem do dinheiro para a realização pessoal. São Paulo: Futura, 2002.

Pilger, John. Os Novos Senhores do Mundo. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Raine, Adrian. The Psychopathology of Crime: criminal behavior as a clinicai disorder.

San Diego: Academic Press, 1997.

Rangel, Alexandre. As mais Belas Parábolas de Todos os Tempos Volume II. Belo Horizonte: Leitura, 2004.

Ratey, John J. O Cérebro: um guia para o usuário. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Ridley, Matt. O que nos Faz Humanos. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Rodrigues, Fernando. Políticos do Brasil. São Paulo: Publifolha, 2006.

Rose, Steven. O Cérebro do Século XXI: como entender, manipular e desenvolver a mente. São Paulo: Globo, 2006.

Rowlands, Mark. Tudo o que Sei Aprendi com a TV. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

Silva, Ana Beatriz B. Mentes Inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas. São Paulo: Gente, 2003.

Smith, David Livingstone. Por que Mentimos: os fundamentos biológicos e psicológicos. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

Stout, Martha. The Sociopath Next Door: the ruthiess versus the rest of us. Nova York: Broadway Books, 2005. Taille, Yve de La. Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas.

Porto Alegre: Artmed, 2006. Vitaro F. et ai. Reactive and proactive aggression differentially predict

later conduct problems. Journal of Child Psychology and Psychia-try, n. 43, p. 495-505, 2002. Walker III, Sidney. A Dose of Sanity: minds, medicine and misdiagno-sis. Nova York: John Wiley & Sons, 1997. Wall, Frans. Eu Primata: por que somos como somos. São Paulo:

Companhia das Letras, 2007. Wright, Robert. The Moral Animal. Nova York: Vintage Books, 1994.

CONTATOS:

www.medicinadocomportamento.com.br

contato@medicinadocomportamento.com.br

anabeatriz@medicinadocomportamento.com.br

MEDICINA DO COMPORTAMENTO

Dra. Ana Beatriz Barbosa Silva